



MAIS SEGURANÇA

Patrulha Rural reduz crimes em 90% no Sertão do estado

Patrulhamento preventivo na zona rural diminuiu índices de assaltos e até de homicídios. *Página 7*



Cehap dribla a falta de recursos federais para a habitação

Emília Correia Lima faz balanço de programa de parceria que permite construção de moradias para pessoas de baixa renda.

Página 4

Candidatos não podem ignorar o voto jovem, alerta analista

Professor da UEPB e da UFPB, Luciano Nascimento avalia que os eleitores mais novos não decidem eleição, mas renovam o sistema.

Página 3

PB tem 5.118 moradores estrangeiros de 105 nações

Por motivos os mais diversos, eles fizeram residência em solo paraibano e contam como lidam com os choques culturais.

Página 5

Expedição homenageia 1ª mulher a subir o Pico do Yayú

Cerca de 40 pessoas devem participar da aventura em Santa Luzia, lembrando, 62 anos depois, o pioneirismo de Carmita Ferreira.

Página 6

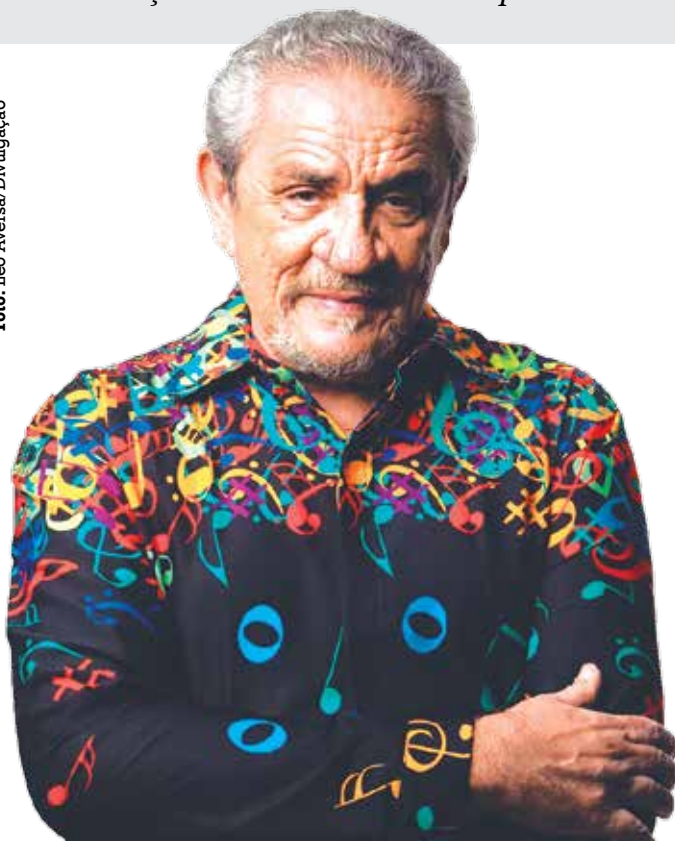


Foto: Ortilo Antônio/Arquivo

Moda circular: vantagens dos itens de segunda mão

Reutilização do vestuário contribui para a diminuição da produção, dos danos ao meio ambiente e gera grandes negócios. *Página 17*

Foto: Léo Aversa/Divulgação



Após 10 anos, Zé Ramalho lança disco de inéditas

Cantor e compositor paraibano fala ao *Jornal A União* sobre seu novo álbum, 'Ateu Psicodélico'.

Página 9



Foto: Luciano Ribeiro/Divulgação

Nova sede do Comando Geral da PM será inaugurada nesta segunda-feira

Prédio localizado às margens da BR-230, em Intermares, Cabedelo, possui 280 salas e estacionamento para 450 veículos.

Página 6



Foto: Secom-PB

■ “A história é uma ciência dos fatos, de sua lógica secreta, mas também do indeterminado. A geografia, por sua vez, apenas sabe dos sonhos irrealizados e dos lugares que amamos.”

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Em 2022, segundo a Abraji, 73 ataques foram registrados contra jornalistas mulheres no Brasil. A maioria deles contém discursos estigmatizantes que buscam difamar e constranger as vítimas”.

Angélica Lúcio

Página 26

A revelação paraibana da luta olímpica

Pedro Henrique, o jovem campinense que conquistou duas medalhas de ouro no Jogos da Juventude.

Página 21



Pensar

Especialistas discutem os vários aspectos da violência no mundo contemporâneo.

Páginas 29 a 32

Editorial

Nova onda

A vida dos pedestres brasileiros não é fácil. A cada dia aumenta o número de pés que trocam o saudável contato com a terra pela carícia artificial da borracha dos pedais dos mais de 100 milhões de veículos automotores que circulam pelo país, divididos em mais de 20 categorias, que vão do automóvel comum à motocicleta, das caminhonetes aos bondes. Sim, os bondes, por incrível que pareça, eles ainda transitam por aí.

A Associação Brasileira de Pedestres tem uma espécie de manual, cujo objetivo é ajudar os transeuntes a sobreviver na chamada “selva de pedra”. São regras elementares, como, por exemplo, respeitar o sinal e usar as faixas de pedestres, ou as passarelas. No final do guia, a entidade faz um alerta aos andantes: “Lembre-se de que enfrentar o trânsito, arriscando sua vida ou a do próximo, não é sinal de coragem. É burrice!”.

Sem dúvida, quem toma precauções ao caminhar sob o céu age corretamente. No entanto, não está livre de ir parar na “zona azul”. Se a concorrência dos automóveis já é grande, o desrespeito em relação às leis de trânsito parece ser ainda maior. Os automóveis tomaram conta das ruas e invadiram as calçadas, sem falar nas bicicletas, que também aparecem em todos os lugares, inclusive vindo ligeiras na contramão.

Outro problema é a infraestrutura, que parece estar sendo direcionada para incentivar as pessoas a abandonar o hábito de caminhar, passando para o “outro lado”, ou seja, tornando-se ciclista ou motorista de automóvel. As faixas de pedestres ainda são poucas, e algumas são tão mal localizadas, que passar por elas é como tentar suicídio. Sem falar nos sinais que abrem e fecham com uma velocidade impressionante.

O poder público poderia tomar para si a missão de incentivar mais as pessoas a andar a pé. Desse modo, ajudaria os habitantes a se conhecerem mais, tornando-se, mais que concidadãos, vizinhos. O passeio faz bem à saúde física e mental e contribui para o desenvolvimento da consciência política. Caminhando, observa-se melhor o que a cidade tem de bom e de ruim, facilitando a atitude crítica.

Remover os obstáculos que entulham as calçadas e as margens das vias expressas seria um bom primeiro passo, no sentido de se criar uma nova onda de valorização do pedestre. Amplas campanhas de educação para o trânsito, destinadas tanto para os andantes como para os pilotos, também seriam de grande valia. Tudo enfim, vale a pena, se o sentido é melhorar por inteiro a qualidade de vida da população.

Artigo

Luiz Carlos Sousa
luizcarlosjp@gmail.com | Colaborador

O discurso de mentira

Chegamos a um ponto da História do Brasil onde as referências não estão bem claras em relação aos destinos do país, pelo menos para quem assiste ao Guia Eleitoral ou visita os candidatos nas redes sociais.

Explico-me: todos, sem exceção, se apresentam como salvadores da pátria, fazem promessas espetaculares de como salvar o país, propondo soluções que qualquer mortal, com um pouco de experiência na administração das próprias contas, sabe que são inviáveis, independentemente do prazo em que sejam executadas - curto, médio ou longo. Não importa, o que se apresenta jamais será viável.

O marketing político faz com que as promessas sejam feitas como se fosse possível a um estalar de dedos, um passe de mágica, mudar todo o cenário político, econômico e social de uma nação explorada desde o descobrimento e, cuja sociedade, se ergueu em meio ao sacrifício de índios e negros.

Não há dúvidas de que as elites falharam na elaboração de um projeto para a nação. Até os dias modernos em que chegamos não sabemos exatamente para onde ir: se para o espaço sideral em busca de respostas para nossa existência ou se resolvemos os problemas de reforma agrária, que ainda insistem em atormentar famílias que não têm um pedaço de terra para plantar o sustento.

Não vendemos cultura, apesar de toda a riqueza da música popular, dos nossos pintores, dos nossos artistas. Estamos fora do principal circuito das artes, longe de Nova York e da Europa, o que torna difícil ser ouvido ou visto.

Nossas universidades produzem conhecimento, temos recursos humanos pós-graduados nos melhores centros acadêmicos do mundo, mas não dispomos dos laboratórios com a tecnologia necessária para que esses profissionais possam pesquisar e produzir mais caminhos na ciência.

Ou seja, ao que parece, estamos sem rumo. E, a depender do que andam prometendo, continuaremos sem itinerário algum, perdidos numa selva de promessas, retóricas e discursos sem compromisso com a possibilidade de sucesso.

E aí chegamos nesse cenário político,

onde o jogo de interesses torna difícil a convivência interna nos próprios partidos, como vimos, recentemente, com a ameaça de uso de armas em uma reunião, onde a discussão sobre a distribuição de recursos para a campanha acabou sendo o principal tema e sequer estava na pauta.

A elite mantém todas as amarras para impedir o desenvolvimento e a distribuição de riquezas que ele propicia para se manter detentora do poder, da mesma forma que o vem exercendo desde que fomos descobertos. A História não conseguiu fazer com que o projeto de país que sonhamos saísse de uma prancheta, imaginem de um computador!

E não há grito que mude esse destino? Nem uma proposta de programa de desenvolvimento? Será que nem a vocação moderna de preservação ambiental, cuja liderança já exercemos no mundo, temos mais condições de defender?

O que vemos é desemprego, atraso tecnológico, indústria sucateada, escolas sem professores, preconceitos de toda sorte contra minorias e mulheres.

Está chegando a hora em que seremos convidados a exercer a cidadania e usar o único instrumento que todos dispõem com igual força para mudanças: o voto.

Espero que esse estado que aflige o país, que nos empobrece a alma e nos deixa sem perspectiva seja varrido de nosso território.

“

Não há dúvidas de que as elites falharam na elaboração de um projeto para a nação

Luiz Carlos Sousa

Foto Legenda

Marcos Russo



Produto em extinção

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Jovita feitosa, voluntária da pátria

A nossa História está recheada de personalidades femininas que se tornaram heroínas pela bravura com que dedicaram suas vidas à luta em defesa de nossa pátria. Dentre elas destaca-se uma jovem cearense que decidiu alistar-se no exército para participar como combatente na Guerra do Paraguai. Seu nome de batismo era Antônia Alves Feitosa, mas ficou conhecida como Jovita Feitosa.

Aos 17 anos, após a morte da mãe, saiu de sua cidade natal e foi morar com um tio, na Província do Piauí. Foi quando tomou conhecimento de que estava acontecendo a Guerra do Paraguai. Revoltada com as informações de que mulheres brasileiras estavam sendo estupradas por soldados paraguaios, resolveu se apresentar como voluntária para integrar as forças combatentes de nosso país. Como não era permitido às mulheres ingressarem nas fileiras do exército, cortou os cabelos, atou os seios com uma cinta, de forma a que ganhasse a aparência de um homem, e assim pudesse ser aceita como “Voluntária da Pátria”.

No entanto, pouco tempo depois, foi descoberta por uma feirante, ao perceber que o suposto soldado tinha furos de brincos nas orelhas. Desconfiada, apalpou o seu corpo e verificou que os seios estavam escondidos nas vestes militares. Foi então levada a uma delegacia e denunciada a mentira que arquitetara. Perante o delegado, Jovita caiu em prantos e confirmou que sua intenção era participar da Guerra do Paraguai. Convenceu o delegado que a interrogara e por consentimento do Barão de Loreto, Franklin Dória, então presidente da província do Piauí, foi aceita como sargento. Passou a usar farda com saio.

Foi autorizada a embarcar para o Rio de Janeiro com os demais voluntários. Sua ousadia e coragem causaram admiração e foi aclamada por onde passava. Tornou-se uma personalidade pública e notória, todos queriam conhecer a mulher do Piauí que desejava ir à guerra. Todavia, seu insisten-

“

Sua ousadia e coragem causaram admiração e foi aclamada por onde passava

Rui Leitão

te interesse em participar daquele conflito bélico, foi frustrado pela decisão do Ministro da Guerra que a destituiu do posto militar. Impedida de se engajar nos embates e vendo seus sonhos patrióticos caírem por terra, decidiu permanecer no Rio de Janeiro, quando se envolveu sentimentalmente com um engenheiro inglês de nome Guilherme Noot, com quem passou a morar. Informada de que teria sido abandonada por ele, que voltara para a Inglaterra sem avisá-la, entrou em profunda depressão e se matou com uma punhalada no coração aos 19 anos de idade.

A curta vida dessa valorosa mulher foi marcada por honrarias e infortúnios, mas reconhecidamente como alguém que revelou a mais alta expressão de civismo que se espera de um brasileiro. O historiador José Murilo de Carvalho, ao biografá-la afirmou que Jovita Feitosa tornou-se “voluntária da morte, dois anos depois de ter sido aceita como Voluntária da Pátria”. Seu nome está inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, em virtude da Lei nº 13 423 de 2017.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

ENTRE 16 E 18 ANOS

Jovem não decide eleição, mas amplia poder do voto

No Brasil, quatro milhões nessa faixa etária têm o título de eleitor nas mãos

Alexsandra Tavares
 lekajp@hotmail.com

■ Para observador político, a participação do jovem significa renovação do sistema de representação do sufrágio popular

A 15 dias para o primeiro turno das Eleições 2022, todo voto conquistado pelos candidatos pode fazer a diferença nas urnas. E a cada pleito, o eleitorado é renovado considerando a participação, sobretudo, dos jovens que atingem a idade necessária para pôr em prática o exercício da cidadania. Este ano, dos 3.091.684 de pessoas aptas a votar na Paraíba, mais de 3% são jovens entre 16 e 18 anos, o que resulta em um volume superior a 105 mil eleitores. Qual seria a importância desse contingente em uma disputa apertada entre os principais candidatos? Será que os jovens têm força para decidir uma eleição polarizada?

O professor de Direito da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e observador político,



Foto: Arquivo pessoal

Nascimento: candidatos devem ficar atentos a esse público

Luciano Nascimento, afirmou que do ponto de vista teórico, considerando um contexto extremamente competitivo e acirrado, o jovem até poderia decidir a eleição. “Mas, a participação do jovem no processo eleitoral não é uma questão decisória. Mas representa uma renovação do sistema de representação do sufrágio popular. Ou seja, a ideia da presença do jovem nesse processo, por meio do voto, como direito e dever, é mais uma questão de atualização, manutenção e continuação do sistema político democrático representativo liberal moderno”.

O observador político enfocou, porém, que é importante para todo candidato estar atento a este público para poder entender suas demandas, o universo ao qual faz parte e manter um

diálogo com o jovem. “Eles devem observar também que esse eleitorado representa a renovação, manutenção e continuação do processo eleitoral. Então, há duas perspectivas em relação a esse público, e nenhum candidato pode desconsiderar o voto dos jovens”.

Voto facultativo

Com relação ao voto facultativo, no caso dos eleitores de menor idade, Luciano Nascimento declarou que há um incentivo por parte da Justiça Eleitoral sobre a participação deles nas urnas. Isso pode significar a necessidade da manutenção de um sistema de representação do exercício do poder e, portanto, uma forma de civilidade política, que é a representação do sufrágio popular: o poder emana do povo segundo a Constituição Federal. “Mas esse poder é exercido, em regra, por representação, e, obviamente, quanto mais gente puder legitimar essa representação, mais legítimo e legal será o Sistema”, salientou Luciano.

Saiba Mais

No Brasil, dos 156.454.011 de eleitores, 2,6%, são jovens entre 16 e 18 anos, o que soma mais de quatro milhões de pessoas. De acordo com Luciano Nascimento, mesmo que esses jovens tenham em mãos o título de eleitor, não significa dizer que todos vão estar nas sessões eleitorais em outubro, principalmente aqueles em que o voto é facultativo. “Mas, se todos comparecerem ao pleito, teremos uma presença de jovens, no polo facultativo do exercício da cidadania e da democracia, jamais vista nas outras eleições. Mesmo assim, essa participação não tem poder decisório”.

Eles se sentem despreparados e ansiosos

Foto: Arquivo pessoal



Pedro já sabe em quem votar

Nas ruas, alguns jovens que vão votar pela primeira se mostram ansiosos para o dia das eleições. Apesar de terem se esforçado para entender a complexidade do sistema democrático ao qual estão inserido e se mostrarem dispostos a darem suas contribuições na hora da votação, eles se queixam sobre as dificuldades encontradas para se constituírem como eleitores conscientes e preparados para o exercício da cidadania.

O estudante Felipe Fernandes, 16 anos, decidiu ir à urna esse ano porque entende que é um dever como cidadão participar desse momento do país. Ele revelou, porém, que entre os amigos, há indecisão quando o assunto é a escolha dos representantes durante o pleito. “Muitos deles não têm

Foto: Evandro Pereira



Danielly se queixa de “fakes”

é Pedro Henrique Carvalho, 17 anos. Ele confessou que não se sente totalmente preparado para escolher um representante, mesmo assim acredita que é importante exercer esse direito. “Não tenho tanto conhecimento sobre política, mas já possuo uma base e sei em quem vou votar. Aprendi muitas coisas com meus pais e algumas pessoas da minha família”.

Já estudante Fabyanny Kethyllen, 15 anos, ainda não está apta a ir às urnas, já que não terá 16 no dia da eleição, mas já está se preparando para o próximo pleito. Ela contou que busca informações em livros, na internet, em conversas com familiares e amigos, para entender melhor sobre o universo político.

Outro estudante que vai votar esse ano pela primeira vez

Foto: Evandro Pereira



Fabyanny: “Falta informação”

processo de formação do jovem. “A escola deveria incentivar mais, porque os jovens que querem votar aos 16 anos devem ter o mínimo de formação política e isso falta muito nas escolas”.

A amiga, Danielly Silvestre, 15, também frisou que está se informando bastante para votar de forma consciente nas próximas eleições. E em meio à avalanche de informações que chegam até ela, por diversos meios de comunicação, disse que precisa estar muito atenta sobre o que é realmente importante. “De um lado, essas informações ajudam a nos preparar, mas por outro ficam a desejar, porque há muitas fake news e também há quem defenda só um lado, aqueles em que elas acreditam”.

Foto: Evandro Pereira



Felipe Fernandes: “Um dever”

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

STF DEVERÁ MANTER SUSPENSÃO DE DECRETOS DE BOLSONARO QUE FLEXIBILIZA COMPRA DE ARMAS

Foto: Nelson Jr/STF



É pertinente o voto do ministro Edson Fachin (foto), do STF, relator das ações que pedem a suspensão de trechos de decretos do presidente Jair Bolsonaro (PL) que flexibilizam a compra e o porte de armas de fogo no país. Em seu parecer pela suspensão, Fachin sustentou: “O início da campanha eleitoral exaspera o risco de violência política... à luz dos recentes e lamentáveis episódios de violência política, cumpre conceder a cautelar a fim de resguardar o próprio objeto de deliberação desta Corte. Noutras palavras, o risco de violência política torna de extrema e excepcional urgência a necessidade de se conceder o provimento cautelar”. Até agora, dos 12 ministros, quatro seguiram o relator: Ricardo Lewandowski, Luís Roberto Barroso, Gilmar Mendes e Alexandre de Moraes. Os demais terão até a próxima terça-feira para apresentar seus votos: Carmen Lúcia, Luiz Fux, Dias Toffoli, Nunes Marques, André Mendonça e Rosa Weber. A tendência é que o STF, por maioria, mantenha a suspensão dos decretos.

ESTÁ JOGANDO O JOGO

Na agenda que cumpriu em Campina Grande, Ciro Gomes usou uma metáfora futebolística para dizer que está preparado para governar o Brasil: “Eu estou pedindo a bola, tenho experiência, já fui artilheiro. Estou no ponto, se passarem a bola, eu faço um gol de placa e devolvo ao povo brasileiro a confiança no futuro”.

ABRIRÁ UM PRECEDENTE?

A decisão do ministro Ricardo Lewandowski, que liberou os recursos do fundo e do fundo partidário para os candidatos a deputado federal Douglas Lucena e Jacó Maciel, pode criar um precedente para outros casos na Paraíba, entre eles o de Ricardo Coutinho (PT) – o TRE-PB, que negou registro de candidatura para ambos, havia bloqueado o acesso deles a recursos de campanha. É o mesmo caso do petista.

“DANO DE DIFÍCIL REPARAÇÃO”

Em seu parecer sobre o caso de Douglas Lucena e Jacó Maciel, o ministro Ricardo Lewandowski apontou a existência de risco de dano de difícil reparação aos direitos dos candidatos. “Verifico que a interrupção cautelar do financiamento público, dada à proximidade da data do pleito, coloca em risco a campanha do requerente, causando-lhe dano de difícil reparação”.

DISPUTA PELO VOTO EVANGÉLICO

O eleitorado evangélico é, sem dúvida, um dos mais disputados pelos presidencialistas. O presidente Bolsonaro (PL) tem melhor desempenho do que Lula no segmento, mas a diferença caiu, aponta o Datafolha. Lula marca 32% de intenções de voto entre os evangélicos contra 49% de Bolsonaro. Na rodada anterior, os índices eram, respectivamente, de 28% e 51%. Ou seja: o petista subiu 4% e o presidente caiu 2%.

SENADO: NOVO DEBATE EM CG

Haverá novo debate amanhã entre candidatos que disputam o Senado na Paraíba. Será na TV Borborema, das 11h às 13h, com transmissão também pelas redes sociais da emissora, no Facebook e no YouTube. Estão confirmadas as participações de André Ribeiro (PDT), Pollyanna Dutra (PSB), Ricardo Coutinho (PT), Alexandre Soares (PSOL), Bruno Roberto (PL), Efraim Filho (União Brasil) e Sérgio Queiroz (PRTB).

NA PESQUISA CNT/MDA, ALTO ÍNDICE DE REJEIÇÃO SURPREENDE

Um dado relevante na pesquisa MDA, encomendada pela Confederação Nacional do Transporte (CNT), é o alto índice de rejeição dos principais candidatos ao Palácio do Planalto, na pergunta estimulada. Bolsonaro (PL) lidera, com 55,4% dos entrevistados afirmando que “não votariam” no presidente. Em seguida vem Ciro Gomes (PDT), com 50,1%; Lula (PT), com 46,3%, e Simone Tebet (MDB), com 44,7%.

Emília Correia Lima

Presidente da Cehap

Programa Parceiros da Habitação dribla “seca” de recursos



Cehap espera fechar o balanço do programa com quase oito mil moradorias; ainda assim, déficit habitacional persiste

Lucilene Meireles
lucilene@epc.pb.gov.br

A política habitacional no Brasil encolheu nos últimos quatro anos pela falta de recursos do Governo Federal. A Paraíba, assim como as demais unidades da federação, sofreu o impacto e precisou se reinventar para manter a população assistida. O Programa Parceiros da Habitação (PPH) nasceu da necessidade de continuar o trabalho de construção de novos imóveis nos municípios paraibanos para as pessoas de baixo poder aquisitivo ou as que não têm nenhuma renda. Através de parcerias, o número de unidades habitacionais entregues, em construção ou em vias de início das obras, chega a quase oito mil, com um investimento de R\$ 143 milhões. Ainda assim, existe um déficit habitacional. “Continuamos com um déficit quantitativo em torno de 100 mil a 120 mil na Paraíba. Se for analisar o qualitativo, que são os que não têm água e uma série de outros aspectos, esse número aumenta”, disse a presidente da Cehap, Emília Correia Lima.

A entrevista

■ Qual a política habitacional da Paraíba hoje?

A política habitacional, tradicionalmente, é cara e sempre financiada pelo Governo Federal. Para baixa renda, desde 1º de janeiro de 2019, não foi feito nenhum contrato novo, nem na Paraíba e nem no Brasil, para a faixa mais vulnerável que chamamos de faixa 1 – renda familiar entre R\$ 1.800 a R\$ 2 mil –, que era o antigo Minha Casa Minha Vida, que virou Casa Verde e Amarela. O que existe é apenas um contrato, para o qual não saiu dinheiro, de protótipos, experiências, mas não uma política verdadeira. Em função disso, para que a Paraíba não ficasse de braços cruzados, o Governo do Estado juntou o pouco que tem e reuniu parceiros para conseguir fazer a política habitacional.

■ Que programa é esse?

É o Programa Parceiros da Habitação (PPH), do Governo do Estado, através da Cehap. Hoje estamos terminando tudo que foi assinado antes de 2019, o que estava parado, enganchado. Mesmo que não seja do Governo do Estado, estamos indo para poder dar a contribuição. Temos para entregar um conjunto grande em Patos, assinado na época de Michel Temer. Também entramos para casas do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em três municípios. Entramos com os movimentos sociais para complementar, como as

Escrituras

Uma das grandes preocupações da Cehap é fornecer as escrituras dos imóveis que deixaram de ter esse documento no passado

500 casas de Santa Rita e 100 de Belém. Onde tem algum problema ou alguma fonte de recurso, alguma possibilidade de habitação na Paraíba, o Estado está presente.

■ Quantos imóveis foram entregues pelo programa? E qual o valor do investimento?

Entregues e as pessoas morando, 3.741, nos últimos quatro anos. Porém, temos obras em andamento com entrega prevista para o mês de fevereiro de 2023, temos 800 casas em Patos e 2.986 que estão sendo construídas e serão entregues ao longo do primeiro semestre. Além destas, temos mais 1.168 começando. Quando somamos esses números, do que entregamos, do que está começando, do que está certo, e não de sonhos para o futuro, arredondando, são quase oito mil casas, exatamente 7.895 unidades habitacionais. Nesses projetos, nós investimos no Estado R\$ 143 milhões ou, em números pre-

cisos, R\$ 142.877.496 milhões.

■ O que está previsto em habitação para os próximos anos?

Se, nacionalmente, continuar sem o Governo Federal colocar os recursos para os Estados planejarem e fazerem o trabalho, que é atribuição dele, continuaremos com o programa do Governo do Estado, o PPH, que já alcança 50 municípios, entre já entregando, construindo, analisando os parceiros da habitação, e iremos para o resto dos municípios. Mas, se o Governo Federal começar a olhar, teremos outra realidade, uma política habitacional que atenda a quem mais precisa. Isso em relação à faixa 1, porque na faixa 2 – renda familiar entre dois a três salários mínimos –, com FGTS, temos alguns projetos que estão em análise na Caixa em parceria com a iniciativa privada. Tem para Campina Grande, Patos e fizemos o chamamento para João Pessoa. Fomos habilitados também para ser agente financeiro do protótipo de regularizar bairros e fazer reforma de casas.

■ Como está o andamento projeto Cidade Madura, que é voltado para pessoas idosas?

Estamos para entregar na cidade de Monteiro. Em Bayeux, está em plena construção. Nos municípios de Mamanguape e Catolé do Rocha, está fase de licitação, com previsão de começar em breve. Assim, continuamos com a política do Cidade Madura, que é para os idosos que têm autonomia de vida. Não se trata de asilo. O Cidade Madura é voltado para idosos que têm autonomia.

■ Qual o déficit habitacional hoje na Paraíba?

O Governo Federal tinha um convênio com a Fundação João Pinheiro, que levantava o déficit no Brasil inteiro. Porém, como todas as coisas, esse acompanhamento foi suspenso. Nós temos apenas dados anteriores, mas que não devem estar tão diferentes dos atuais. Então, eu diria que continuamos com um déficit quantitativo em torno de 100 mil a 120 mil na Paraíba. Se for analisar o qualitativo, que são os que não têm água e uma série de outros aspectos, esse número aumenta.

■ Como a população que quer possuir um imóvel deve proceder para ter acesso aos programas do Governo do Estado?

Inicialmente, é preciso se inscrever na Cehap e deixar seus dados sempre atualizados. Isso é importante porque, muitas vezes, quando vamos fazer a visita, a pessoa mudou de endereço, de telefone, esquece de atualizar e nós não conseguimos encontrar. Isso é frequente. Também orientamos a sempre ficar acompanhando as notícias da Cehap. Em João Pessoa, por exemplo, há mais de 100 mil pessoas inscritas, quando o déficit é pouco mais de 20 mil. Muita gente não está no critério e se inscreve. Se cancelarmos e chamarmos novamente, virão as mesmas pessoas. Nós visitamos quando vai para a seleção. Quando fazemos um empreendimento, pedimos que as pessoas que já estão inscritas digam se querem participar dessa seleção para um imóvel que fique mais próximo ao seu trabalho, por exemplo, e não correr o risco de desistir depois pela dificuldade de locomoção.

■ O interessado que não tem rendimentos, mas sonha com a casa própria, tem acesso à política habitacional do Estado?

Com certeza, sim. Temos as políticas para baixa renda e temos algumas que pegam as pessoas que não têm renda. Para a faixa 2 é que tem que ter renda. É um financiamento subsidiado. Temos um de oito andares em construção próximo ao Detran, em João Pessoa. Porém, para a faixa 1, a renda é de nenhuma até R\$ 2 mil de renda familiar.

■ Como está a questão das escrituras de casas que foram entregues anteriormente?

Estamos com uma política muito forte de legalização das escrituras definitivas de todas as casas. Antigamente, não se tinha essa necessidade e preocupação. Muitas casas da Cehap foram construídas ao longo de 50 anos e temos como meta dar o direito de todo mundo poder ter essas escrituras. Só de 2019 para cá, estamos perto de cinco mil documentos aos quais as pessoas têm direito. Os municípios estão despertando para isso e vêm as reivindicações dos conjuntos para

que seja feita a entrega das escrituras.

■ O nome do proprietário do imóvel é sempre o da mulher. Por que essa determinação?

Pela lei geral, quando tem financiamento, tem que ser quem entra na questão do financiamento. Mas, quando pode, de acordo com o programa, se coloca sempre, prioritariamente, o nome da mulher, embora se possa colocar os nomes dos dois. Inclusive, temos muitas mulheres chefes de família e, no caso de filhos, normalmente a mulher protege mais, pensa mais na questão dos filhos. Então, fica uma proteção. Em uma questão de separação, por exemplo, a propriedade do imóvel é da mulher.

■ Como a sra. falou, ainda não se conseguiu vencer o déficit habitacional no Estado. Qual seria, então, sua avaliação da situação?

A minha avaliação é que nesses quatro anos de retenção de recursos federais, com “chuvas muito esparsas” e “seca” quase completa, o Governo do Estado se saiu bem, inclusive em relação aos outros estados, fazendo esse programa e agindo nas várias frentes em que teve alguma condição de apresentar algum recurso. Quando você está na “seca” de recursos federais e consegue, só com contratos anteriores a esta gestão federal, assinados, e com o programa daqui – porque o Estado não tem dinheiro suficiente para isso, mas com as parcerias com prefeituras, movimentos sociais e beneficiários – atingir quase oito mil unidades para o Estado da Paraíba isso pode ser considerado um bom resultado. Houve muito esforço para conseguir chegar a isso.

“Seca”

Emília acredita que estado da Paraíba se saiu bem em meio à escassez quase total de recursos para programas de moradias

UMA NOVA VIDA

Estrangeiros que abraçaram a PB

Dados da PF apontam que 5.118 estrangeiros, de 105 nacionalidades, residem atualmente no estado

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

De acordo com o dicionário Oxford Languages, estrangeiro é aquele que “é de outro país, que ou o que é proveniente, característico de outra nação”. Na Paraíba, de acordo com dados fornecidos pela Polícia Federal (PF), existem 5.118 estrangeiros de 105 nacionalidades diferentes, como venezuelanos, portugueses, colombianos, italianos, estadunidenses, entre outros, e um apátrida (pessoa sem nacionalidade reconhecida). São pessoas que saíram de seus países para viverem no Brasil, mais precisamente em terras paraibanas, por sobrevivência, história de amor, oportunidade de trabalho ou qualquer outro motivo.

Natural de Nápoles, no sul da Itália, Massimo Antonacci, de 47 anos, mora no Brasil há 15 anos, sendo 13 deles já na Paraíba. O empresário do ramo de confecções veio ao país pela primeira vez por acaso em uma de suas férias. O plano inicial era conhecer a Venezuela, mas, por conta dos conflitos locais, foi necessário mudar a rota, trocando assim pelo Brasil. O encantamento foi instantâneo, porém ele ainda não sabia das surpresas que as terras brasileiras iam lhe proporcionar.

Quando voltou para a Itália, por acaso conheceu Danielle Antonacci, na época Danielle Gomes, pela internet. Depois de quatro anos de namoro a distância, Massimo conta que, “além de amar o Brasil, agora tinha dois motivos para vir morar aqui”. Em 2007, ele decidiu ir residir em Brasília, cidade de Danielle, e depois de dois anos escolheram a Paraíba para fixar residência.

Apesar da saudade de familiares e amigos italianos, Antonacci afirma que tem sua família aqui e não tem vontade de retornar para Nápoles. Em João Pessoa, ele gosta das praias, da estrutura da cidade e do jeito simples de viver. “Na Europa as pessoas correm o tempo todo, acho que nunca têm momentos de total relax e de paz. Aqui, pelo contrário, o brasileiro é craque em formas de relaxar e, apesar de ser julgado por isso (principalmente os nordestinos), ao meu ver estão certíssimos”, justificou.

O primeiro contato com o Brasil foi a partir de Brasília, mas Massimo enfatiza que João Pessoa é diferente. “Eu não voltaria para o meu país, adoro tudo aqui, o clima, o jeito de viver, as comidas, a alegria, a simplicidade. Não mudaria nada, faria a mesma escolha 100 vezes. Morar aqui e criar minha família aqui foi a melhor escolha”, disse.

Opção profissional e a procura pelo novo

“

Meu lugar é aqui já faz tempo. E quanto aos aspectos práticos, como a gastronomia, ou culturais, a oferta local ou on-line dá conta demais

Didier Guigue

Dos 168 franceses que residem na Paraíba atualmente, um deles é Didier Guigue, de 68 anos, compositor e professor do Departamento de Música (Demus) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que reside no Estado há 40 anos. Ele, que é natural de Provence, no sul da França, deixou seu país por uma proposta de trabalho no Demus da UFPB e o posto de fagotista na Orquestra Sinfônica da Paraíba. Em 2018 recebeu o título de cidadão paraibano em razão dos serviços prestados para a cultura local.

O principal impulso para aceitar a proposta de emprego foi o desejo pelo novo e pelo risco do desconhecido, além de sentir que as atividades em questão permitiram que o compositor expandisse seus horizontes de músico clássico que atuava em Paris até então. Além de profissional da música, Didier também é pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) há 25 anos.

Em relação à saudade de seu país natal, Guigue destaca que gosta de retornar para passear ou visitar sua filha e alguns amigos, mas não sente aquele “vínculo de pertencimento”. “Meu lugar é aqui já faz tempo. E quanto aos aspectos práticos, como a gastronomia, ou culturais, como cinema e literatura, a oferta local ou on-line dá conta demais”, afirmou o compositor.

Uma das coisas que mais encheram os olhos de Didier quando chegou por aqui foi a receptividade das pessoas, mas não só isso. “A multiplicidade das camadas culturais, que são capazes de dialogar entre si. As amizades que eu fiz. A região Nordeste como um todo, suas particularidades, e sua história de resistência”, listou ele. E mesmo que nem tudo tenha sido uma boa experiência, ele acredita que faz parte, pois “qualquer imigrante passa por uma série de perrengues, obstáculos ou rou-



Massimo Antonacci está no Brasil há 15 anos, onde formou família

badas até que consiga entender o funcionamento da sociedade em que está se inserindo”.

Há também aqueles que já possuíam parentes aqui, como no caso do holandês Albert Jansen, de 68 anos. O escritor veio para visitar o seu pai que morava em Campina Grande na época e permaneceu no Brasil desde então, há 30 anos. Atualmente, ele conta que não sente muita saudade da Holanda. “Acho

que porque me acostumei e gosto bastante daqui, onde fiz minha vida”, completou.

Em relação à adaptação, Albert lembra que foi, relativamente, fácil, pois já tinha viajado para muitos lugares antes de aterrissar de vez no Brasil. Contudo, em alguns casos, uma grande aliada para facilitar o processo de adaptação em um local novo é a universidade e a comunidade acadêmica, de forma geral.

O papel da universidade no acolhimento

De acordo com a doutora em Antropologia e professora do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, Sílvia Nogueira, os estudantes internacionais buscam universidades estrangeiras para capacitação profissional, mas a formação no exterior “torna-se uma oportunidade para a mobilidade social deles próprios e da sua família, podendo impactar também no próprio desenvolvimento do seu país de origem”.

A professora ressalta que quando uma instituição de ensino superior se coloca atenta às questões dos alunos internacionais, considerando os seus desafios e responsabilidades, e quando a comunidade acadêmica se dispõe a recebê-los bem, esses estudantes podem criar vínculos profundos e laços sociais duradouros “que podem se reverter em aperfeiçoamento da internacionalização da instituição, intercâmbios com emissão de professores, pesquisadores e alunos brasileiros para fora e outros tipos de parcerias colaborativas”, explicou Nogueira. Já do ponto de vista social, essa

parceria pode contribuir no desenvolvimento local, além de aprimorar o próprio estudante como cidadão. César Sebastião é um exemplo desse intercâmbio e dos frutos desse acolhimento. O angolano, de 30 anos, se formou em Administração pela UFPB e atualmente é mestrando em Gestão Pública e Cooperação Internacional pela mesma instituição. Mas, além disso, ele também é empreendedor, dono de um *delivery* de comida africana. O administrador está há oito

anos na Paraíba e veio para fazer a graduação. Ele conta que sente saudades de seu país todos os dias, mas agora tem esposa e filho aqui no Brasil, o que ajuda a equilibrar os sentimentos – porém, ainda sente o desejo de, em algum momento, retornar com sua família para a Angola, afinal, “não há nenhum lugar melhor que a sua casa”. Estar em João Pessoa, para ele, é um misto de ônus e bônus, pois adora a tranquilidade que a capital paraibana proporciona, mas os desafios ligados ao racismo não passam despercebidos.

anos na Paraíba e veio para fazer a graduação. Ele conta que sente saudades de seu país todos os dias, mas agora tem esposa e filho aqui no Brasil, o que ajuda a equilibrar os sentimentos – porém, ainda sente o desejo de, em algum momento, retornar com sua família para a Angola, afinal, “não há nenhum lugar melhor que a sua casa”. Estar em João Pessoa, para ele, é um misto de ônus e bônus, pois adora a tranquilidade que a capital paraibana proporciona, mas os desafios ligados ao racismo não passam despercebidos.



PICO DO YAYÚ

Expedição lembrará feito histórico

Grupo subirá o monolito de 400 metros de altura em Santa Luzia para lembrar o pioneirismo de Carmita Ferreira

Carmita Ferreira foi a primeira mulher a subir o Pico do Yayú, em 1960. Hoje, uma nova expedição fará o mesmo percurso

Mayra Santos
 mayraalvessantos@hotmail.com

A 2ª Expedição Carmita Ferreira acontecerá hoje, em alusão aos 62 anos da primeira vez que uma mulher subiu ao Pico do Yayú, monolito de cerca de 400 metros de altura localizado no município de Santa Luzia, no Sertão paraibano, à margem da BR-230. A expedição é organizada pelo Projeto Yayú Aventura cujo objetivo é promover ecoturismo por meio da história e da cultura da localidade.

O grupo que participará da trilha sairá às 5h30 para o Parque Forró, seguindo de ônibus para o Pico do Yayú, chegando lá por volta das 6h30, onde ocorrerá a trilha que possui uma extensão de quatro quilômetros, sendo dois quilômetros para ir e dois quilômetros para voltar. O trajeto previsto é considerado de nível moderado a di-

fícil, com duração de três a quatro horas. A expectativa é de que participem 40 pessoas nesta expedição.

De acordo com o coordenador do Projeto Yayú Aventura, Manuel Marinho, “essa expedição, além de fomentar a história e a cultura, promove o ecoturismo da cidade e chama a atenção para o aspecto ambiental, da preservação, uma vez que várias empresas de energia alternativa (eólica e solar), se instalam na cidade. Por isso, nossa pretensão também é de chamar atenção para preservação e promoção do meio ambiente e da fauna e flora local”.

Além disso, o coordenador informou que este ano, devido aos 62 anos do feito de Carmita Ferreira, houve uma adesão muito significativa e simbólica, visto que a expedição contará com a participação de 19 expedicionários que possuem algum laço familiar com aqueles que participaram em 1960,

são filhos, netos, bisnetos, o que acaba abrangendo, praticamente, toda cidade.

Ao percorrer a trilha e chegar ao topo, será colocada uma cruz de madeira com dimensões 6x3 metros, iluminada com led, alimentado por energia solar, que dará destaque e visibilidade ao pico quando observado da sua base e a uma distância considerável.

Projeto Yayú Aventura

O Yayú Aventura é um projeto independente que surgiu em julho de 2020, com pouco mais de dois anos, sendo voltado para prática de trilhas, de ecoturismo, sempre com uma vertente histórica e cultural. “Isso aconteceu por uma necessidade das pessoas fazerem alguma atividade ao ar livre, que não a colocassem em risco, em relação à pandemia. Foi uma forma de sair de casa, e essa era uma das poucas atividades possíveis”, contou Manuel Marinho.

O projeto Yayú mensalmente realiza atividades de ecoturismo. Para acompanhar a agenda do projeto, basta acessar o Instagram @Yayuaventura, onde será possível encontrar mais informações.

Primeira expedição

A primeira expedição Carmita Ferreira ocorreu em 18 de setembro de 1960, com participação de 18 homens e uma mulher, sendo eles: Antônio Cesarino da Nóbrega, Valder de Souza, José Moraes, Francisco Fernandes, Hipólito Medeiros, Ademar Medeiros, Jeová Batista, Roberval Elizeu, Homero Vilar, Francisco Antônio da Nóbrega, Mário Ferreira de Medeiros, Pedro Benício, Francisco de Assis Pereira, Cícero Aprígio, Olavo Agripino, Luiz dos Santos Oliveira, Francisco Raimundo de Medeiros, Antônio Matias dos Santos e Dona Carmita Ferreira.



Carmita Ferreira (foto acima) juntamente com integrantes da expedição com a bandeira do município de Santa Luzia no Pico Yayú, cujo cume foi alcançado no dia 18 de setembro de 1960

Fotos: Acervo Mário Ferreira

SEGURANÇA PÚBLICA

Novo Comando Geral da Polícia Militar terá a sede inaugurada, amanhã, em Intermare

A Polícia Militar da Paraíba vai ganhar, amanhã, às 16h, a nova sede do Comando Geral, que funcionará em uma estrutura moderna e bem localizada, às margens da BR-230, no bairro de Intermare, em Cabedelo. Para a entrega do equipamento, o Governo do Estado investiu mais de R\$ 1 milhão.

Com a nova sede, que tem 280 salas e estacionamento com capacidade para 450

veículos, os policiais sairão de um prédio que tinha sido construído em 1853 e não mais oferecia condições adequadas para o trabalho dos profissionais.

Além de toda a parte da administração da corporação, o novo equipamento abrigará também a sede do Comando de Policiamento Regional Metropolitan, que será beneficiado com o acesso direto para as cidades de

João Pessoa, Bayeux, Santa Rita, entre outras.

A inauguração acontece uma semana depois de a Paraíba ser reconhecida pelo Centro de Liderança Pública (CLP) como o melhor do Norte/Nordeste em Segurança Pública no Ranking de Competitividade dos Estados, duas posições a mais que o obtido em 2021. Foi a unidade da Federação com mais indicadores acima da

média neste pilar, que considera itens como Segurança Pessoal, Segurança Patrimonial, Mortes a Esclarecer, Qualidade da Informação de Criminalidade, entre outros.

O novo Comando Geral também reforçará a segurança na região onde será instalada, já que terá uma grande movimentação de policiais, além de ter helicóptero para as aeronaves, caso seja necessário.



Foto: Secom-PB

Foram investidos mais de R\$ 1 milhão na nova sede do Comando Geral da Polícia Militar, que possui 280 salas

Sicredi

EDITAL DE 1ª E 2ª LEILÕES PÚBLICOS DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA DE IMÓVEIS E DE INTIMAÇÕES COOPERATIVA DE CRÉDITO, POUpança E INVESTIMENTO SICREDI EVOLUÇÃO - SICREDI EVOLUÇÃO, sociedade cooperativa, CNPJ nº 35.571.249/0001-31, com sede em João Pessoa - PB, na Av. Marechal Deodoro da Fonseca, nº 410, Torre, seten Capital, torna público que realizará LEILÕES PÚBLICOS para a venda dos imóveis abaixo discriminados, a serem conduzidos pelo LEILOEIRO OFICIAL MIGUEL ALEXANDRINO MONTEIRO NETO, inscrito na Junta Comercial do Estado da Paraíba, sob a portaria de nº 012/2015, leiloeiro 012, o fazendo sob o amparo do art. 27, da Lei nº 9.514/97, que institui a alienação fiduciária de coisa imóvel, esclarecendo que o 2º Leilão ocorrerá se no primeiro o maior lance oferecido for inferior ao valor do imóvel, conforme abaixo indicado. No 2º Leilão será aceito o maior lance oferecido, desde que igual ou superior ao valor da divida, das despesas, dos prêmios de seguro, dos encargos legais, inclusive tributos e comissão do leiloeiro, conforme previsto nos parágrafos 2º e 3º do dispositivo legal acima citado.

O leilão será realizado na modalidade ELETRÔNICA.

LOCAL: pelo portal www.leiloesmonteiro.com.br

O 1º Leilão será realizado em 23 de setembro de 2022 às 09h:00min, pelo lance mínimo de R\$ 1.165.000,00 (um milhão e cento e sessenta e cinco mil reais), com o encerramento previsto para as 10h:00min.

O 2º Leilão será realizado em 26 de setembro de 2022 às 09h:00min, pelo lance mínimo de R\$ 1.830.331,66 (Um milhão oitocentos e trinta mil trezentos e trinta e um reais e sessenta e seis centavos) com o encerramento previsto para as 10h:00min.

ADVERTÊNCIAS ESPECIAIS: Quem pretender arrematar (do(s) bem(ns)) deverá ofertar lances pela Internet através do site www.leiloesmonteiro.com.br, devendo, para tanto, os interessados efetuar cadastramento prévio, no prazo máximo de até 48 horas de antecedência do leilão, confirmar os lances participar das disputas e em sendo vencedor, recolher a quantia respectiva, para fins de lavratura do termo próprio, ficando cientes de que os arrematantes deverão depositar o valor total da arrematação, à vista e em uma única parcela, em moeda nacional e/ou comprovação de efetivação da Transferência Eletrônica de Documentos (TED), no momento da arrematação, a partir do encerramento do leilão.

REFERENTE A CÉDULA DE CRÉDITO BANCÁRIO LIMITE ROTATIVO - CONTA GARANTIDA Nº 11099-6, emitido em 20/12/2017, que tem como ASSOCIADO EMITENTE (DEVEDOR) a empresa J MACIEL DA SILVA E CIA. LTDA., cadastrada no CNPJ nº 09.355.546/0001-30, e ainda, na qualidade de DEVEDORES SOLIDARIOS: o Sr. JARSON MACIEL DA SILVA, inscrito no CPF nº 539.533.204-91, a Sra. MARIA HILDA MACIEL DA SILVA, inscrito no CPF nº 028.088.664-02, e ainda, o ESPÓLIO de JOSÉ MACIEL DA SILVA, representado pela sua Inventariante e Representante legal a Sra. MARIA HILDA MACIEL DA SILVA, inscrito no CPF nº 028.088.664-02, conforme consta no termo de nomeação de inventariante emitido em 03/09/2018, pelo Cartório "Fechine" de Serviço Notarial do 4º Ofício da Cidade de Campina Grande-PB.

IMÓVEL(S):

UM TERRENO medindo Cem metros de frente, limitando-se com a estrada Campina Grande - BR 104; cem metros nos fundos, limitando-se com a estrada carroçável de cacimbas; oitenta e cinco metros ao sul, com terras dos doadores e trinta e cinco metros ao norte, com terras de Virgínia Barbosa, terreno esse desmembrado de uma parte de terra no lugar na Lécia, ocupando iglho Posto de Gasolina, Alameda e Restaurante Dabus. Decisamente, registrado no Cartório Vanderl Cunha Lima 1º Serviço Notarial e Registral da Cidade de Campina Grande-PB, sob nº R-20, na matrícula nº 51.889 em 08/09/2022.

VALOR DA DÍVIDA E DESPESA(S): R\$ 1.165.000,00 (um milhão e cento e sessenta e cinco mil reais)

VALOR DA DÍVIDA E DESPESA(S): R\$ 1.830.331,66 (Um milhão oitocentos e trinta mil trezentos e trinta e um reais e sessenta e seis centavos).

Obs: Informamos que o saldo da dívida e despesas, serão atualizados e corrigidos tanto no dia da realização do 1º leilão quanto no dia da realização do 2º leilão.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO (Advertências especiais):

1) O valor do lance deverá ser quitado no ato do leilão à vista e em uma única parcela, em moeda nacional e/ou comprovação de efetivação da Transferência Eletrônica de Documentos (TED).

2) A comissão do leiloeiro, paga à vista, será de 5% (cinco) por cento sobre o valor da arrematação, e correrá por conta do arrematante (art. 24 do Decreto nº Lei nº 21.981/32).

3) Eventuais ônus existentes sobre o bem levado a Leilão deverão ser verificadas pelos interessados junto aos órgãos competentes.

4) Será de inteira responsabilidade do arrematante o pagamento das despesas relativas à escritura de compra e venda e respectivo registro, ITBI e demais encargos da transmissão, além de taxas de atestado de condomínio, marinha (SPU), energia elétrica, água, etc.

Condições Gerais:

O(s) referido(s) imóvel(s) será(ão) arrematado(s) nas condições e estado de conservação em que se encontra(m).As medidas e confrontações constantes no presente edital deverão ser consideradas meramente enunciativas. Para todos os efeitos, considera-se a venda realizada por intermédio dos leilões previstos neste edital como sendo "ad corpus", não cabendo qualquer reclamação posterior em relação a medidas, confrontações e demais peculiaridades do imóvel, cabendo aos interessados arrematantes do(s) bem(ns) antes de ofertarem lances no leilão, inclusive no que se refere às edificações existentes no local, inclusive aquelas pendentes de averbações no R.L.O(s) imóvel(s) ocupado(s), caberá ao arrematante promover as medidas (extrajudiciais e/ou judiciais - nos termos da Lei 9.514/97), bem como arcar com as custas e despesas para a desocupação do(s) bem(ns). Cabe aos interessados verificar, junto ao Município e demais órgãos competentes, eventuais restrições quanto ao uso do imóvel levado à leilão, inclusive, mas não somente, restrições ambientais. O arrematante não poderá alegar, sob qualquer forma ou pretexto, o desconhecimento das condições do presente Edital de Leilão.

REFERENTE A CÉDULA DE CRÉDITO BANCÁRIO LIMITE ROTATIVO - CONTA GARANTIDA Nº 11099-6, emitido em 20/12/2017, que tem como ASSOCIADO EMITENTE (DEVEDOR) a empresa J MACIEL DA SILVA E CIA. LTDA., cadastrada no CNPJ nº 09.355.546/0001-30, e ainda, na qualidade de DEVEDORES SOLIDARIOS: o Sr. JARSON MACIEL DA SILVA, inscrito no CPF nº 539.533.204-91, a Sra. MARIA HILDA MACIEL DA SILVA, inscrito no CPF nº 028.088.664-02, e ainda, o ESPÓLIO de JOSÉ MACIEL DA SILVA, representado pela sua Inventariante e Representante legal a Sra. MARIA HILDA MACIEL DA SILVA, inscrito no CPF nº 028.088.664-02, conforme consta no termo de nomeação de inventariante emitido em 03/09/2018, pelo Cartório "Fechine" de Serviço Notarial do 4º Ofício da Cidade de Campina Grande-PB.

Informações: Com o leiloeiro, por intermédio do e-mail leiloesmonteiro@gmail.com, site www.leiloesmonteiro.com.br ou pelo telefone (83) 9.8721-8002 / (83) 9.9685-6653 (Whatsapp) e através da Cooperativa de Crédito, Poupança e Investimento Sicredi Evolução pelo fone (83) 2107 - 3600.

João Pessoa - PB, 16 de setembro de 2022.

COOPERATIVA DE CRÉDITO, POUpança E INVESTIMENTO SICREDI EVOLUÇÃO
 - SICREDI EVOLUÇÃO -

PATRULHA RURAL

PM reduz em 90% crimes no Sertão

Serviço de Segurança, em funcionamento há cerca de 100 dias, atua na região polarizada por Patos, no interior da PB

Fotos: Ascom 3º BPM

Lusângela Azevedo
 lusangela013@gmail.com

O Batalhão de Polícia Militar de Patos reativou, em maio deste ano, os trabalhos da Patrulha Rural Comunitária em Patos e região. Criado pela Secretaria da Segurança Pública, e desenvolvido pelo 3º BPM, o serviço é uma modalidade de policiamento que consiste em patrulhamentos constantes no campo no intuito de prevenir ocorrências de crimes e proporcionar maior sensação de segurança ao produtor rural.

Conforme o tenente-coronel Esaú Lucena, com pouco mais de 100 dias de atuação a Patrulha Rural já apresenta mais de 90% de redução no índice de criminalidade praticados no meio rural como furtos e roubos e atentados contra a vida, além de intensificar a eficiência na segurança rural.

“Apesar de pouco tempo de atuação, os números de assaltos e roubos já diminuíram. Isso é resultado da união de forças entre a polícia, sindicatos, comunidade e governo. O produtor rural deve ter segurança e tranquilidade para trabalhar, por isso é preciso que as propriedades estejam protegidas. Além da redução criminal, houve um estreitamento do relacionamento da comunidade rural e a Polícia Militar, havendo assim maior proximidade da população com a corporação,” ressaltou Esaú.

A Patrulha Rural conta, inicialmente, com uma guarnição formada por três policiais que realizam rondas, abordagens e estão à disposição das comunidades, todos os dias, por cerca de 12 horas. Moradores da zona rural da região de Patos fazem as solicitações através do número 190, que permite uma resposta mais rápida e efetiva do policiamento ostensivo.

O comandante do 3º BPM esclareceu ainda que a Patrulha Rural está realizando o cadastramento de propriedades rurais da região. Ao final, o produtor vai receber um código para agilizar o deslocamento da equipe, caso seja solicitado atendimento.

“Os policiais registram as coordenadas do local e, em seguida, a área recebe um número de identificação em placas para a propriedade. Ao solicitar o atendimento, o morador só precisa informar o código, que através dele será possível localizar, por meio de um aplicativo, o endereço exato de onde foi emitida a chamada, acelerando o deslocamento da equipe responsável pela prestação do serviço,” explicou.

O militar disse ainda que está em análise um programa de monitoramento através de um canal de comunicação (redes sociais) com os produtores rurais. “Seja no campo ou na cidade, o crime não dá tréguas,” finalizou o tenente-coronel Esaú Lucena.



São constantes as abordagens realizadas pelos policiais, principalmente a pessoas que não residem nas comunidades rurais

Retomada ocorreu após reunião com agricultores

A Patrulha Rural estava desativada e, numa reunião com agricultores da região de Patos, em maio deste ano, o tenente-coronel Esaú Lucena, ao assumir o comando do 3º BPM, garantiu a volta do policiamento para atender as comunidades rurais. Naquela ocasião, ele garantiu que seriam desenvolvidas ações solidárias direcionadas ao cidadão da zona rural.

Além da guarnição que realiza o trabalho diário na zona rural, o 3º BPM também disponibiliza reforço caso haja necessidade numa ação mais criteriosa. “A diminuição no índice de criminalidade é fruto das abordagens realizadas por nossos policiais”, explicou Esaú.

Para o comandante do 3º BPM, a aproximação com a comunidade rural é importante, pois o policial conhece as pessoas que circulam pela região e isso dificulta a ação da marginalidade. “Caso apareça alguém que não seja daquela área será abordado”, disse.



Reuniões são realizadas com entidades e moradores

Policiais se integram com as comunidades

“A Patrulha Rural é o que a gente precisava”, disse Luzinaldo Dias de Oliveira, que mora com esposa e filhos no sítio Jatobá I, localizado às margens do açude Jatobá. Segundo ele, a patrulha se aproximou de todos que moram na zona rural e hoje tem interação com a comunidade. Isso aumentou a sensação de segurança na localidade rural. O interesse dos policiais em nossa segurança é muito importante para nós, traz confiança e mais tranquilidade”, concluiu o produtor.

Dentre outras ações desenvolvidas pela Patrulha Rural estão: bloqueios rurais; levantamento e monitoramento de possíveis rotas de fuga; visitas preventivas; e, reuniões mensais com o Conselho Rural do Município, a fim de debater mais estratégias para serem utilizadas no Policiamento Rural, como também avaliar as ações e ouvidas demandas das Associações Rurais.

Um dos principais objetivos da Patrulha Rural Comunitária é a aproximação com a comunidade agrícola/rural, com o intuito de aperfeiçoar o policiamento ostensivo contra os crimes patrimoniais, roubos na região, inclusive de animais, além de apoiar o policiamento ordinário na sede dos municípios da circunscrição do 3º BPM.

Implantação tem incentivo do comando

O coronel José Ronildo de Souza, sub-comandante geral da Polícia Militar, elogiou a decisão do tenente-coronel Esaú de reativar a Patrulha Rural na área do 3º Batalhão da PM, de Patos, que nos primeiros cem dias de implantação tem conseguido reduzir os índices de criminalidade na zona rural daquela região.

Ronildo disse que o coronel Sérgio Fonseca, comandante-geral da corporação, tem estimulado aos comandantes de unidades a implantação da Patrulha Rural, visto que a zona rural por ser uma área de grandes dimensões e a dificuldade de acesso, termina sendo mais vulnerável à ação dos meliantes.

“Hoje, com a interiorização dos crimes, a gente já percebe o registro de assaltos em residências, na zona rural, uso de drogas, e para combater esses crimes é necessário que se estimule mais a aplicação dessa modalidade de policiamento.”

Expansão
O comando da PM pretende levar esse tipo de policiamento para outras comunidades rurais no estado

Realmente a Patrulha Rural é de suma importância em uma área de atuação de um batalhão para o combate à criminalidade e realmente isso tem feito com que os índices possam diminuir”, explica.

O sub-comandante geral da PM paraibana afirmou que como a polícia é mais vista, mais presente na zona urbana das cidades, é importante a implantação dessa modalidade de policiamento na zona rural.

Ronildo finalizou dizendo que para atuar nessas áreas com a Patrulha Rural tem realizado cursos de preparação de policiais e com isso “temos conseguido reduzir a criminalidade”, pontuou.

Foto: Arquivo Pessoal



Para o coronel Ronildo Souza, a presença da Polícia Militar, nas comunidades rurais é de fundamental importância para garantir a segurança



Tenente-coronel Esaú

NO CARIRI PARAIBANO

Uma cidade liderada por mulheres

Elas são maioria na administração municipal do Congo e direcionam esforços para empoderar outras moradoras

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Uma cidade gerida majoritariamente por mulheres. Estamos falando do Congo, localizado na microrregião do Cariri Ocidental, distante 255 quilômetros da capital João Pessoa. O município, com cerca de 4.600 habitantes, segundo dados do IBGE, tem na prefeita Flávia Emanuela Souza a principal liderança, mas não é só. Das oito secretarias que formam a gestão, cinco são lideradas por mulheres.

“O fato de uma gestão majoritária de mulheres, é um desafio diante de uma sociedade onde a maioria são homens que lideram. Em nosso município, temos esse diferencial, e isso é gratificante, ver o empoderamento feminino”, pontua a secretária de Cultura, Turismo, Desportos e Lazer, Fátima Araújo.

Programas como ‘Oficina de Negócios para Mulheres’ e ‘Empreender Mulher’ têm destaque na gestão, que oferece também cursos profissionalizantes para as congolenses. Ainda sobre os programas desenvolvidos, destaque para o ‘Água para Todos’, que levou água para as torneiras de todos os moradores da zona rural, que sofriam com a escassez. Já o ‘A Moto é Sua’, age no sentido de regularizar a situação das motocicletas e facilitar o acesso à Carteira Nacional de Habilitação (CNH). “Tínhamos aqui um problema muito sério de apreensão de motos e motociclistas dirigindo de forma irregular. E o programa está sanando essa questão”. Nesse caso a prefeitura arca com o custo total da documentação e metade do valor da habilitação, tendo o beneficiado a opção de escolher entre um ou outro.

A presença dos rios Paraíba, Espinho e Sucuru conferiu ao Congo o título de Cidade das Águas. E não é pela quantidade de chuvas, até porque a precipitação no município gira em torno de 610,0 mm, considerada baixa, com temperatura média de 23,7°C. Congo tem reservatórios importantes, com açudes que colaboram para a perenização dos rios, estando também no eixo leste da transposição do Rio São Francisco. Em períodos de chuvas, nos rios que cortam a cidade, formam-se pequenas cachoeiras que entraram para a chamada ‘Rota das Águas’, responsável também por fomentar o turismo.

A cidade que tem como base da economia a indústria têxtil, a agricultura e a piscicultura é também a cidade das práticas esportivas. É só ver a bola rolando no Ginásio de Esportes ‘o Povão’, onde há seis anos acontece o ‘Campeonato Municipal de Futebol de Salão’. Passes precisos e torcida animada vibrando em cada lance. Mas não é só: o ‘Pedala Congo’ é outro evento que costuma reunir ciclistas de toda a região que, anualmente, têm a oportunidade de cumprir o percurso

que corta zonas urbana e rural. A tradicional Corrida de Jegue e a vaquejada também fazem parte do calendário, reunindo milhares de moradores e visitantes a cada edição.

“Essencial. Costumo dizer que o esporte é o maior exemplo de inclusão social. Promove socialização, bem-estar, saúde e disciplina”, declara Fátima Araújo.

Visitar o Congo é ter a oportunidade de conhecer o Lajedo da Barriguda, área de preservação ambiental que tem como protagonista a centenária árvore de mesmo nome. Reza a lenda que o casal que conseguir abraçar a planta ficará junto pelo resto da vida. Outro ponto de destaque é o Parque Florestal, considerado o maior do interior paraibano com quatro mil metros quadrados. Está no Congo também o ‘Mirante do Sol Rupestre’, que, além da vista que acessa parte da bela Serra da Engabelada, traz inscrições rupestres além de vestígios e ossos de indígenas que ocuparam a região. Para os religiosos, o cruzeiro do Carmo, a 16 quilômetros do centro da cidade, é um convite à reflexão e à fé. O lugar, onde também é possível encontrar pinturas rupestres, foi construído por volta de 1920 por um morador que temia a passagem de Lampião e seu bando.



Fotos: Divulgação/Prefeitura do Congo



Entre os eventos está o ‘Pedala Congo’, que costuma reunir ciclistas de toda a região em um percurso pela zona rural e urbana do município



Lajedo da Barriguda (acima) e Serra da Engabelada (abaixo) atraem turistas, que se encantam com as belezas da região

Principais festas e culinária diversificada

Outro ponto a ser destacado são as festividades. A padroeira Santa Ana, comemorada no mês de julho, e a emancipação política, celebrada em maio, costumam lotar a cidade. E quem vai ao Congo não pode sair sem provar as delícias da culinária local. O carneiro na brasa e o peixe assado são alguns exemplos de pratos que representam bem os sabores locais.

O município também valoriza a cultura e a educação. Exemplo disso é o Cinecongo, considerado o principal evento audiovisual do cariri paraibano. Na Casa de Cultura Mira Ramos, são realizados eventos musicais, apresentações artísticas e até luais. A cultura também é valorizada através do Coco de Roda e dos Bacamarteiros. Para fomentar essas práticas, a gestão tem trabalhado nas escolas com os alunos do município, que passam desde cedo a entender o valor e a importância desse tipo de manifestação cultural.

E por falar em escola, em 2019 o Governo do Estado construiu o Complexo Educacional Escola E.E.F.M. Valdemiro Wanderley de Oliveira, um investimento de mais de R\$ 4 milhões em um equipamento completo e que atende as necessidades do município.

MÚSICA

“Eu não estava morto”

Depois de um hiato de 10 anos, cantor e compositor Zé Ramalho lança o álbum inteiramente de inéditas ‘Ateu Psicodélico’, cujos detalhes, o artista paraibano revela para o *Jornal A União*

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

A espera acabou. Dez anos depois de lançar *Sinais*, Zé Ramalho apresentou, no início deste mês, nas principais plataformas de *streaming*, seu novo trabalho, feito inteiramente de composições inéditas. Com produção de Robertinho do Recife, *Ateu Psicodélico* (Discobertas/Avôhai) tem participações de nomes como o roqueiro Andreas Kisser (Sepultura) e do sanfoneiro Waldonys.

Canções como ‘A estrada de tijolos amarelos’, ‘O diagrama da alma dourada’, ‘O gosto fino das sensações’, ‘Olhar entorpecido’ e ‘Sextilhas filosóficas’ compõem o *setlist* de *Ateu Psicodélico*.

“O *Ateu Psicodélico* é uma fase da minha vida em que não acredito nas divindades das religiões”, relatou o cantor e compositor para o *Estadão*. “Todos que acreditam em alguma religião têm sua fé e a partir do momento

que lhes dá esperança e conformismo, que seja! Tenho o meu direito de pensar assim, sem desmerecer nenhum culto que existe, apesar de saber que todos estão ligados a uma questão financeira”, justificou ele.

Antes do lançamento, Zé Ramalho chegou a escrever em um breve texto sobre o trabalho, alegando que “esse disco é um manifesto, um turbilhão de imagens e vocábulos para contrastar com a música praticada atualmente no Brasil”.

O paraibano de Brejo da Cruz, em entrevista para o *Jornal A União*, conta sobre os detalhes do novo álbum, que teve batismo de um ex-Mutante (cuja “carta-poema” está na contracapa do disco), o que estava fazendo durante o hiato de uma década e sua relação com o selo Discobertas. Confira a seguir.



Foto: Leo Aversa/Divulgação

Além do trabalho de inéditas, Zé Ramalho está circulando o país com a turnê ‘Show dos Sucessos’, que chegou a ser apresentada em algumas cidades paraibanas

A entrevista

■ Qual a razão da escolha do título do novo disco que está saindo pelo selo Discobertas?

Não é só o selo Discobertas, a Avôhai Music – meu selo – é o produtor, que licencia para a Discobertas, portanto, é um trabalho conjunto. O título é *Ateu Psicodélico*. Colhi esse título numa postagem do genial ex-Mutante Arnaldo Baptista, comentando um dos meus discos nas redes sociais.

■ Quantas faixas tem o álbum e quantas são inéditas? Quais os temas das composições?

São 12 faixas, todas inéditas. Foram feitas durante a pandemia, no recolhimento do meu lar, em 2021, e concluídas durante as gravações em estúdio. O processo de composição durou dois meses. Os temas são os que eu trabalho há 45 anos: misticismo, discos voadores, cultura nordestina, repentistas e sensualidade.

■ Quais as novidades que esse novo trabalho deverá trazer?

As novidades podem ser todas que acabamos de falar: músicas inéditas, produção de Robertinho do Recife e participações especiais. Além do próprio Robertinho nas guitarras, o sanfoneiro e brilhante artista cearense Waldonys comparece no disco em duas faixas (‘Amanhecer tantra’ e ‘Martelo armagedon’), além

do guitarrista da banda Sepultura, Andreas Kisser, que participa também de uma das faixas (‘Repentista Marvel’). No mais, são letras delirantes e como o título do disco diz: psicodélicas.

■ Qual a importância do novo disco? Estima-se que você não lançava um disco há uma década. Qual a razão desse hiato?

A importância deve-se à veia criativa, que todo autor precisa ter e manter. Se eu não lançava

um disco de inéditas há 10 anos, não quer dizer que eu estivesse com minha criatividade encerrada. Esses 10 anos foram de reorganização da minha banda, algumas cirurgias cardíacas e a recuperação, que obviamente requer nesses casos.

■ A pandemia chegou a atrapalhar, de alguma forma, os trabalhos? Como tem sido o sentimento e a sensação de poder retomar o contato com o público, a partir da flexibilização atual?

Não acho que a pandemia tenha atrapalhado, já que foi graças a ela que compus as músicas. O sentimento desse retorno criativo é bom de sentir, mas acho normal também. Eu não estava morto. Voltar a fazer shows deu muita satisfação, com plateias lotadas e me dando retorno em forma de carinho e respeito pelo meu trabalho.

■ Há possibilidade de vir realizar o show desse novo álbum na Paraíba?

Estou sim, numa turnê gigantesca, chamada *Show dos Sucessos*, que todos estão querendo ver. Lamentavelmente, nenhuma empresa ou empresário da Paraíba se interessou em levar esse show para João Pessoa, apesar de eu ter feito em Campina Grande, recentemente, e no São João deste ano. Também fiz em Santa Luzia e Esperança.

■ Como tem sido a sua relação com a Discobertas, que tem lançado vários discos ao vivo e raridades da sua carreira?

Minha relação com a Discobertas começou no ano 2000. Relação profissional e amistosa. São vários CDs que foram editados e realizados em forma de documentos e raridades, além de boxes contendo coleções preciosas do meu arquivo. Fizemos um DVD de voz e violão que obteve muito sucesso e continua sendo comentado diariamente no meu canal oficial do YouTube.

■ Quais são os próximos projetos, inclusive com a Discobertas?

Eu ainda não sei. Espero que seja sempre, a relação profissional e reveladora que tenho aprimorado junto ao Marcelo Fróes, diretor do selo Discobertas.



Imagem: Divulgação

Temas presentes no novo disco são os que o artista de Brejo do Cruz trabalha há 45 anos: misticismo, discos voadores, cultura nordestina, repentistas e sensualidade



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial no YouTube para conferir as músicas

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Como morrem os impérios?

Estados que crescem continuamente expandindo seu aparato bélico e burocrático têm como fim inevitável a própria destruição. Este é o paradoxo das expansões imperialistas. Em todas as épocas os estados mais fortes anexaram, pilharam e escravizaram os mais fracos, aumentando seus recursos naturais e riquezas.

O sociólogo norte-americano Randall Collins acredita ser uma “tendência natural” que estados fronteiriços façam desaparecer do mapa os países que ficam no meio. Tais investidas podem ser muito dispendiosas. Não é nada fácil manter um estado grande com portentosa máquina de guerra e aparato burocrático, pois se tais mecanismos se tornam realmente gigantescos, a perda de controle parece inevitável e a capacidade de financiamento acaba combalida. Os grandes impérios do passado caíram, um a um, após crises desse tipo ou pelas “mãos” de um oponente mais forte.

Muitos estudiosos, entre eles o próprio Collins, afirmam que a União Soviética colapsou por causa desse tipo de crescimento. Com a Guerra Fria, Moscou teve que arcar com uma caríssima corrida armamentista, levando o governo central a realocar recursos de áreas importantes. Os soviéticos se viram, então, obrigados a gastar somas bilionárias cada

vez maiores com seu exército e serviço de inteligência, que naquela altura estavam espalhados pelo mundo; eles ainda se envolveram direta ou indiretamente em confrontos militares concretos como as guerras do Afeganistão e Vietnã, subsidiaram estados-satélites e mobilizaram suas tropas para suprimir as tentativas de sublevação ao regime.

De certo ponto de vista sociológico, as organizações são marcadas por disputas internas de poder. Sejam elas públicas ou privadas. Não é diferente com os estados nacionais e seus inúmeros órgãos e intrincada estrutura burocrática; isso vai muito além dos confrontos eleitorais que acontecem em democracias representativas. Podemos assim, por exemplo, tentar analisar as disputas pelo controle de Agências de Inteligência como a CIA, a Abin, o MI5, como os embates na Polícia Federal, no FBI e nos órgãos mais importantes do exército. O mesmo raciocínio se aplica a outros tipos de organização como igrejas, universidades, hospitais, penitenciárias, jornais, emissoras de televisão...

Os embates internos são decisivos para os rumos que as organizações acabam tomando. Os fins últimos, todavia, podem ser postos em segundo plano, a partir da visão e interesse de seus dirigentes.

Segundo Collins, em cada organização há “uma pequena luta de classes”. Como em quase todo conflito dessa natureza, a expectativa é que as elites burocráticas tenham mais chances de saírem vitoriosas. São elas que detêm os cargos mais importantes e suas respectivas prerrogativas de poder, formando quase sempre um grupo organicamente coeso. Haveria também um processo de identificação dos interesses das organizações com os interesses individuais de carreira de seus dirigentes. O que levaria os líderes a lutarem para manter o status quo, ao verem no sucesso da organização seu próprio sucesso.

Sumiços

Segundo o sociólogo Randall Collins, é uma “tendência natural” que estados fronteiriços façam desaparecer do mapa os países que ficam no meio

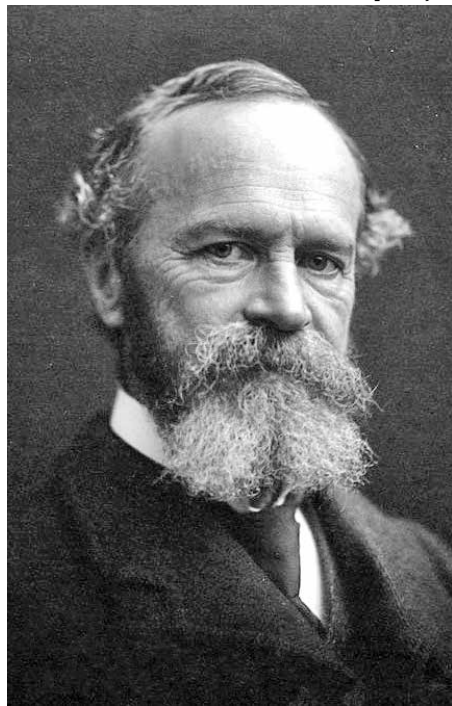
Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Psicopatologia e religião

Foto: Reprodução



Filósofo e psicólogo americano William James

A psicologia funcionalista interessa-se em pesquisar como a mente funciona, também quando se trata na adaptação do organismo ao seu ambiente. Nesse sistema, os funcionalistas estudam a mente como um acúmulo de processos que levam a consequências práticas no mundo real. Nesse sistema, um dos filósofos e psicólogos norte-americanos que massificava essa corrente psicológica era William James (1842-1910), que dissertava uma relação entre psicologia e religião. Ele apresenta esse tema neste seu livro *As Variedades da Experiência Religiosa: Um Estudo Sobre a Natureza Humana* (1902). Também afirmava que as ideias metafísicas e religiosas seriam válidas enquanto satisfizessem determinadas necessidades sociais.

William James foi um dos pioneiros da Psicologia Funcional e apresentava os fundamentos de um “pragmatismo”. Realizava estudos científicos da mente humana relacionados aos valores morais e espirituais, numa época em que a psicologia estava se formando como ciência. Naquela época, no início do século 20, alguns fenômenos como os êxtases, que eram até então considerados como fenômenos religiosos, passavam a ser considerados como transtornos mentais. Isso influenciou uma inserção da razão científica com a finalidade de explicar as perturbações da “alma” e outros fenômenos semelhantes. Naquele processo de criação, em 1890, após 12 anos de elaboração, publicou seu livro *Princípios de Psicologia*. Nesse livro, compara a ciência da mente às disciplinas biológicas e considera a consciência como um estado de adaptação da espécie. Portanto, sua tese de que existe uma relação casual entre os fenômenos psíquicos e as sensações nervosas eram conhecidas por apresentar um sistema de que são as “perturbações da mente” que originam os estados emocionais e não o inverso, como se sustentava tradicionalmente.

William James se dedicou a construção de sua filosofia pragmática, iniciada pelo filósofo, pedagogo, cientista, linguista e matemático norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914), e era influenciada no empirismo e utilitarismo britânicos.

nia com essa transcendência. Nesse caso, o conceito de religião está relacionado aos sentimentos, aos atos e experiências humanas, enquanto se percebe a si mesmo.

William James percebia que uma consciência religiosa surge quando um indivíduo se conscientiza de seus erros e aceita uma atitude de conversão e depois identifica seu ser real com um Ser divino/transcendental, a fim de obter a própria salvação. Descobria que as experiências religiosas individuais, diferentemente dos preceitos estabelecidos pelas religiões organizadas, constituem a essência de uma vida religiosa, essas teses foram apresentadas a partir de sua *Psicologia da Religião*. E tinha como objetivo descobrir o que impulsiona - num indivíduo - uma experiência religiosa. Concluiu que existem sentimentos religiosos armazenados num subconsciente, e se irrompem bruscamente em algumas ocasiões. Afirmava que a opção por uma religião se torna um sentido mais determinante de uma existência e uma escolha mais culta de uma vida, porque a busca por uma religião é uma tentativa individual de harmonizar-se consigo mesmo e com uma divindade. Considerava quatro variedades de uma experiência religiosa: inefabilidade; iluminação intelectual; transitoriedade e passividade. Por inefabilidade é à dificuldade que um místico tem de comunicar sua experiência. Uma iluminação intelectual é a lucidez com que um religioso aceita situações que não são explicadas pela razão. Uma transitoriedade é uma experiência de êxtases. E uma passividade é vivenciada por práticas contemplativas. Esses sintomas criam uma sensação de alívio e reafirmação pessoal, também trazem frustrações. Tudo isso apresenta duas categorias de uma religião: de legitimar uma individualidade; outra, evidenciar aspectos coletivos de uma experiência religiosa.

Sinta-se convidado à audição do 386º Domingo Sinfônico, deste dia 18, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei peças do compositor inglês Edward William Elgar (1857-1934).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Reencontro fatal

Vi duas vezes o filme *O Festival de Trovadores*. Chorei só de ficar imaginando o reencontro fatal de pai e filho - Yusuf (Kelebegin Ruyasi) e Heves Ali, (Settar Tannögen) - vivendo o pior momento de suas vidas. Estreia da Netflix, a nova produção turca do *streaming* é um tapa na cara e é outro acerto daquele país, que mês passado nos entregou *Na Sinfonia do Coração*, de Soner Caner.

A relação mais bonita, de filho e pai, que poderia ser de filho e mãe, mas com a mãe geralmente não acontece, mãe já é umbilical. Pai e filho se encontram pela última vez, 25 anos depois, dois corações despedaçados, longe de um amor veloz, para além do fim.

No começo, o silêncio impera nas horinhas da noite, de madrugada e se estende na luz do sol, numa estrada sem fim, mas o silêncio que segue é a precisão exata para que surjam diálogos e as almas fiquem em paz. É demais esse filme...

É um filme emocional? Bom, as personagens Yusuf e seu pai, Heves Ali, sabem exatamente como necessitam um do outro ou não sabem, até esse reencontro e não conseguem mais se separar, só na hora da morte, que é breve.

Dirigido e adaptado do romance de Kemal Varol por Özcan Alper, o filme é uma trova alongada, duro demais em praticamente todo roteiro, muita estrada, para quase nada. As imagens da natureza servem de testemunhas do *road movie*.

É possível, jamais impossível, que todos nós tenhamos laços familiares, que ficaram para trás, seja pai, irmão, mãe, amigos, amantes, mas que um dia teremos que reencontrar, não exatamente como acontece nesses programas melancólicos de tevê. Não, nós estamos no cinema, a arte que tenta imitar a vida.

Ninguém resolve tudo sozinho. São tantas pendências, as cenas odientas, abandonos e até os capetas que carregamos desde que botamos a cara no mundo. Ninguém é para sempre semente, sequer, lar doce lar.

Diversas vezes passamos dos limites quando nos excedemos e nos separamos ou nos abandonamos. Tudo isso está no filme.

Quem odeia, ama, já me disse meu amigo Alex Leite, que ouviu da boca de Jorge Mautner. No filme não tem respostas, mas a personagem Yusuf percebe isso, as respostas do tempo, batidas na porta, de estar naquela viagem sem fim por um afeto que vai se encerrando com questionamentos que nunca serão como concretizados.

O Festival dos Trovadores nos alimenta de uma esperança tardia, prescindida dos mais fortes diálogos a entender através das imagens a construção de suas personagens e, nada do que foi dito, serve, nada, mas é preciso encarar.

Ao colocar em cena dois personagens retraídos, sisudos, que estão com o passado na ponta da língua, o filme é sublime porque está na vida da gente.

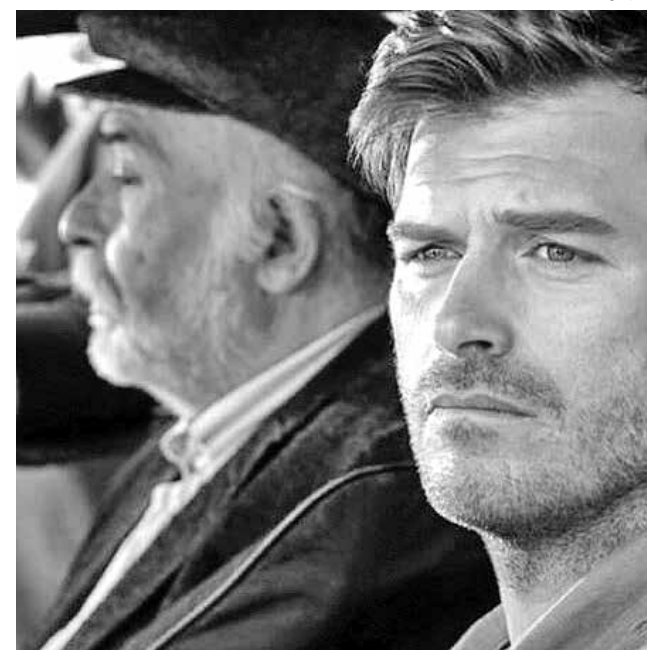
Nenhuma luz, nada dito passará, assim como a palavra pai. Pai, vamos ao cinema? Pai, me dá um abraço. Pai me empresta uma grana.

Só nos resta saber como lidar com as ausências e seguir em frente, sempre em frente.

Kapetadas

- 1 - *Godard save the Queen*;
- 2 - Um benefício adicional ao planeta à noite traz: bilhões de pessoas de boca calada;
- 3 - Com certeza amar é um deserto e seus temores.

Foto: Netflix/Divulgação



Cena do longa-metragem turco 'O Festival de Trovadores'

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

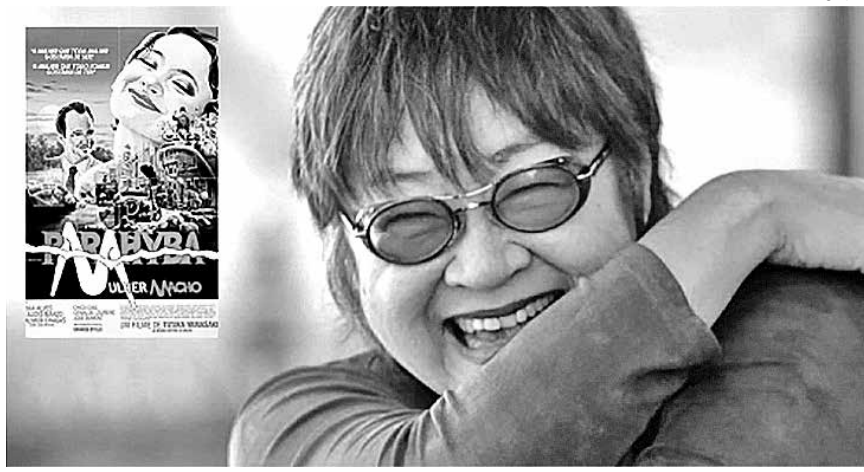
Segregada mulher macho, sim senhor!

A Paraíba sempre teve voos tranquilos no cinema. Um deles, que agora me lembra, sem turbulência que pudesse lhe causar maiores transtornos, foi o documentário *Parahyba*, que eu e Machado Bittencourt realizamos, tendo a parceria do historiador José Octávio de Arruda Mello, para celebrar o Quarto Centenário da Paraíba, em 1985.

Três anos antes, uma outra realização cinematográfica com expedientes também paraibanos, inclusive roteirizada pelo conterrâneo José Joffily Filho, não teve a mesma sorte. Inventou uma espécie de marketing de produção um suposto escândalo, fazendo da sociedade paraibana de então, 50 anos depois, a protagonista. Quicá, não bastasse aos realizadores a importância do tema sobre aquela mulher de postura independente para sua época, Anayde Beiriz, em tempos rumorosos que foram os de 1930.

Pois bem, minha gente, assim foi gestado o polêmico *Parahyba Mulher Macho*, da diretora nipo-brasileira, nascida em Porto Alegre (RS) e radicada em São Paulo, Tizuka Yamasaki.

Pelo que já se explicou e tanto se conhece da História da Paraíba, jamais foi ignorado que, socialmente, houve rejeição ao “culto feminista” na época da poetisa e professora Anayde Beiriz. Mas, incorporar hoje a tal rejeição como sua, em sendo a diretora do filme, mais de 70 anos depois, seria demais... Em verdade, foi o que aconte-



Tizuka Yamasaki, diretora nipo-brasileira de 'Parahyba Mulher Macho' (1983)

ceu recentemente. O tal fenômeno só serviu de ululante proposta de marketing ao filme, em 1983. Mas hoje?

Vivendo-se aqui um período de euforias cinematográficas, que foram os dos anos 1970/1980, com uma imprensa realmente adaptada às inovações e modelos sociais, na qual eu trabalhava, o título do filme de Tizuka não teve o peso que alguns moralistas e conservadores queriam. Isso lembrando outra polêmica, quando da realização de um outro filme, *Soledade* (1976), baseado no romance *A Bagaceira*. Para o autor, sua obra fora, sim, desvirtuada como narrativa no filme do carioca Paulo Thiago, desagradando profundamente o escritor José Américo de Almeida.

E hoje, 40 anos depois, de volta à Paraíba para ser homenageada pelo Fest TincineJP, Tizuka Yamasaki chega com

o mesmo discurso de antes, alegando, inclusive: “Senti na pele parte do que Anayde sentiu 50 anos antes. Isso, na verdade, colaborou com o meu sentimento do que é ser segregada”. Será que a illustre diretora de filmes importantes do cinema brasileiro, como *Gaijin* e *Os caminhos da liberdade*, não terá se autossegregado da Paraíba por razões outras?

A rigor, seu filme *Parahyba Mulher Macho*, cujo título, como se sabe, foi meramente intencional a criar uma bolha socialmente especulativa sobre a mulher paraibana, serve hoje a encorajar o animus de uma “japônica” mulher macho, sim senhor! Diretora que pisa novamente o solo paraibano (mesmo “segregada”), com o mesmo discurso de 40 anos atrás. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: www.alexssantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

De volta à Comarca

O homem deve ter um chão. Deve ter uma terra. Não só os sete palmos que, de natural, lhe destinam. Deve ter uma origem. Um torrão natal. Uma cidade. Mais que uma cidade, uma geografia e uma história. E muitos mitos e muitas paixões.

A história é uma ciência dos fatos, de sua lógica secreta, do previsível, mas também do indeterminado. A geografia, por sua vez, apenas sabe dos sonhos irrealizados e dos lugares que amamos. Sejam reais, sejam imaginários. Mito e paixão são categorias do poético, e por serem categorias do poético, dispensam atributos e nomenclaturas. Essência e existência fundidas no tempo e na eternidade.

Quem não tem um sítio para a ele voltar vez em quando é pobre de Jó. Acho que tenho um. Porém não acho que sou rico. Rico é quem sabe das coisas, quem viaja por vales e campinas, desfiladeiros e abismos; quem não se apega à epiderme dos fenômenos, quem guarda as pérolas de Deus dentro dos esconderijos da linguagem.

Meu sítio não anda comigo como o sítio de Gonzaga Rodrigues anda com ele, na devassa dos canaviais e nos canaviais da memória. Meu sítio me habita, dentro de mim, como a molécula, como a glândula pineal, como a mônada sagrada e seu incógnito panteísmo. Volta a ele, aqui e ali, em lua nova ou lua cheia. Ele me é berço e dádiva, graça e transfiguração.

Ainda ontem acaricie o corpo quente de sua feira livre. Comprei jerimum de leite, banana prata, abacaxi, uvas de Natuba, e uma bolsa de couro de bode para carregar meus pertences e apetrechos mais íntimos. Homem também leva certas coisas na bolsa.

Uma faca peixeira de oito polegadas, para cortar o mal pelo raiz; uma tesoura de inox, para tosar a barbicha e aparar o bigode; um espelho redondo, para me acompanhar nos estragos do tempo; dois pentes, um fino e um grosso: gosto de pentear os cabelos; um vidrinho de perfume com cheiro de alfazema, dois livros de bolso: um, de poemas; outro, de aforismos sensuais. Ah! Antes que me esqueça: uma latinha de Vick VapoRub e um fio dental, coisitas que considero as melhores invenções do mundo. Tudo misturado com o odor indecifrável da minha cidade.

E por falar em minha cidade, como a minha cidade está arrumada! Limpa, aconchegante, merecedora do sol que sempre a banhou, com sua “verdade vazia e perfeita”. Com suas noites frias que a cobrem de solidão e temura!

O mercado público renasce das cinzas nos azuis e brancos de sua história, cartão postal de minha meninice. O açude se pavimenta, sua calçada é mirante para a volúpia das horas quando a cidade adormece. A praça de pedra me convida ao prazer da contemplação. A cidade como que fala palavras do vento que vem de longe e se aninha nas vísceras de suas pedras ancestrais. As pedras são seus altares, silenciosas e prontas para a missa das lembranças e do esquecimento.

Não conheço, nem sei se devo conhecer, os donos de minha cidade. E minha cidade tem dono? Nada tem dono, muito menos o lugar que inventamos na cartografia da saudade. Não conheço, nem sei se devo conhecer, o prefeito, o juiz, o promotor, o padre, o delegado, o fazendeiro, o comerciante e outras entidades que mexem com a gosma do poder. Detesto o poder. Em mim sempre brilhou uma pequenina centelha de irrequeto anarquismo. No entanto, não devo mentir nem omitir: meus olhos veem e apreciam. Atestam que as coisas podem mudar. Tudo não é feito de mudanças, como diz o poeta?

Duma árvore e de um olho d'água brota um povoado. O povoado se faz vila, e a paisagem muda com os pastos e com os passos dos semoventes. Cavalos, bois, touros e novilhas a regar o destino dos dias, o criatório como vocação, a agricultura como a maternidade.

E a verdade é que a minha cidade cresceu. Que a minha cidade mudou... Estende seus músculos pelos carrascais e caatingas e alarga seus espaços para o conforto das serras que a cercam e a dominam no reino da beleza. A minha cidade está clara, ordenada, simétrica, bem medida nas ruas abertas para o futuro. A minha cidade está bem cuidada, presente vivo a explodir na retina.

Já era tempo!

(Aos que amam a Comarca das Pedras)

Colunista colaborador



APC prestigia programa da Globo

A Academia Paraibana de Cinema vem prestigiando os debates sobre o cinema paraibano, através do programa da Rede Globo, *Cine Paraíba*, que está sendo lançado agora, todos os sábados, pelas TVs Cabo Branco e Paraíba.

Representando a APC, estiveram presentes os acadêmicos Zezita Matos, atriz e presidente da entidade, e o professor Lúcio Vilar, diretor executivo do Fest Auanda. O programa faz parte de um projeto da emissora para valorizar o cinema paraibano e seus realizadores.

EM cartaz

ESTREIAS

ALÉM DA LENDA (Brasil. Dir: Marília Mafé e Marcos França. Animação. Livre). Lendas do folclore vão atrás de livro sagrado. CINE BANGUÉ: 16h (dias 18 e 24/9).

ORFÃO 2 - A ORIGEM (Orphan: First Kill. EUA. Dir: William Brent Bell. Suspense. 16 anos). Leena Klammer/Esther Albright (Isabelle Fuhrman) está de volta. CENTERPLEX MAG 1: 17h (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 14h45 (dub.) - 17h15 (leg.) - 19h45 (dub.) - 22h10 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 16h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30 - 22h; CINE SERCLA TÁMBIÁ 5 (dub.): 15h - 20h; CINE SERCLA TÁMBIÁ 6 (dub.): 15h - 17h - 19h - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (leg.): 18h - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h - 17h - 19h - 21h.

UMA PITADA DE SORTE (Brasil. Dir: Pedro Antônio Paes. Comédia. 10 anos). Pérola (Fabrícia Karla) é uma animadora de festa infantil que sonha em se tornar uma chef renomada. CENTERPLEX MAG 2: 16h45 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 14h40 - 17h - 19h10 - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 14h - 16h15 - 18h30 - 20h45; CINE SERCLA TÁMBIÁ 3: 18h30 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 5: 18h30 - 20h30.

CONTINUAÇÃO

ELVIS (EUA. Dir: Baz Luhrmann. Biografia. 12 anos). A vida de Elvis Presley (Austin Butler). CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 21h15.

ERA UMA VEZ UM GÊNIO (Three Thousand Years of Longing. EUA. Dir: George Miller. Fantasia. 14 anos). Dra. Althea Binnie (Tilda Swinton) encontra um “djinn” (Idris Elba), o que no ocidente, é comumente denominado como “Gênio”. A criatura lhe oferece três desejos em troca de sua liberdade, mas ela duvida que ele seja real. CINE SERCLA TÁMBIÁ 3 (dub.): 16h20; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h20.

HOMEM-ARANHA SEM VOLTA PARA CASA

(Spider-Man: No Way Home. EUA. Dir: Jon Watts. Fantasia. 12 anos). Versão estendida. CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 17h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE: 14h30 (dub.) - 17h45 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h - 18h15 - 21h30; SERCLA TÁMBIÁ 4 (dub.): 19h50; SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 19h50.

INGRESSO PARA O PARAÍSO

(Ticket To Paradise. EUA. Dir: Ol Parker. Comédia. 12 anos). Casal divorciado (George Clooney e Julia Roberts) vão tentar impedir que a filha cometa o mesmo erro que eles. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 18h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 13h30 (sáb. e dom.) - 15h45 - 18h15 - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 18h45 (exceto seg. e ter.); SERCLA TÁMBIÁ 2 (dub.): 18h40 - 20h45; SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h40 - 20h45.

O LENDÁRIO CÃO GUERREIRO

(Paws Of Fury: The Legend Of Hank. EUA. Dir: Rob Minkoff e Mark Koetsier. Animação. Livre). Hank é um cachorro que sonha em ser um grande samurai. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 14h - 16h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TÁMBIÁ 2 (dub.): 14h30 (sáb. e dom.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h30 (sáb. e dom.).

UMLUGAR BEM LONGE DAQUI

(Where the Crawdads Sing. EUA. Dir: Olivia Newman. Suspense. 14 anos). Uma mulher torna-se suspeita do assassinato de homem que esteve envolvida. CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 18h30 (exceto qui.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h45 (exceto seg.); SERCLA TÁMBIÁ 4 (dub.): 14h50 - 17h20; SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h50 - 17h20.

A LUTA DE UMA VIDA

(The Survivor. EUA, Canadá e Hungria. Dir: Barry Levinson. Drama. 18 anos). A vida do boxeador (Ben Foster) que lutou contra outros prisioneiros em campos de concentração na Segunda Guerra Mundial. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 21h10.

MEN - FACES DO MEDO

(Men. Reino Unido. Dir: Alex Garland. Terror. 16 anos). Acontecimentos estranhos surgem quando uma jovem (Jessie Buckley) busca refúgio no campo. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (leg.): 21h45.

MINHA FAMÍLIA PERFEITA

(Brasil. Dir: Felipe Joffily. Comédia. 12 anos). Fred (Rafael Infante) conhece Denise (Isabelle Drummond), que só aceita o casamento após conhecer a família (excêntrica) do pretendente. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h45 (exceto seg.).

MINIONS: A ORIGEM DE GRU

(Minions: The Rise of Gru. EUA. Dir: Kyle Balda. Animação. Livre). Continuação da franquia. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 16h30 - 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 15h15 - 17h30 - 19h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h15 (exceto seg. e ter.) - 16h30 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TÁMBIÁ 5 (dub.): 14h20 - 16h10; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h20 - 16h10.

NÃO! NÃO OLHE!

(Nope. EUA. Dir: Jordan Peele. Terror. 14 anos). Residentes do interior da Califórnia testemunham uma descoberta estranha. CENTERPLEX MAG 3 (leg.): 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 13h15 (sáb. e dom.) - 16h15 - 19h15 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 21h15 (exceto seg. e ter.).

PINOCCHIO - O MENINO DE MADEIRA

(Pinocchio - A True Story. Rússia. Dir: Vasily Rovenskiy. Animação. Livre). O jovem Pinóquio foge de seu criador Japetto. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h45; SERCLA TÁMBIÁ 3 (dub.): 14h20; SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h20.

PREDESTINADO

(Brasil. Dir: Gustavo Fernandez. Drama. 14 anos). História do médium Zé Arigó (Dalton Mello). CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 15h30 - 18h - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 17h15 (exceto seg.); CINE SERCLA TÁMBIÁ 2: 16h30; CINE SERCLA PARTAGE 4: 16h30.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

HISTÓRIA

FCJA integra Primavera dos Museus

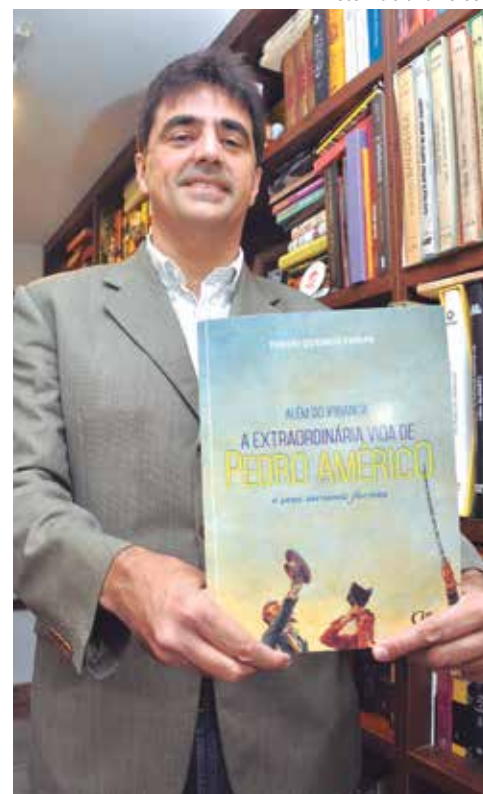
Amanhã, na capital, evento promove debate sobre o Bicentenário da Proclamação da Independência do Brasil

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

“Independências e Museus” é o tema da mesa-redonda que a Fundação Casa de José Américo (FCJA) realizará amanhã, a partir das 9h, no auditório da instituição, localizada na cidade de João Pessoa, com as participações do escritor Thélío Queiroz Farias e do artista plástico e diretor do Museu de História da Paraíba, Chico Pereira. O evento, coordenado pela gerente executiva do Museu Casa de José Américo, professora Janete Lins Rodriguez, integra a programação nacional da 16ª Primavera dos Museus, que é promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Após o bate-papo presencial, Thélío Farias apresentará a obra *Além do Ipiranga: A Extraordinária Vida de Pedro Américo e suas Incríveis Facetas*, publicado em coedição pela Editora A União e a Companhia Editora de Pernambuco (Cepe). O livro já foi lançado em Campina Grande, João Pessoa, São Paulo e na terra natal de Pedro Américo, o município paraibano de Areia.

Janete Lins informou que a Fundação Casa de José Américo tem participado com satisfação de todas as



Com mediação da professora Janete Lins (E), mesa-redonda terá o diretor do Museu de História da PB, Chico Pereira (C), e o escritor Thélío Farias (D)

edições da Primavera dos Museus, cujo tema central definido pelo Ibram. “Independências e Museus: outros 200, outras histórias” tem o intuito de marcar o transcurso do bicentenário da proclamação da independência do Brasil em 2022. “É um assunto muito importante o que vai ser discutido, na mesa-redonda, porque é o momento do país acordar para a existência dos museus. Esse evento vai dar visibilidade e estimular as visitas aos museus, que não

Obra

Após o bate-papo, será apresentado o livro **‘Além do Ipiranga: A Extraordinária Vida de Pedro Américo e suas Incríveis Facetas’**

são locais apenas para guardar coisas antigas, mas que usam a memória do passado como base para projetar o futuro”, disse ela.

“O objetivo do evento é renovar os olhares para o fato da independência do Brasil sob a ótica da diversidade cultural, inclusão, da liberdade de pensamento. Todo fato histórico tem o seu viés e se tem mais falado sobre Dom Pedro 1º ter proclamado a independência, mas não se fala do papel das mulheres, dos negros e do

povo pobre, pois havia, na época, uma ânsia por essa independência do país”, ressaltou Janete Lins.

Durante a mesa-redonda, a gerente executiva do Museu Casa de José Américo comentou que dois especialistas vão falar para o público. “Thélío Farias faz sucesso com o seu livro sobre Pedro Américo e, na ocasião, vai fazer um link da obra com a temática do encontro. O livro de Thélío Farias tem sido um grande acontecimento e está revolucionan-

do, porque traz uma análise profunda de Pedro Américo como pintor, mas que desempenhou outras atividades e ainda traz revelações até então desconhecidas da vida do artista paraibano e que é fruto de uma pesquisa muito bem feita pelo autor e preenche uma lacuna em relação à vida de Pedro Américo”, disse Lins.

Referindo-se ao outro convidado para o bate-papo, a professora comentou que Chico Pereira tem conhecimento na área e vem coordenando a instalação, no Palácio da Redenção, localizado em João Pessoa, do Museu de História da Paraíba. “Chico vai abordar a relação dos museus com a independência do Brasil”, disse Janete Lins, ressaltando que, apenas na capital paraibana, existem seis equipamentos culturais desse tipo do Governo do Estado em atividade: o Museu Casa de José Américo, Museu José Lins do Rego e Museu Abelardo da Hora – ambos na Fundação Espaço Cultural da Paraíba –, Museu da Cidade de João Pessoa, Museu do Artesanato e Museu da Polícia Militar. “Isso demonstra o interesse do Governo do Estado em estimular e valorizar os museus”, comentou a gestora.

MUITO ALÉM DO GRITO DO IPIRANGA

UM MERGULHO NOS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

TABAJARA
CONTA A
HISTÓRIA



SEGUNDAS,
8H ÀS 8H30
NA TABAJARA FM 105.5

Tabajara

EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

ELEIÇÕES

Propostas para demandas da capital

Câmara encerra série de sabatinas com candidatos ao Governo e com carta compromisso para agenda de JP

Petronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

A última sexta-feira marcou o encerramento das sabatinas da Câmara Municipal de João Pessoa com os candidatos ao Governo do Estado. Foram duas semanas ouvindo os postu-

lantes, e no final, todos que passaram pela Casa Napoleão Laureano assinaram a Carta de João Pessoa, documento onde assumiram compromissos com a capital paraibana.

Para o presidente da Câmara Municipal de João Pessoa, o vereador Dinho

Dowsley (Avante), com o encerramento deste ciclo de entrevistas no primeiro turno das Eleições de 2022, a Casa deu sua contribuição ao processo eleitoral. Para ele a Casa buscou esclarecer ao eleitor da capital paraibana, especialmente, o que pensam e o que preten-

dem os candidatos, em caso de vitória no pleito de outubro próximo.

“O objetivo das entrevistas foi prestar um serviço à população de João Pessoa, que pôde conhecer as propostas e iniciativas que os candidatos a governador do nosso Estado têm intenção

de direcionar para a capital paraibana”, esclareceu o presidente da Câmara, vereador Dinho Dowsley (Avante).

O único a faltar foi o candidato Adriano Trajano (PCO).

“Foi mais uma vitória nossa, uma vitória da Casa, que temos que comemorar.

Todos os candidatos, com exceção de Adriano Trajano, lamentar por isso, e candidata estiveram presentes na Câmara Municipal para serem submetidos à sabatina dos colegas vereadores, do povo de João Pessoa e dos jornalistas convidados”, finalizou o vereador Dinho

Fotos: Ascom/CMJP



Veneziano propôs turismo e industrialização

O primeiro a ser sabatinado, o candidato Veneziano Vital do Rêgo falou na produção da indústria turística, zona de processamento mineral no Seridó, a agroindustrialização de produtos agrícolas em Sousa, um polo calçadista para Campina Grande ou um polo de comer-

cialização e fabricação têxtil para a região de São Bento, como sendo parte de projetos estruturantes para o Estado como um todo.

O candidato disse ainda que irá realizar concursos públicos e valorizará os servidores públicos. “Vamos realizar

concursos públicos. Isso não significa inchar a máquina administrativamente e, por consequência, também ampliar custos. Não há como conceber que órgão tão importante, responsável pela fiscalização dos nossos patrimônios, não tenha o número necessário de funcionários”.

Falando sobre saúde, Veneziano prometeu uma saúde mais rápida. “O nosso compromisso é de fazer uma saúde ágil, dinâmica e descentralizada. Observamos, durante os últimos três anos e meio, uma gestão que não se preocupou em garantir essa descentralização.

Major Fábio quer descobrir vocação econômica

Na segunda rodada de sabatinas da Câmara Municipal de João Pessoa, o candidato Major Fábio afirmou existir grande interesse em descobrir a vocação de cada região do estado para investir adequadamente. Ele também ressaltou ser necessário contribuir

mais para o desenvolvimento da agricultura e pecuária para que tenham maior participação no PIB estadual.

“Com nossas equipes, vamos fazer esses levantamentos e dar força ao agricultor, ao industrial, para que a gente tenha uma Paraíba forte nisso tudo, na

agricultura, na pecuária, nos serviços, nos produtos. Vamos investir nas tecnologias para que homens e mulheres tenham facilidade de desenvolver suas empresas”, ressaltou.

O major prometeu ainda investir na prevenção e na fiscalização, a fim

de preservar a tranquilidade de todos: “O nosso direito vai até onde não prejudicamos o de outro cidadão”. Ele enfatizou a importância de tratar o tema tendo em vista a influência que pode haver, por exemplo, no turismo do estado.



Adjany planeja investir em educação e esportes

A candidata do PSOL foi a terceira a ser sabatinada. Adjany Simplício disse que irá investir massivamente em educação e esporte. “Entendemos que o estado precisa investir num programa de esportes que dialogue com um programa educacional, fomentando a

prática esportiva tanto como prática de saúde, quanto como incentivo ao início de uma carreira esportiva”.

Ela prometeu reflorestar a Barreira do Cabo Branco como forma de acabar com a erosão e para evitar um processo de erosão. “É necessário que esse

diálogo sobre a preservação ambiental, sobre os impactos para a população e a geração de emprego e renda e o turismo sejam equilibrados, ressaltando o elemento da preservação. É necessário fazer um reflorestamento, pensar como conter os avanços do mar e

deslocar alguns instrumentos que estão lá para que a gente não permaneça criando mais impactos numa área tão frágil”.

Já em relação à saúde a candidata prometeu fazer uma ampliação na rede hospitalar.

Nilvan pretende acabar com o déficit habitacional

O quarto sabatinado, Nilvan Ferreira quer dar um basta no déficit habitacional na Paraíba de 100 mil unidades habitacionais. Ele lembrou o Programa Casa Amarela, do governo federal como uma saída para o problema, que hoje afeta milhares de

paraibanos, a exemplo do que ocorre no país.

“Nós precisamos utilizar os 4 anos da gestão, de forma planejada, vencendo os desafios para alcançar a diminuição do déficit habitacional, o governo federal será uma parceria im-

portante. Teremos as portas abertas para fazer o maior programa habitacional que a Paraíba já viu”, prometeu.

Sobre a segurança pública, Nilvan afirma que nenhum programa de segurança funcionou e que o foco será a valorização dos profissionais de se-

gurança. “Não funciona estruturar polícia sem estruturar o semblante do policial, a motivação do policial, é preciso resolver a paridade, e integralidade, lei do subsídio, e precisa resolver o problema da bolsa desemprego”, explicou.



João lembra ações e revela planos para obras

“O fortalecimento do Centro Histórico de João Pessoa é uma pauta muito importante. Nós estamos construindo a Escola Técnica de Artes, vizinho à rodoviária; reformamos a Biblioteca Central Augusto dos Anjos, na General Osório; estamos fazendo uma

grande reforma para implantar o Parque Tecnológico Horizontes da Inovação, no antigo Colégio das Neves, vizinho da Catedral. Estamos fazendo essas ações no Centro Histórico exatamente porque queremos ter uma política voltada para a valorização daquela

área. Não tenho dúvidas de que, levando habitações para aquela localidade, nós vamos revitalizar o Centro Histórico de João Pessoa, que é um dos mais bonitos do Brasil”, este foi um dos destaques do governador em sua sabatina na Câmara Municipal de João Pessoa.

O candidato João Azevêdo destacou ainda a construção do Hospital da Mulher, no bairro de Cruz das Armas, e investimentos para melhorar a mobilidade urbana e ressaltou os avanços da saúde em sua gestão em todo o estado.

Pedro fala em aparar arestas políticas na capital

Pedro Cunha Lima foi o sexto sabatinado da Câmara Municipal. Em uma de suas principais promessas de campanha é aparar arestas políticas e buscar parcerias com o Executivo municipal para equacionar os problemas da capital paraibana.

“Passadas as eleições em outubro próximo, caso vença a disputa irei buscar manter diálogo com o prefeito Cícero Lucena para aparar arestas políticas e buscar parcerias com a Prefeitura Municipal de João Pessoa. Quero equacionar os problemas da capital paraibana

em conjunto com o Executivo municipal”, disse Pedro.

O candidato prometeu resolver a degradação da Barreira do Cabo Branco. Ele disse que caso seja governador, esperar pode resolver de uma vez este problema, que se arrasta há anos no ponto mais

oriental das Américas.

“Vamos dar um basta a este problema. Vamos conjuntamente, Governo do Estado e Prefeitura Municipal de João Pessoa, sentar e executar as medidas que solucionem este problema grave e sério para a nossa capital”, explicou.



Nascimento propõe desmilitarizar a polícia

Quem fechou a série das sabatinas foi o candidato do PSTU ao Governo da Paraíba, Antônio Nascimento. Ele falou o que pretende fazer para a área da saúde caso seja eleito. Sua proposta é ampliar os serviços de saúde para o interior do estado e

ampliar na capital. “Nós propomos, para com a saúde, melhores condições de trabalho para os profissionais como também garantir o piso salarial da categoria. É preciso uma saúde pública, gratuita e de qualidade”, disse.

O candidato disse que se for eleito governador da Paraíba vai desmilitarizar a polícia do estado. “Queremos humanizar, socializar os nossos componentes das forças de segurança. Hoje, quem sofre com esse modelo de segurança que está posto ai são

os pobres e os negros. Eles são os alvos principais”, explicou o candidato do PSTU que prometeu investir mais recursos estaduais no esporte “quero fazer mais por esta área que sempre foi esquecida dos gestores do nosso estado”, completou.

ELEIÇÕES 2022

Senadores omitem gastos com o orçamento secreto

Nove dos 13 candidatos que concorrem à reeleição indicaram verbas

João Scheller e
Marcela Villar
Agência Estado

As informações foram declaradas pelos congressistas ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e enviadas ao Supremo Tribunal Federal (STF) por determinação da ministra Rosa Weber. O teor dos documentos varia entre si. Há senadores que fazem menção às emendas e apresentam detalhes dos gastos públicos e há aqueles que se limitam a confirmar o recebimento do dinheiro sem especificar a destinação.

A falta de transparência na indicação das chamadas emendas de relator, nome técnico do orçamento secreto - esquema revelado pelo Estadão -, faz com que os recursos sejam remanejados por meio de escolhas políticas, em vez de critérios técnicos. Além disso, não há publicidade dos atos.

Dos senadores beneficiados pelas emendas de relator, sete não especificaram valores ou destinação: Omar Aziz (PSD-AM), Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), Otto Alencar (PSD-BA), Wellington Fagundes (PL-MT), Romário (PL-RJ), Telmário Mota (PROS-RR) e Rose de Freitas (MDB-ES). Procurados, os senadores não apresentaram informações à reportagem, com exceção de Alcolumbre, que foi presidente do Senado.

Já Kátia Abreu (Progressistas-TO) e Acir Gurgacz (PDT-RO) entregaram ao STF detalhes do uso dos recursos públicos. Eles apadrinharam

■ A falta de transparência na indicação do orçamento secreto faz com que os recursos sejam remanejados por meio de escolhas políticas, em vez de critérios técnicos



Omar Aziz é um dos senadores que não indicaram gastos com o orçamento

R\$ 29,3 milhões e R\$ 35,6 milhões, respectivamente, para redutos eleitorais, em 2020 e 2021. Roberto Rocha (PTB-MA) e Alexandre Silveira (PSD-MG), por sua vez, não responderam à solicitação de Pacheco após a ordem judicial de Rosa Weber. Outros dois senadores

que disputam a reeleição - Dário Berger (PSB-SC) e Alvaro Dias (Podemos-PR) - declararam não ter feito nenhuma indicação no orçamento secreto.

Nas redes sociais, senadores exploram a aplicação desses recursos em redutos eleitorais. Para o professor de Adminis-

tração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Gustavo Fernandes, essas emendas favorecem interesses particulares dos políticos, “de curto prazo, relacionados à sustentação do governo”. “É o orçamento de acerto de contas e acertos políticos”, afirmou.

Infraestrutura e maquinários são prioridades

Kátia e Gurgacz, por exemplo, priorizaram a alocação de quase a totalidade dos recursos em infraestrutura e maquinários. No caso da senadora, todas as 22 indicações foram para equipamentos e reformas.

Imagens de Kátia durante a entrega de obras foram compartilhadas em redes sociais. “A senadora fez questão de ajudar os prefeitos de forma completa. Duas perfuratrizes que poderão fazer centenas de poços por ano”, afirma ela mesma, em um vídeo postado em outubro de 2021.

A parlamentar aparece na entrega do maquinário para municípios da região do Bico do Papagaio (TO). Ela indicou, em 2020, R\$ 4,92 milhões em máquinas para o Consórcio Público Intermunicipal para Desenvolvimento Sustentável da Região do Bico do Papagaio (Coinbipa), que ela própria ajudou a criar. Além disso, a senadora repassou mais R\$ 3,85 milhões para o Consórcio Intermunicipal Vale Serra Dourada, quantia que está estampada em um cartaz durante a entrega do maquinário.

Em nota, a assessoria de Kátia afirma que todas as indicações de emendas “são

feitas de forma transparente e dentro do Orçamento da União, com a devida publicidade e atendendo a todas as regras”. Diz ainda que os valores enviados para a região do Bico do Papagaio permitiram a perfuração de “30 poços artesanais, levando água para a população”.

Pavimentação

Gurgacz também fez 22 indicações. Uma delas foi destinada para a área da saúde. Em Rondônia, prefeitos agradecem em vídeo pelas emendas viabilizadas por ele. Um dos aliados é o prefeito de Butiris, Roni Irmãozinho (PDT), colega de partido.

Em postagem compartilhada no Facebook, Irmãozinho diz que vai construir duas pontes na cidade, além de pavimentar ruas. Ao todo, foram destinados R\$ 8,8 milhões ao município, em dois anos - quase o triplo do total destinado à população de Buritis pelo Auxílio Brasil em 2022, de acordo com o Portal da Transparência. Procurado, Gurgacz não respondeu à reportagem.

A assessoria de imprensa de Alcolumbre afirma, em nota, que Macapá e Santana (AP) receberam, cada uma, aproximadamente R\$ 100 mi-

lhões em emendas do orçamento secreto, em 2020 e 2021. Outros R\$ 120 milhões foram destinados para o Hospital de Emergência do Estado.

As obras são destacadas na campanha de reeleição do ex-presidente do Senado. “Um sonho, uma realidade. Um trabalho do Davi, uma conquista para todos os amapaenses”, diz vídeo com imagens das futuras instalações do novo equipamento de saúde.

A assessoria de Alcolumbre diz ainda que o senador “sempre apoiou pedidos de emendas destinados a beneficiar todos os municípios do Estado do Amapá, para execução das três esferas de governo”.

Sem resposta

Em nota, Alexandre Silveira afirma que, por ter assumido o mandato em fevereiro deste ano, não indicou verbas em 2020 ou 2021. O orçamento de 2023 ainda será fechado. Ele assumiu o cargo após renúncia do titular, Antonio Anastasia, que passou a integrar o Tribunal de Contas da União (TCU) como ministro.

Já o senador Telmário Mota diz, em nota, que só se manifestará sobre o uso de

recursos do orçamento secreto após a realização da eleição, no dia de 2 de outubro, em virtude de o pagamento dos recursos do orçamento estar suspenso até novembro conforme “determina a lei eleitoral, o que impossibilita sua discriminação”.

Omar Aziz, Otto Alencar, Roberto Rocha, Romário, Rose de Freitas e Wellington Fagundes não se manifestaram até a conclusão desta edição.

Negativa

O senador Telmário Mota diz, em nota, que só se manifestará sobre o uso de recursos do orçamento secreto após a realização da eleição, no dia de 2 de outubro

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Tijolinhos do Mozart

Referenciando minha crônica “Jerimum com G”, recebi mensagem do Kubitschek Pinheiro, Kubi, ou simplesmente K: “Adorei seu texto - divertido e cheio de signos. Leio sempre ‘A Toca do Leão’. A propósito, hoje é dia de Santo Agostinho que diz – ‘A verdade é como um leão; você não tem que defendê-lo. Solte-o e ele vai se defender’”. Trago este comunicado para o conhecimento público porque Kubitschek Pinheiro é um dos meus cronistas favoritos desde o tempo do extinto Correio da Paraíba, e o jeito desse rapaz escrever, com aspereza provocativa, delicada, elegante e divertida, o coloca entre os mais inventivos cronistas dessas quebradas tabajaras. Ser lido e mencionado pelo Kubi sobrecarrega de ufania o velho Leão de bibelô.

E domingo passado foi 11 de setembro, o dia do grande encontro dos ódios resultantes das lutas geoestratégicas entre muçulmanos, Israel, China, Europa, EUA e Rússia pelo domínio do mundo, que passam pelo desejo de submissão cultural e religiosa. Neste dia, a organização terrorista Al-Qaeda matou quase 3 mil pessoas no ataque às torres gêmeas, nos Estados Unidos. No meio dos escombros, foi encontrado exemplar do livro “Paz perpétua”, do filósofo prussiano Immanuel Kant. Nele, Kant propõe um esquema para pacificar o mundo. Alguém escreveu numa parede incendiada: “Só a arte poderá nos salvar”.

Faleceu a Rainha. Mesmo destino teve dona Biu, Severina Leonardo de Barros, morta aos 106 anos. Até 90 anos, era passista na ala das baianas da Escola de Samba Imperadores de Itabaiana. Imperatriz do carnaval, vida analfabeta escrita com paixão, a sambista passou a existência transfigurando-se em paetês, confete e serpentina, ao som forte e lutador dos atabaques e agogôs de sua raça. Lá se foi dona Biu repousar seu porte altivo e a singela arte de viver intensamente. Minha rainha.

“No agudo, médio e grave / da corneta vil da vida, / dona Biu tocou geral / no grau mais silencioso / e no mais alto escarcéu”. (Do poema que fiz para dona Biu).

No meu álbum sobre capitalismo, a figurinha mais difícil é a do empresário que enricou sem o capital estatal, sem investimentos do governo. Os demais vivem pedindo menos Estado, menos impostos e mais estímulo do Governo para a iniciativa privada. Se der prejuízo, socializem-se as perdas.

Estou lendo o livro “Ingá, retalhos de história, resquícios de memória”, do professor Alexandre Ferreira, uma obra que surpreende pela qualidade do texto e pelo detalhamento histórico. Já vou na página 95. Nesta altura do livro, me impressionou o episódio sobre a queima de escravos velhos e moribundos na fazenda que ficou conhecida como “Mata negro”. O dono da fazenda era Ludovico de Melo Azedo, que hoje dá nome a rua em Ingá.

O caráter do colonizador, a própria mentalidade do europeu que veio para o Brasil forjou a marca e a cara do tipo de escravidão que aqui se praticou e são as causas do país que temos hoje, injusto e altamente preconceituoso, apesar da falácia de “democracia racial”. As tragédias sociais não são obras do acaso.

“Para matar um pequeno burguês, basta adicionar um pouco de liberdade ao seu café matinal.” – Maciel Cajú

Um conterrâneo me fala sobre o problema das drogas em nossa cidadezinha no agreste. Dizem que o consumo e tráfico de drogas chegaram a um estágio que beira a catástrofe social. Em determinado bairro, mais de 40% dos moradores têm algum envolvimento com as drogas. É alarmante. Uma realidade palpável, concreta, brutal. As cidadezinhas estão se tornando cancerosas, necrosadas com o tráfico e consumo das drogas. Daqui a dez anos, ninguém sai nas ruas por causa da guerra e dos zumbis do crack.

SESSÃO EM 1911

Ruy Barbosa contra os poderosos

Parlamentar enfrentou colegas de Casa e usou a tribuna do Senado para mostrar ao país importância da democracia

Ricardo Westin
Agência Senado

Sempre que Ruy Barbosa pedia a palavra, os senadores já esperavam uma fala longa e inflamada. O discurso foi exatamente assim numa sessão em 1911. Antes de iniciar, enquanto ainda se ajustava na tribuna, o senador da Bahia deve ter ouvido algum adversário suspirando de tédio em alto volume só para provocá-lo. Ruy não deixou barato.

“Senhores, estamos em uma época em que passa como irritante o fiel cumprimento dos mais sagrados e imperiosos deveres da honra política pelos representantes do povo”, reagiu ele, abrindo um furioso discurso, que se estenderia por quatro horas, contra os desmandos do presidente Hermes da Fonseca.

Ruy viveu entre as últimas décadas dos Império e as primeiras da República. Nessa época, os rumos do Brasil eram ditados pelos caciques políticos conforme seus interesses particulares. Embora o voto existisse, o povo não apitava nada e achava isso normal. Da tribuna do Palácio Conde dos Arcos, a primeira sede do Senado, no Rio de Janeiro, Ruy tentava convencer.

O Arquivo do Senado, em Brasília, guarda todos os discursos que Ruy pronunciou como senador da República, incluindo suas “aulas” de política. Até então, nenhum parlamentar havia tido a ousadia de botar o dedo na cara dos poderosos do país com tanta veemência.

Em 1893, ele explicou que o governo, ainda que respaldado pela maioria, jamais teria o direito de esmagar a minoria. Era a época em que o marechal Floriano Peixoto, numa espécie de ditadura militar, perseguia de forma implacável seus adversários.

“Aprecio devidamente o valor das maiorias neste sistema de governo. Conheço-lhes a significação nas democracias modernas. Curvo-me à sua autoridade constitucional. As maiorias são a força. As maiorias são a autoridade. As maiorias são a lei. Mas, em assunto político, as maiorias não são, muitas vezes, mais do que a paixão e a injustiça. Não confere a nenhum sistema de governo o direito despótico e absoluto das maiorias. Ele é, muitas vezes, ocasional e precário. Reduzida a uma minoria, reduzida mesmo a uma unidade, uma opinião pode valer mais do que os decretos ditatoriais das maiorias”.

Defesa do Supremo Tribunal Federal

Para Ruy Barbosa, o Supremo Tribunal Federal merecia toda a proteção por ser a única instituição capaz de conter os eventuais interesses políticos do presidente da República e do Congresso Nacional. Ele, como senador constituinte em 1890 e 1891, foi decisivo para que o STF ganhasse a incumbência, válida até hoje, de atuar como guardião da Constituição.

“O Supremo Tribunal Federal é essa instituição criada sobretudo para servir de dique, de barreira e de freio às maiorias parlamentares, para conter as expansões do espírito do partido. É essa força que diz: “Até aqui permite a Constituição que vá; daqui não permite a Constituição que passe”. Eis para que se criou o Supremo Tribunal Federal, que não tem empregos para dar, não tem tesouros para comprar dedicações, não tem soldados para invadir estados, não tem meios de firmar a sua autoridade senão no acerto das suas sentenças”, discursou em 1915.

■ “As nações, senhores, não armam os seus exércitos para serem escravizadas por eles. As nações não fazem os seus marechais para que eles venham a ser na paz os caudilhos de facções ambiciosas”, afirmou.

De seus 55 anos de vida pública, Ruy Barbosa passou 32 no Senado. Foi recordista de mandatos. Inaugurou o Senado da República, em 1890, e só o deixou em 1923, quando morreu, aos 72 anos de idade. Antes, no Império, havia sido deputado provincial e deputado geral.

Ruy assumiu o papel de professor político não somente no Parlamento. Para alertar a sociedade e tentar reverter os abusos dos governantes, ele também fez uso sistemático do habeas corpus nos tribunais (como advogado) e dos artigos de opinião na imprensa (como jornalista).

O senador não admitia que militares aspirassem à Presidência da República. Em 1909, ele próprio se lançou candidato presidencial só para tentar impedir a vitória do marechal Hermes da Fonseca, o escolhido da elite política. Segundo Ruy, um militar no poder inevitavelmente levaria o país à ditadura, tal como havia feito o marechal Floriano.



Ruy Barbosa viveu entre o final do Império e o início da República

Autor de campanha civilista e pelos direitos trabalhistas

Contrapondo-se à candidatura militar, Ruy Barbosa batizou seu projeto presidencial de Campanha Civilista. Ele viajou a várias cidades para apresentar sua plataforma política em comícios e fazer corpo a corpo com eleitores. Foi a primeira vez que um candidato falou diretamente ao povo. Antes os presidentes nem saíam de casa, já que as fraudes eleitorais típicas da Primeira República assegurariam o resultado desejado pela elite.

Em 1919, ele repetiu a atrevida fórmula da Campanha Civilista. A novidade dessa vez foi a inclusão de direitos trabalhistas na sua plataforma de governo. Perdeu para Epitácio Pessoa, o candidato oficial, que havia passado todo o período eleitoral na França. Em 1973, o deputado Ulysses Guimarães se inspiraria em Ruy Barbosa ao lançar-se “anticandidato” à Presidência da República, desafiando a ditadura militar.

Embora tenha sido derrotado em 1909 e 1919, Ruy conseguiu

plantar nos brasileiros a semente de uma consciência político-eleitoral que até então não existia.

Defensor intransigente da lei, Ruy Barbosa se contrapunha à pena de morte e à garantia dos direitos humanos apenas a uma parcela da população. Em 1911, ele denunciou no Plenário a ilegalidade do fuzilamento sumário de marinheiros envolvidos na Revolta da Chibata:

“A vida do homem é tão sagrada no miserável, tão sagrada na mesalina, tão sagrada no assassino, tão sagrada no parricida como no mais santo dos homens, como no mais venerando senador da República. Pois então essa coisa chamada vida humana, sobre a qual a Constituição estende o pálio da mais sacrossanta das suas declarações, não vale mais do que a vontade instantânea de um ou dois tenentes entregues à sua própria ignorância?”

Em diversas ocasiões, Ruy manifestou-se contra a naturalidade com que se aceitava que presidentes praticassem o nepotismo.

Perseguições levaram ao exílio na Argentina

O estado de sítio foi uma arma política usada com frequência na Primeira República, permitindo que os presidentes prendessem adversários livremente e censurassem os jornais de oposição. Perseguido, o próprio Ruy Barbosa precisou se exilar na Argentina e na Europa e teve seu Jornal do Brasil proibido de circular. Ele discursou em 1914:

“A imprensa não é só uma liberdade individual. É ainda uma grande instituição da ordem política. Sem ela, expira o governo do povo pelo povo, cessa o regime republicano, desaparece a Constituição.

Como do ar atmosférico dependem os pulmões, da imprensa depende todo este sistema de freios e contrapesos, de ações e reações, de poderes distribuídos, limitados e fiscalizados em que consiste a existência de uma democracia liberal.

Não há publicidade onde a publicidade não é livre, da mesma forma que o ar que se confinou já não é ar, é carbono, é tóxico, é filtro de contaminações, desnute, envenena, mata.

A imprensa tutelada, a imprensa policiada, a imprensa maculada pela censura deixou de ser imprensa, porque deixou de ser válvula da verdade. Órgão por excelência da fiscalização, transformou-se em encobridor, para ocultar do povo os atos capitais do governo”.

De acordo com o cientista político Christian Lynch, da Fundação Casa de Rui Barbosa e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), outras personalidades brasileiras antes do senador baiano haviam pregado a cultura liberal democrática, porém nenhuma delas com alcance e repercussão semelhantes.

“Ruy Barbosa se colocou como pedagogo da opinião pública, procurando ensinar ao Brasil o apreço por valores como o Estado de Direito e a moralidade na política. E teve sucesso nisso.

Ele conseguiu criar uma cultura que foi incorporada à sociedade e permanece viva, incluindo conceitos, ações e formas de discursar e argumentar.

É uma cultura política tão forte que muita gente, sem importar a posição ideológica, acaba sendo ruiana mesmo sem ter lido Ruy, de senadores e deputados a intelectuais e ministros do Supremo.

Nesse sentido, Ruy Barbosa está mais vivo do que nunca”.

Abolicionista

Entre 1868 e 1923, não houve episódio importante da história do Brasil que não tenha contato com a participação de Ruy Barbosa. Ele atuou com afinco no movimento abolicionista. Monarquista histórico, aderiu na última

hora à conspiração que em 1889 derrubou Dom Pedro II. Ministro da Fazenda no nascimento da República, queimou todos os registros públicos de escravos, para acabar de uma vez por todas com as insistentes pressões dos fazendeiros por indenização. Senador constituinte, definiu os contornos da Carta de 1891.

Ruy deu projeção mundial ao Brasil, quando, na 2ª Conferência da Paz de Haia, em 1907, peitou os Estados Unidos e outras potências e defendeu que os países fracos não deveriam ocupar uma posição subalterna nos tribunais internacionais.

Em 1917, seus argumentos foram decisivos para que o Brasil, após ter navios atacados pela Alemanha, saísse da neutralidade e entrasse na Primeira Guerra Mundial.

Ruy Barbosa foi um dos poucos heróis nacionais a serem reconhecidos em vida.

Ele recebeu votos em todas as eleições presidenciais entre 1894 e 1922, mesmo naquelas em que não foi candidato — na Primeira República, os votantes podiam escrever qualquer nome na cédula eleitoral.

Em 1918, o governo decretou feriado nacional para festejar os seus 50 anos de atividade pública.

Depois de morto, vieram mais homenagens. Ruy foi enterrado com honras de chefe de Estado.

Em 1924, o palacete em que viveu, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, foi comprado pelo governo e, pouco depois, transformado num museu dedicado à preservação de sua produção intelectual — hoje Fundação Casa de Rui Barbosa.

Praticamente todas as cidades do país têm uma rua ou praça com o nome dele.

No Senado, a única estátua presente no Plenário é um busto do senador baiano.

“Peço ao Senado que não se assuste com estes papéis, discursou Ruy Barbosa em 1911, apontando para um calhamaço diante de si. Não podia trazer a esta tribuna nem uma carabina, nem uma espada.

Trago ao recinto dos legisladores apenas um volume das nossas leis. Infelizmente bem fracas nestes tempos, têm sido sempre a minha única arma”.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs. kenoby.com/tess.”



Na última quinta-feira (15), a Calzature, loja instalada no Manairá Shopping, realizou evento para festejar os 25 anos da empresa de calçados e acessórios mais querida da cidade. No evento, registrei a presença da empresária Fátima Lisboa com as amigas Ediliane Marinho e Almira Mendes.



Valéria Lisboa, Samir Melo, Belinha Cabral, Ana Luiza Mendonça, Simone Mesquita Satyro, Basa Abrantes e Elizabeth Marinheiro são os aniversariantes da semana



A Diva Divina, loja de roupas dirigida pela Adriana Mattioli, na foto com George Dellameida e esta colunista, promoveu espetacular evento para marcar seus dois anos de fundação e, ainda, apresentar e lançar a grife by George Dellameida.



Um dos eventos mais esperados do ano, a Casa Luxxor Brasil, foi apresentado a jornalistas e formadores de opinião durante a avant première no Prime View, local da mostra, que está acontecendo desde a última sexta-feira e que se estende até o dia 23 de outubro. Patrícia e Gerardo Rabello, Ana Paula Viana e Ricardo Castro receberam jornalistas e convidados especiais.

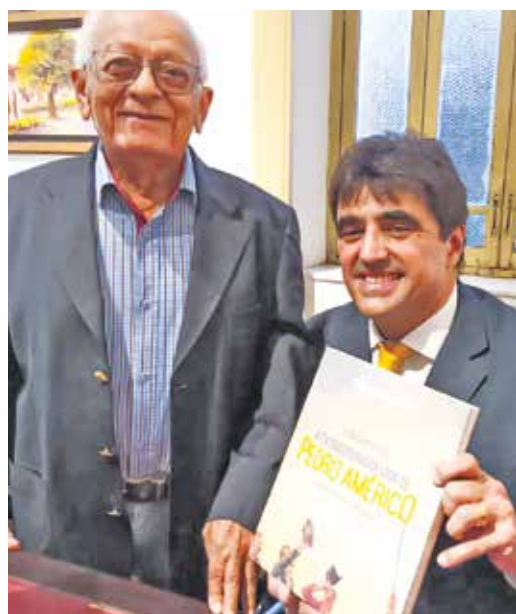


A espetacular pousada Borboleta (foto), localizada em Canoa Quebrada, no Ceará, está abrigando parte de jornalistas que estão participando de fampress ao paradisíaco local. No evento, organizado pela jornalista Cristina Lira, cerca de 17 profissionais do turismo da Paraíba e de outros estados do Nordeste brasileiro se encantaram com as belezas desse pequeno paraíso.



Foi em Edimburgo, na capital da Escócia, que Jéssica Chang de Melo, sobrinha da nossa amiga Marluce Almeida, passou as férias do verão europeu. Já na tercinha, na semana passada, a bela festejou mais uma primavera.

O escritor e jurista José Fernandes de Andrade, na foto com o advogado e também escritor Thélío Queiroz, foi homenageado durante evento realizado na última sexta-feira (16), na Academia Paraibana de Letras.



Ewerton Vieira, cercado pelo carinho das amigas Monique Evans e Divany Brasil, festejou, com sucesso, mais aniversário.



Em uma festa animada, a Massai reuniu colaboradores e parceiros para celebrar 26 anos construindo e desenhando as cidades de João Pessoa, Campina Grande e Mossoró. Na ocasião, os diretores Allison Nunes, Guy Porto e Herbert Almeida se mostraram emocionados e contentes.

Foi trazendo números positivos do crescimento do mercado da cachaça nos cenários nacional e internacional que o 2º Seminário e Feira de Cachaças do Brasil foi lançado, na terça-feira (13), em João Pessoa. No evento, participaram do lançamento e da entrevista coletiva a organizadora do Brasil Cachaças Fernanda Melo; o secretário municipal de Planejamento do município José William Montenegro Leal; o presidente da Fecomercio-PB Marconi Medeiros; o presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq-PB), Roberto Germano; o diretor Executivo do Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC), Carlos Lima; o presidente da Associação Paraibana de Cachaças de Alambique (ASPECA), Múcio Fernandes; e o presidente da Associação de Produtores de Cachaça de Areia (APCA), Thiago Baracho (foto).



IMOBILIÁRIA PARAIBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423 / 98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic

Fixado em 3 de agosto de 2022

13,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

+0,38%

R\$ 5,259

Euro € Comercial

+0,52%

R\$ 5,266

Libra £ Esterlina

+0,08%

R\$ 6,008

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2022 -0,36

Julho/2022 -0,68

Junho/2022 0,67

Maior/2022 0,47

Abril/2022 1,06

Ibovespa



MODA CIRCULAR

Consumidor reutiliza por economia e preservação

Paraibanos se rendem aos itens de segunda mão e pagam menos por boas peças

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Comprar, vender e comprar. Esse é o ciclo das relações de consumo consciente, com o reaproveitamento de artigos por outras pessoas. No caso da moda circular, a reutilização de peças de vestuário e acessórios contribui para a diminuição da produção, dos danos ao meio ambiente e gera uma grande quantidade de negócios, movimentando a economia. As pessoas podem comprar peças de segunda mão exclusivas e de grifes internacionais pagando valores bem inferiores em comparação a um produto novo.

Montadas como verdadeiras boutiques, as quatro unidades de uma empresa franqueadora de João Pessoa especializada em artigos seminovos só comercializam peças em perfeito estado, verificadas a partir de uma curadoria que torna a experiência de consumo igual a de adquirir uma peça nunca usada.

As empresárias Diene Toscano e Gabriela Quadro tiveram a ideia de empreender na área há alguns anos, a partir do desejo de trabalhar com algo ligado à sustentabilidade. Em 2019, executaram a ideia e hoje contam, em João Pessoa, com unidades nos bairros de Manaíra, Bancários e Bairro dos Estados, além

de uma loja de peças infantis. Já há uma franqueada em Belo Horizonte e, ainda neste ano, será aberta uma franquía em Campina Grande.

“Nossa marca nasceu para quebrar esse paradigma de que brechó é lugar de roupa velha. Damos ao cliente uma experiência de consumo com conforto e bom atendimento”, afirma Diene Toscano. O negócio foi pensado para que possa expandir no modelo de franquias. A gestão é de uma loja convencional, em que o cliente consegue comprar on-line e presencialmente, e parcelar em até três vezes.

Além de comprar, é possível vender. A confeiteira Car-

la Priscilia é cliente e fornecedora da loja. Ela sempre vai ao local porque encontra muitas peças que combinam com seu estilo retrô. “Os looks são diferenciados, têm exclusividade e preços acessíveis. Ao mesmo tempo que eu compro eu trago peças para vender”.

A empresária Gabriela Quadro explica que as compras pelas lojas são por consignação. “Quando o fornecedor traz a peça, nós fazemos uma triagem. O produto precisa estar em perfeito estado, sem manchas ou avarias. Fazemos um contrato e, com a venda da peça, o fornecedor escolhe se quer resgatar o dinheiro ou utilizar o crédito em outras peças”.



Empresárias Gabriela Quadro (E) e Diene Toscano (D) se orgulham de incentivar o consumo colaborativo por meio de suas lojas

Produtos custam até 30% de um item novo

Segundo Gabriela Quadro, as peças custam, no máximo 30% do valor de mercado de uma nova. “Por exemplo, uma bolsa nova da grife Louis Vuitton, que custa uma média de R\$ 14 mil, vendemos por R\$ 4,5 mil. Se um vestido custa R\$ 900, aqui a média é de R\$ 159 a R\$ 259. Se a consumidora for usar poucas vezes, é mais barato do que alugar”. Pensando nesta rotatividade, há na loja uma sala só para vestidos de festas.

Além do atendimento das funcionárias, é a oferta de artigos de grifes internacionais que faz a cliente Sandra Costa, que mora em Campina Grande, visitar a loja semanalmente. “Tenho conhecimento de brechós há 25 anos, tanto no Brasil, quanto na Europa, e sei reconhecer as peças em perfeito estado. Venho semanalmente a João Pessoa, passo na loja e sempre compro algo”.

Diene Toscano destaca que

há produtos de todos os preços e marcas. “Trabalhamos com *fast fashion* (produção em larga escala) e grandes marcas, como Prada e Dior. O principal é fazer a moda circular. Percebemos que as pessoas estão desapegando de itens de luxo, como bolsas e óculos, para adquirir outros. O que não faz mais sentido no meu guarda-roupa pode fazer sentido no guarda-roupa de outra pessoa. A peça mais sustentável é a que já existe”, enfatiza.

■ Clientes podem adquirir peças de grifes internacionais por valores bem mais baixos do que o mercado oferece

Consumo consciente torna lares saudáveis

A jornalista Érica Chianca está com crédito de R\$ 600 para retirar em um bazar e vai utilizar o valor para comemorar o aniversário dos dois filhos este mês. Ela observa que os brechós ou bazares vêm surgindo em João Pessoa, nos últimos anos, e percebeu ser uma forma de economizar, sobretudo, na compra de roupa infantil, que não cabe nas crianças por muito tempo e perde a utilidade.

“Também percebi que vender por meio de um bazar é uma forma de ganhar dinheiro. Às vezes, pego o dinheiro e

outras, fico com o crédito para novos produtos. Na pandemia de Covid-19, juntei muita roupa dos meus filhos, que já não cabem mais neles. Daí, entreguei os itens, troquei por outras peças e ainda fiquei com crédito, que vou sacar para comemorar o aniversário deles”.

O consumo consciente também pode ser consequência da mudança de hábitos sociais. Nos últimos anos, os apartamentos são menores, assim como os quartos e armários, sem capacidade para um consumo acumulativo. “A pandemia

acelerou esse processo de mudança de vida, e as pessoas verificaram seus excessos. Quando você tem uma guarda-roupa mais funcional, você tem mais criatividade para criar *looks* do dia a dia. É melhor vender do que deixar estragar no armário”, pondera Diene Toscano.

Além das roupas e sapatos dos filhos, Érica Chianca negocia seus próprios itens. “Gosto muito de comprar roupa, então, duas vezes ao ano eu organizo o armário, tiro o que não uso há muito tempo ou que não combina mais comigo e vendo no

bazar. Mas, nas peças infantis a venda é bem mais dinâmica”. A economia também. Ela conta que é possível encontrar calça para criança de sete ou oito anos por R\$ 29,90 e camisa por R\$ 15, em ótimo estado.

Lojas na internet

A internet está repleta de lojas virtuais, nas quais cada pessoa pode criar sua própria loja. Criada em São Paulo, em 2009, a Enjoei.com é uma dessas que conta com 7,5 milhões de usuários, dentre os quais muitas personalidades brasileiras.

Opinião

Guilherme Massa
Co-fundador da Liga Ventures Colaboração

O impacto da inovação aberta no varejo

Nos últimos anos, pudemos observar um movimento global de digitalização dos negócios, que foi impulsionado fortemente pela pandemia de Covid-19.

Porém, ainda que muitos atribuam apenas a ela os méritos da aceleração da transformação digital, o fato é que as empresas dos mais diversos segmentos já estavam caminhando para esse cenário.

Ainda que já estivessem de olho nisso, é inegável que muitas só colocaram a mão na massa e intensificaram seus esforços para trazer inovação para dentro de casa quando perceberam que já não era mais possível sobreviver sem ela. E, de 2020 para cá, ficou cada vez mais claro que as companhias que não entenderem que precisam se atualizar para manter sua relevância no mercado e investirem nisso irão ser pouco a pouco deixadas para trás pela concorrência.

Um dos segmentos mais impactados pela crise sanitária foi o varejo, que sofreu com a falta de público nas lojas e estabelecimentos físicos e diminuição do poder de compra dos consumidores, e, por isso, precisou reinventar os negócios, migrando para o e-commerce e investindo excessivamente em ferramentas como marketing digital e Big Data para tentar conquistar novos consumidores e entender sobre as novas tendências de comportamento e desejo da sociedade.

O fruto dessa corrida de trazer inovação ficou nítido nos resultados do setor: segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ele cresceu 1,4% em 2021. Já em 2022, o comércio varejista acumula alta de 2,3%.

Outros dados divulgados pela Neotrust, que faz o monitoramento do e-commerce brasileiro, mostraram que em 2021 ele alcançou R\$ 161 bilhões em faturamento, valor recorde e que representa um aumento de 27% em comparação a 2020.

É importante destacar que as startups tiveram um papel essencial nesse cenário, pois conseguiram rapidamente oferecer suas soluções para aquelas companhias que precisavam de inovação de forma ágil e assertiva, ajudando a automatizar diversos processos e alavancar os negócios de empresas de todos os portes e segmentos. Elas trouxeram para os lojistas diversas ferramentas focadas em logística, no atendimento e experiência dos clientes e nas formas de pagamento, que foram determinantes para que o público tomasse gosto pelo e-commerce.

Segundo informações da Startup Scanner, ferramenta de monitoramento de startups, existem atualmente no país cerca de 382 retailtechs, que são focadas na transformação digital do varejo, sendo que sete delas foram criadas no último mês. Um estudo da Associação Brasileira de Startups (Abstartups) em parceria com a Deloitte aponta que 32% das retailtechs brasileiras já receberam investimento.

Dados como esses mostram o impacto e relevância da inovação aberta no setor, e as expectativas para os próximos anos são de que os investimentos cresçam ainda mais, colocando o varejo como um dos principais agentes impulsionadores do ecossistema.

**Excepcionalmente hoje não teremos a coluna de João Bosco Ferraz de Oliveira.*

TECNOLOGIA E AUTOMAÇÃO

Empresas elegem áreas prioritárias

Pesquisa mostrou que 23% dos negócios ampliaram os investimentos em digitalização no segundo trimestre

Agência Estado

A pesquisa Sondagem Trimestral sobre Transformação Digital das empresas, realizada pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostrou que 23% das empresas nacionais aumentaram os investimentos em digitalização no segundo trimestre de 2022. Entre as Micro e Pequenas Empresas (MPes), o aumento foi maior: 14,1% das organizações desses portes investiram em digitalização, contra 9,2% verificado no primeiro trimestre do ano.

O levantamento, realizado a cada três meses, tem o objetivo de monitorar a jornada das empresas, especialmente das MPes, rumo à economia digital, e identificar tendências para os curtos e médios prazos. Entre a primeira e segunda sondagem do ano, houve aumento de 3,6 pontos, de 117,5 para 121,1, no indicador que mede os investimentos realizados em digitalização. Entre as micro e pequenas empresas, o crescimento foi de 6,2 pontos, passando de 105,0 para 111,2 pontos.

Ao se tratar do destino dos investimentos, mais da metade das empresas brasileiras que participaram da Sondagem afir-

maram ter funcionários contratados ou terceirizados para a área de tecnologia. Pelo menos 82,5% das organizações indicaram possuir profissionais na área de uso de software de gestão, enquanto 77,6% afirmaram ter funcionários para lidar com o uso de softwares de gerenciamento de clientes.

De acordo com o especialista em análise e desenvolvimento de sistemas, Deivison Mozer de Souza, na lista de atualizações em tecnologia que as empresas vêm fazendo para se manter competitivas no mercado está a automatização de serviços e processos. A corrida pela transformação digital por meio da

automação tem impulsionado o investimento na contratação de profissionais qualificados para implantação, desenvolvimento e manutenção para atender a essa demanda.

“A automação de processos trata-se da definição de procedimentos específicos e sua transferência para o meio digital onde ele será executado automaticamente. Ela pode ser aplicada em diferentes atividades e processos de uma organização, reduzem a necessidade de tarefas manuais que consomem grande quantidade de tempo e estão suscetíveis a erros, proporcionando agilidade e assertividade em sua execução”, explica.

“

Tecnologias de automação têm se tornado indispensáveis para muitos negócios, e geram aumento de desempenho

Deivison Mozer



Pelo menos 82,5% das organizações nacionais pesquisadas informaram ter contratado profissionais habilitados para lidar com uso de softwares de gestão e para lidar com clientes

Redução de custos é uma das vantagens

Entre os benefícios da implantação de tecnologias para automação de serviços e processos está a redução de custos. Segundo Mozer, quando processos e atividades são implementados no meio digital, torna-se possível mapear atividades ineficientes e custosas pela coleta de dados precisos fornecidos pelo sistema e permitindo a sua otimização, o que reflete em resultados mais positivos para o negócio.

“A redução de custos surge

da redução de trabalhos manuais e, conseqüentemente, redução de mão de obra. A geração de folha de pagamento de funcionários com base nas horas trabalhadas, por exemplo, é uma atividade que ainda é feita de forma manual em muitas empresas e que poderia ter seu custo reduzido pela utilização de sistemas automatizados”, esclarece.

Ele avalia que as empresas que não investem em automa-

ção deverão perder competitividade no mercado. Isso porque os processos manuais demandam mais tempo de execução e resposta para clientes e fornecedores, além de incidirem em maior possibilidade de erro. “Tecnologias de automação têm se tornado indispensáveis para muitos negócios, e quando implementadas, geram um aumento de desempenho tanto nas empresas como no cotidiano dos funcionários e clientes”, ressalta.

Varejo é setor que mais investe em tecnologias

■ Destaque é para as áreas de comércio de vestuário, acessórios, produtos alimentícios e produtos farmacêuticos

contam com uma baixa adesão.

Segundo a Cortex, os empreendimentos foram avaliados em diversas categorias, como Cloud Providers, Business Email Hosting, CRM, Marketing Automation, AI Services, Blog, E-commerce e Security, nas quais receberam uma pontuação de 0 a 100. Ao todo, 9.585 tecnologias foram monitoradas.

Limites

O avanço tecnológico, no entanto, esbarra na questão dos limites que devem haver para que a tecnologia utilizada em uma empresa não sobreponha o material humano que ela dispõe. A afirmativa é de Cíntia Possas, advogada, palestrante, mentora na área trabalhista, presidente da Comissão de Direitos Coletivos e Sindical da ABA-RJ (Associação Brasileira de Advogados do Rio de Janeiro), Secretária-Geral da Comissão Nacional Digital da ABA (Associação Brasileira de Advogados) e empresária à frente do Escritório de Advocacia com seu nome e da empresa Casmeq Consultoria e Capacitação Profissional.

“O avanço tecnológico trouxe inúmeros benefícios, sendo os mesmos inegáveis. Todavia, devemos buscar o equilíbrio entre o avanço tecnológico e a valorização do homem frente ao capital”, afirma.

Agilidade e produtividade são maiores

“

Devemos buscar o equilíbrio entre o avanço tecnológico e a valorização do homem frente ao capital

Cíntia Possas

Outro benefício que as empresas observam quando automatizam seus processos é a otimização de tarefas e redução do tempo de execução de tarefas manuais, como observa Deivison Mozer. Uma das tarefas que parecem simples quando feitas manualmente, mas que demandam tempo e recursos, é o envio de e-mails, especialmente os que fazem parte da estratégia de marketing das empresas.

“Atividades como envio de e-mails podem ser facilmente automatizadas com a utilização de templates configuráveis para diferentes situações, proporcionando redução de erros e rápido tempo de resposta. Além disso, a geração de relatórios de dados também pode se beneficiar do

uso de automatizações pela possibilidade de configuração de filtros de informações, permitindo a geração instantânea de relatórios que garantem agilidade na tomada de decisão”, explica.

O profissional observa ainda que os processos automatizados também influenciam na produtividade das equipes e da empresa como um todo. “Empresas do ramo de comércio eletrônico, por exemplo, têm se beneficiado da automação da gestão financeira, possibilitando mais segurança, assertividade e controle dos pagamentos e recebimentos. Como resultado, elas vêm obtendo maior produtividade”, conclui ele, que possui sete anos de experiência na área de análise e desenvolvimento de sistemas.

CONCURSO DE TECNOLOGIA

Estudantes são campeões mundiais

Alunos paraibanos do IFPB conquistam o primeiro lugar em competição promovida por gigante chinesa da área

Renato Félix e
Márcia Dementshuk
Assessoria SEC&T

A Paraíba conseguiu um destaque importante no campo da educação e da ciência com a vitória de três estudantes na fase mundial da Huawei ICT Competition 2021-2022, promovido pela empresa chinesa de tecnologia para alunos de instituições com as quais ela possui parceria, a Huawei ICT Academy. Luana Barros, Gabriel Gutierrez e Marcos Ugulino – os dois primeiros do curso de mestrado em Engenharia Elétrica, o terceiro, do curso superior de Tecnologia em Redes de Computadores – são do campus João Pessoa do Instituto Federal da Paraíba, e tiveram como mentor o professor Michel Coura Dias. A cerimônia de premiação aconteceu na quinta-feira, no plenário da Assembleia Legislativa da Paraíba.

Estudantes de quatro universidades foram premiados na fase global da competição – todas do Nordeste: Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Alagoas, Instituto Federal do Ceará, além do trio do Instituto Federal da Paraíba, que conquistou o primeiro lugar. Estiveram presentes na cerimônia também representantes da Huawei, do Ministério da Educação e do Governo da Paraíba, representado por Rubens Freire, secretário executivo de Ciência e Tecnologia, e por Roberto Germano, presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB).

A final foi realizada de forma remota no dia 17 de junho, mas com os alunos brasileiros reunidos no escritório da Huawei em Brasília, e o resultado foi divulgado dia 25. A cerimônia de premiação também marcou o lançamento da edição 2022-2023 da competição, que tem fases nacional, regional e global e possui três linhas de atuação: inovação, redes e cloud (nuvem), que é na qual os paraibanos foram campeões. A final contou com participantes de 85 países, num total de 150

mil estudantes e esta é a segunda vez seguida que uma equipe do IFPB fica com a primeira colocação.

“A competição envolve os insitutos que são parceiros da Huawei. Cada instituição monta uma equipe de três pessoas”, explica Gabriel Gutierrez. “A competição consiste em provas teóricas e práticas”. “E essas provas utilizam produtos e tecnologias da própria empresa”, complementa Luana Barros.

As provas são desafios propostos pela empresa, para serem resolvidos em um determinado tempo. Não é coisa simples: na etapa nacional, os estudantes tiveram quatro horas para resolver os problemas; na etapa regional (da América Latina), o tempo foi de seis horas; e na etapa global, foram reservadas oito horas contínuas de trabalho.

Em cada prova, uma série de critérios são estabelecidos e, cumpridos, vão somando pontos. “Cada prova prática tem um roteiro com diversas etapas. Cada etapa tem uma pontuação”, explica Gutierrez. “O desafio da prova é exatamente conseguir fazer tudo no tempo proposto. Exige muita dedicação e divisão de tarefas entre todos os membros da equipe”.

Luana e Gabriel estudam no mesmo mestrado, mas não conheciam Marcos Ugulino. “Eles já trabalhavam juntos e eu conheci eles na preparação para a competição”, conta. “O conteúdo da prova aborda ‘cloud computer’, ‘cloud service’, inteligência artificial, big data. A gente precisava ter conhecimento de todos os assuntos, mas cada um se especializou em determinadas áreas para, quando chegasse na prova, unir todo o conhecimento”.

Luana Barros, por exemplo, era a especialista na área de inteligência artificial. “Comecei a trabalhar com inteligência artificial, que foi minha área principal, dentro do polo de inovação, trabalhando em projetos de inovação”, lembra. “O polo de inovação tem diversos laboratórios de pesquisa, como o Assert”, completa Gabriel.

■ A cerimônia de premiação também marcou o lançamento da edição 2022-2023 da competição



A cerimônia de premiação aconteceu na última quinta-feira, no plenário da Assembleia Legislativa da Paraíba



Em discurso, Roberto Germano ressaltou os investimentos em bolsas financiadas pela Fapesq-PB

■ Esta é a segunda vez seguida que uma equipe do IFPB fica com a primeira colocação



Secretário Rubens Freire afirmou que é interesse do Estado estreitar laços com empresas chinesas

■ A final contou com participantes de 85 países, num total de 150 mil estudantes

Todos os alunos premiados são oriundos do ensino público gratuito

A aproximação entre IFPB e Huawei permite outras oportunidades aos estudantes, além dessa competição anual. Cursos também servem para aprendizado e estreitamento de laços e foi assim que Luana Barros e Gabriel Gutierrez já estão integrando os quadros da empresa como contratados. Marcos Ugulino também recebeu propostas dos chineses. É uma vitória que vai além do prêmio de R\$ 18.800 para o IFPB: é o futuro se desenhando.

“Esse tipo de evento de incentivo, tanto privado quanto público, é muito

Contrato

Cursos também servem para aprendizado e estreitamento de laços; Luana Barros e Gabriel Gutierrez já estão integrando os quadros da empresa como contratados

importante para que o estudante consiga enxergar onde ele pode chegar”, analisa Luana. “Ele tem que ter uma perspectiva”. Ugulino também ressaltou a importância da educação. “Talvez a educação não seja o caminho mais fácil para mudar de vida, mas é o mais certo”, avalia. “Só depende do seu esforço. Se você estudar bastante, participar de pesquisa, pode chegar lá”.

E, importante ressaltar, todos os premiados são oriundos do ensino público gratuito. “A gente tem que enaltecer o ensino público de qualidade”, finaliza Marcos.

Bons números das pós-graduações paraibanas no cenário nacional

Para Roberto Germano, é muito significativo que esse evento tenha acontecido na Paraíba, estado que uniu a Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia à Secretaria de Educação, em 2019. “Na Paraíba, não podemos deixar separado a educação da ciência, tecnologia e inovação. A união das secretarias mostra claramente que esses dois temas são indissociáveis”, afirmou, em seu discurso à plateia.

Ele também ressaltou os bons números das pós-graduações paraibanas no cenário nacional, considerando que há um investimento em bolsas financiadas pela Fapesq-PB. “Quando sai a avaliação da educação superior em nível de pós-gra-

duação no Brasil, nós tivemos avanços significativos no estado da Paraíba”, apontou. “Somente com a instituição que concentra o maior número de pós-graduações, a UFPB, são 76% do programas de pós-graduação em nível de excelência, com conceitos 5, 6 e 7”.

Rubens Freire também apontou a importância da educação quando se dirigiu à plateia. “Somos todos jovens por causa dos nossos sonhos. E nossos sonhos de transformação da sociedade são realizáveis pela educação”, considerou. “Não há outro caminho. Pela construção da cidadania, pela busca de conhecimento e pela técnica que permitirá transformar conhecimento em

benefícios”. Porém, ressaltou a importância da política nesse cenário. “O conhecimento científico apenas em si, não são suficientes para resolver nossos problemas mais profundos: a fome, o desemprego...”, disse. “São decisões políticas que resolvem esse problema”.

Ele também afirmou que é interesse do Estado estreitar laços com empresas chinesas e com o governo chinês. A Paraíba investiu R\$ 15 milhões na compra de equipamentos para dar suporte ao radiotelescópio Bingo, que está sendo instalado no município de Aguiar, equipamento esse oriundo de uma empresa chinesa.

NO CERRADO

Bioma segue com desmatamentos

Neste ano, até final de julho, foram desmatados quase 500 mil hectares, numa velocidade de dois mil por dia

Bibiana Alcântara Garrido
Assessoria do IPAM

Com algoritmos avançados para detecção de desmatamento, o Sistema de Alerta de Desmatamento do Cerrado (SAD Cerrado) foi lançado em plataforma virtual pelo IPAM (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), em parceria com a rede MapBiomas e com o Lapig (Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento), da UFG (Universidade Federal de Goiás). O Ipam é responsável pelo desenvolvimento da tecnologia que funciona por meio de inteligência artificial e utiliza imagens do satélite Sentinel-2, da Agência Espacial Europeia, com resolução de 10 metros.

“Devido à heterogeneidade das paisagens e à sazonalidade da vegetação, o monitoramento do desmatamento no Cerrado sempre foi muito desafiador. Áreas de vegetação nativa exuberantes na época de chuva podem perder todo o seu vigor na seca, se assemelhando a áreas desmatadas. Além disso, áreas afetadas pelas frequentes queimadas no bioma podem ser confundidas com desmatamento. Nesse contexto, o uso de inteligência artificial e imagens de satélite de alta resolução permitem detectar áreas desmatadas com maior detalhamento e acurácia”, explica Juan Doblas, pesquisador no IPAM responsável pelo SAD Cerrado.

O SAD Cerrado detectou mais de 50 mil alertas em 2022, totalizando 472,8 mil hectares desmatados até o dia 31 de julho. Somente no último trimestre, houve um aumento de 15% na área desmatada no bioma em relação ao mesmo período do ano passado: foram 291,2 mil hectares derrubados, entre maio e julho de 2022, contra 253,4 mil hectares desmatados nesses mesmos meses de 2021.

Mais de 70% da área desmatada corresponde a alertas maiores que 10 hectares. A área média dos alertas detectados pelo SAD Cerrado é de 943 hectares, com maior frequência de detecção nos meses de maio a julho, período do início da estação seca no Cerrado.

O sistema revelou uma maior concentração de áreas desmatadas no Maranhão, que acumula 26,4% de todo o desmatamento detectado no bioma em 2022, o que equivale a 124,7 mil hecta-

res. O Tocantins apresentou a segunda maior área de alertas, totalizando 108,7 mil hectares, a maior parte deles na região norte do estado, em áreas de expansão do cultivo de soja.

Dentre os municípios que mais desmataram, Balsas, no Maranhão, foi o que mais desmatou, com mais de 12 mil hectares. Em segundo lugar está o município de São Desidério, na Bahia, com 9,5 mil hectares desmatados. A cidade baiana concentra a terceira maior produção de soja no país, segundo o IBGE.

A velocidade média do desmatamento foi de mais de dois mil hectares por dia e a maior parte da área de supressão está localizada em savanas, com 69,2% da área desmatada. As áreas privadas representaram 78,9% do desmatamento no bioma.

“Recentemente o ritmo do desmatamento no Cerrado tem acelerado, principalmente em áreas privadas e nos remanescentes de vegetação nativa no Matopiba (região de Cerrado que engloba Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), que acumulou 65% da área desmatada no bioma no primeiro semestre deste ano. Estamos perdendo a savana mais biodiversa do mundo para a agropecuária, com importância vital para a estabilidade climática e hidrológica regional, precisamos agir rapidamente para protegê-la”, acrescenta Julia Shimbo, pesquisadora no IPAM e coordenadora científica do MapBiomas.

A plataforma virtual completa do SAD Cerrado pode ser acessada pelo link sadcerrado.ipam.org.br.

A intenção é que o sistema forneça alertas de desmatamentos maiores de um hectare, atualizados mês a mês, considerando todos os tipos de vegetação nativa do Cerrado. Pesquisadores entendem que o SAD Cerrado pode se constituir como uma ferramenta complementar a outros sistemas de alerta de desmatamento no bioma, como o DETER Cerrado, do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), otimizando o processo de detecção em contextos visualmente complexos no bioma.

O SAD Cerrado estará disponível em um painel de acesso virtual gratuito e intuitivo a partir desta segunda-feira, 12, e coincide com o Dia Nacional do Cerrado, celebrado em 11 de setembro.

Fotos: Agência Brasil



Monitoramento desafiador: paisagens são heterogêneas e vegetação tem sazonalidade

Alerta

Ipam lança Sistema de Alerta de Desmatamento, com tecnologia que funciona por meio de inteligência artificial e imagens de satélite de alta resolução



PEDRO HENRIQUE

Revelação na luta olímpica

Pedro Henrique, de 16 anos, foi destaque esta semana nos Jogos da Juventude com duas medalhas de ouro

Atleta de Campina Grande é fruto do projeto social Afla Ferreira, que atende crianças e adolescentes

Laura Luna
 lauraluna@epc.pb.gov.br

Pedro Henrique de Souza. Importante gravar esse nome. Aos 16 anos, o garoto franzino de 1,55 metro e 48 quilos é o atleta de maior destaque da luta olímpica do estado na atualidade. De família simples e fruto de um projeto social, o atleta que defende o Clube Campestre migrou há dois anos do judô para a luta olímpica, onde já reúne vitórias importantes. Entre os objetivos a serem alcançados estão a participação em Olimpíadas e o curso de Direito.

“É um menino de ouro. Um filho, um irmão e um colega exemplar. Todo mundo que conhece, admira”, afirma o treinador Eliezer Ferreira. Fala de quem conhece o lutador há 12 anos. Foi aos quatro que Eliezer descobriu em Pedro Henrique um atleta em potencial. “Em uma roda de capoeira, vimos aquela criança que entrou na roda, não se intimidou com o tamanho. Daí a gente começou a brincar com ele e senti que ele tinha uma pegada muito forte”, lembra.

Foi a partir daí que Pedro Henrique teve a vida modificada pelo esporte. Se os 10 anos de judô renderam boas memórias, os dois de luta olímpica já podem ser considerados a ‘cereja do bolo’. Três vezes campeão brasileiro, vice-campeão e terceiro lugar em Pan-Americano, o atleta de Campina Grande já disputou um Mundial e um Sul-Americano, ficando entre os primeiros colocados. A última conquista é recente, com dois ouros (estilo livre e estilo greco-romana) nos Jogos da Juventude que encerraram, ontem, em Aracaju. Quem vê a luta precisa e o treino disciplinado não imagina o sufoco que o treinador teve que enfrentar no início de tudo. “Um pinga fogo (risos). Mas sempre foi uma criança muito ativa, com muita facilidade de aprender, de assimilar as coisas, com uma memória muscular muito boa, boa coordenação motora, porém uma pimenta, pimenta malagueta”, brincou. Mas não se trata apenas de um atleta de destaque, Pedro Henrique chama a atenção pela maturidade. O sonho de trabalhar para dar uma vida melhor à mãe, que no momento está desempregada, e aos quatro irmãos, é outro objetivo a ser alcançado. “Sonho em tirar minha família do sufoco. Ser um delegado. Também quero ajudar os colegas que estiveram comigo, os colegas do esporte que precisam. Só sabe das dificuldades quem passa”.

Dificuldades enfrentadas todos os dias, mas que não desanimam, pelo contrário, servem como motivação para quem acredita que foco e determinação podem mudar a realidade de qualquer um. “A próxima competição é em Campina Grande, no mês de outubro. E estou treinando para fazer bonito na minha cidade”, pontua Pedro Henrique que se prepara para disputar o Campeonato Brasileiro Regional. A rotina de exercícios é puxada e acompanhada de perto por Eliezer Ferreira. “Treino de gente grande que envolve o físico e o tático. Quando tem competição próxima, fazemos também no final de semana”.

O treinador, que há 12 anos convive com Pedro Henrique, vislumbra um futuro cheio de possibilidades para o atleta. “Ele é jovem, vai muito além. Temos sonhos de disputarmos Mundiais, Olimpíadas, me-

lhorar os índices... tenho certeza que ele ainda tem muito a conquistar”.

Projeto social

Pedro Henrique é um dos muitos exemplos de crianças e adolescentes que se encontraram no esporte graças ao projeto Afla Ferreira, coordenado há mais de 10 anos por Eliezer Ferreira. São dezenas de meninos e meninas dos seis aos 18 anos provenientes de comunidades carentes da periferia de Campina Grande. “Devem estar matriculados. Muitos que passaram por nós já estão até formados e acabam voltando para prestar algum tipo de trabalho”, lembra Eliezer.

Para manter os atletas nas aulas de judô, jiu-jitsu, luta olímpica e muay thai não é fácil. Apesar da relevância, o projeto sofre as dificuldades da escassez de recursos. “Eu sou da área de saúde e conto com a o apoio de colegas da área. Já meu irmão, que também é professor no projeto, é da área da segurança e também consegue algum tipo de apoio com os colegas”.

Fotos: Luciano Ribeiro



Finalização da luta que deu a Pedro Henrique a segunda medalha de ouro nos Jogos da Juventude

Sobre a luta olímpica

A luta olímpica, ao lado da maratona, é um dos esportes mais antigos de que se tem registro embora não haja, segundo a Confederação Brasileira de Wrestling, confirmação de uma data precisa. Acredita-se que a prática teve início no período Micênico da Grécia Antiga. Registros e imagens datados do ano de 2000 a.C. foram encontrados com movimentos similares aos utilizados nos dias de hoje. A expansão territorial dos romanos é apontada como um dos fatores de propagação da luta. Literaturas antigas de povos árabes e orientais possuem registros de práticas similares ao esporte. Há também a teoria de que no século XVIII as tropas de Napoleão Bonaparte teriam acrescentado novas regras e criado o nome greco-romano para o esporte.

Em 2015, a Federação Internacional de Lutas Associadas (FILA) passou a chamar a luta olímpica de United World Wrestling. A questão se deu porque o Comitê Olímpico Internacional não autorizava o uso da palavra ‘Olímpica’ atrelada ao nome, exemplo que foi seguido por outras Confederações ao redor do mundo.



FALSIFICAÇÕES

Clubes só acumulam prejuízos

No Brasil, 37% das camisas de times de futebol comercializadas não são oficiais, segundo dados do Ipec

Agência Estado

A imagem da transmissão de tevê fecha em um grupo de dez torcedores. O clube pouco importa, menos ainda o estádio onde tal cena foi exibida para milhares de pessoas. A única certeza é que quatro deles não estão com o uniforme oficial da equipe de coração. No Brasil, 37% das camisas de times de futebol comercializadas são falsificadas.

Os números são de um estudo realizado pelo Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria) e encomendado pela Ápice (Associação pela Indústria e Comércio Esportivo), entidade formada por grandes empresas do setor de produtos esportivos do mundo, entre elas Nike, Adidas e Puma, responsáveis, por exemplo, pela confecção das camisas oficiais de Corinthians, São Paulo e Palmeiras, respectivamente.

Em 2021, foram vendidos 60 milhões de camisas de times de futebol no Brasil, sendo 22 milhões falsificados. A perda foi proporcional ao lucro. A Ápice informou ao Estadão que o faturamento das empresas com o comércio de produtos esportivos, incluindo nesse montante outros itens, como agasalhos e tênis, foi de R\$ 9,12 bilhões no ano passado. O prejuízo chegou à mesma cifra: R\$ 9 bilhões. Foram comercializados mais de 150 milhões de peças falsificadas. Só com artigos de futebol o prejuízo foi de R\$ 2 bilhões em 2020, segundo levantamento do Fórum Nacional contra a Pirataria e Ilegalidade (FNCP).

O maior inimigo não é aquele vendedor ambulante que trabalha nos arredores dos estádios em dia de jogos. Eles ainda estão presentes com o varal improvisado oferecendo camisas e, claro, conseguem seduzir alguns torcedores, mas têm um alcance pequeno perto do comércio on-line.



Em 2021, foram vendidos 60 milhões de camisas de times de futebol no Brasil, sendo 22 milhões falsificadas; a perda chegou a ser proporcional ao lucro

A oferta de produtos esportivos falsificados é monitorada pela Ápice quase que em tempo real, em parceria com uma empresa especializada em comércio digital.

Empresa que é líder de compras on-line em diversos países asiáticos, como Cingapura e Malásia, e que opera no país desde 2019, a Shopee Brasil está no centro do alvo. São mais de 17 mil vendedores que comercializam produtos esportivos falsificados localizados no Brasil e no exterior, com mais de 100 mil links e seis milhões de peças em estoque.

“Se você pesquisar por ‘camisa da seleção’ vai ver até vídeos de fábricas no exterior falsificando essas camisas para colocar na mão do consumidor brasileiro por um preço muito baixo”, afirma Renato Jardim, diretor executivo da Ápice.

A camisa da seleção brasileira que vai vestir Neymar e companhia na Copa do Mun-

do no Catar é vendida pela Nike em duas versões. A de maior preço, definida como modelo torcedor, custa R\$ 349,99. A Supporter, R\$ 249,99. A pirata (descrita como de alta qualidade no Shopee) pode ser adquirida por R\$ 96,99. O mesmo vale para os modelos dos quatro times grandes de São Paulo.

A camisa do Corinthians, idêntica a utilizada pelos jogadores, é comercializada por R\$ 599,99 pela Nike, com uma versão torcedor por R\$ 249,99. A do Palmeiras, da Puma, custa R\$ 399,90 no modelo jogador e R\$ 299,90, no torcedor. A Umbro tem duas opções para os uniformes do Santos: R\$ 359,90 e R\$ 299,90. Por fim, o São Paulo, da Adidas, vende a sua por R\$ 299,99. A versão falsificada dos quatro times é entregue, em média, por R\$ 50.

“Como isso, (a camisa) entra no Brasil e chega na mão do consumidor sem pagar nenhum imposto? A plataforma

não poderia deixar ser tomada por pessoas que estão praticando um ato ilícito. Não existe um esforço para identificação e suspensão das ofertas e vendedores como acontece com outras plataformas”, comenta Renato Jardim, citando o Mercado Livre como exemplo de combate ao comércio de falsificados. “Os sites precisam ser proativos, ativos e reativos para coibir esse comércio.”

Soluções

Para Renato Jardim, “não existe uma bala de prata que possa resolver ou mudar drasticamente o cenário da falsificação de artigos esportivos”, mas ele entende que “medidas conjuntas podem ajudar” no combate ao comércio de camisas piratas.

A política tributária é uma delas. “A diferença de preço entre o produto original e o pirata é um dos elementos que gera essa comercialização em grande escala. A parte relevante do preço do original está na tributação. Você precisa ter uma política tributária adequada justamente por saber que esse produto é alvo de pirataria. Quem tem um poder aquisitivo menor também quer ter acesso ao produto”, entende Renato Jardim.

Atualmente, sobre a produção das camisas incide ICMS e IPI na saída do estabelecimento que fabricou. Sobre a receita de venda, o fabricante recolhe IRPJ, CSLL, PIS e Cofins. Tudo isso encarece o preço final do artigo esportivo, que é repassado ao consumidor. Já quem produz o artigo pirata não paga imposto, muito menos investe em tecnologia e marketing.

“É um desafio muito grande para os clubes baratarem e tornarem acessíveis seus produtos, já que várias medidas dependem do poder público, como, por exemplo, uma concessão de benefícios fiscais, uma diminuição da tributação”, afirmou Rafael Marin, advogado tributarista e professor de graduação e pós-graduação em direito tributário.

A diminuição da tributação, acrescentou Rafael Marin, depende de articulação

com Estados e União e ainda da aprovação nas respectivas casas legislativas.

Outra questão em que Renato Jardim lança luz diz respeito às leis para aqueles que cometem o crime de pirataria contra marcas esportivas. Segundo ele, é necessária uma atualização da tipificação.

“E não estamos falando da tipificação contra o ambulante, o camelô, que ganha uma diária para vender no dia do jogo, nos arredores do estádio”, comentou. “São os responsáveis pela atividade. Aqueles que estão por trás do ilícito, algo que está muito bem organizado, produção, distribuição, contrabando quando o produto vem de fora. Precisamos de uma tipificação mais correta, com resultados e consequências reais, que façam essa atividade não valer ser cometida.”

Segundo a advogada Mariana Chamelette, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito Desportivo, as questões relacionadas à pirataria de itens esportivos estão previstas em condutas criminosas tipificadas no art. 184 do Código Penal e na Lei 9.279/96 (que tutela a propriedade intelectual e coíbe a concorrência desleal). “Em nenhum dos casos, a pena prevista pode levar à privação de liberdade, uma vez que a pena máxima prevista aos delitos não ultrapassa quatro anos de reclusão”, explica.

A confecção de produtos piratas também está relacionada a outros delitos, como crimes tributários, descaminho e redução de indivíduos à condição análoga à escravidão.

Neste aspecto, alguns clubes, como o Palmeiras, tem um escritório de combate à pirataria que trabalha diretamente com os órgãos públicos para minimizar tal prática. O departamento jurídico do São Paulo também está sempre atento aos casos envolvendo produtos relacionados ao clube. Segundo Felipe Dallegrave, diretor executivo jurídico do Internacional, o time de Porto Alegre “busca rastrear a origem desses produtos e identificar os caminhos até chegarem ao con-

sumidor e, posteriormente, realizamos uma denúncia para as autoridades.”

O Palmeiras trabalha em conjunto com a Puma, sua fornecedora, para oferecer “produtos de qualidade em diferentes faixas de preço”, segundo nota enviada ao Estadão. “Em nosso último lançamento, já experimentamos trazer novas opções e continuamos trabalhando com o objetivo de aperfeiçoá-las”, acrescentou, citando o novo terceiro uniforme.

A Adidas não se posicionou em relação ao assunto. A Nike enviou uma nota ao Estadão, informando que “o Grupo SBF e as empresas do seu ecossistema, entre elas, a Fisia, distribuidora oficial da Nike no Brasil, está alinhada aos valores do esporte e não tolera pirataria e, por isso, atua no tema com apoio de entidades setoriais.”

Exemplos

O Fortaleza se antecipou e pelo quarto ano consecutivo produziu o uniforme POP. No primeiro ano desta ação, o time cearense foi além e a camisa foi comercializada apenas por ambulantes cadastrados, que puderam adquirir a peça pelo preço de custo.

“A camisa POP é uma ação contínua de conscientização. No início, vendíamos o modelo similar ao da temporada anterior. Os torcedores nos ajudam, com denúncias sobre produtos piratas que estão sendo comercializados. Em alguns casos, abordamos as empresas e as tornamos licenciadas, ramo que é cada vez mais importante na engrenagem do clube”, explicou Renan Menezes, gerente de licenciamento do Fortaleza.

Já o Juventude tem sua marca própria, a 19Treze, e lançou nesta temporada a “Camisa Pirata”, com acabamento diferenciado. “Conseguimos atingir muitas pessoas que não têm condições de comprar os produtos originais. As vendas com o projeto representaram quase 20% do que comercializamos no ano passado”, afirma Fábio Pizamiglio, vice-presidente de marketing.



“

Se você pesquisar por ‘camisa da seleção’, vai ver até vídeos de fábricas no exterior falsificando essas camisas para colocar na mão do consumidor brasileiro por um preço muito baixo

Renato Jardim

O empresário Renato Jardim diz que a camisa pirata entra no Brasil sem pagar imposto

JOVENS NA EUROPA

Crise impede retenção de jogadores

Futebol brasileiro não consegue segurar os mais jovens pela necessidade dos clubes de pagar contas e aliviar finanças

Ricardo Magatti
 Agência Estado

As vendas de jovens atletas por parte de clubes brasileiros para europeus, motivadas, sobretudo, pela necessidade dos clubes de pagar as contas e aliviar a crise financeira, se repetem com força no Brasil e a sinalização é de que não haverá mudanças no futuro. Esse movimento impede a retenção dos talentos e é um obstáculo para o fortalecimento do futebol brasileiro, que

“Os europeus dão continuidade ao desenvolvimento dos jovens lá. Muitas vezes, compram e preparam o atleta. Às vezes emprestam para o time B, da segunda divisão, para ganhar experiência. Eles vêm com um objetivo já definido. É por isso que têm muitos olheiros. Esses caras tentam encontrar o timing certo de levar nosso ‘Mickey’, nossa ‘Minnie’, nossos grandes atrativos”, salienta Fábio Wolff, sócio de agência de marketing esportivo.

quinhos. Nenhum desses jovens tem mais do que 20 anos. Savinho fez menos de 30 jogos entre os profissionais do Atlético

“Estamos vendendo nossa matéria-prima muito cedo. Temos que valorizar nosso futebol e melhorar a estrutura. A estrutura do País e do futebol é ruim”, contesta o técnico Vanderlei Luxemburgo. Acostumado a trabalhar com a base, o veterano treinador subiu 12 jogadores para o profissional do Palmeiras, penúltimo clube de sua carreira, e trabalhou brevemente com Vitor Roque no Cruzeiro. “Além do mais, o jogador também quer ter uma experiência nas grandes ligas europeias, por isso essa é uma rota sem



Foto: Divulgação/Real Madrid

Rodrygo e Vinicius Júnior foram negociados antes de completar 18 anos e fazem sucesso no Real

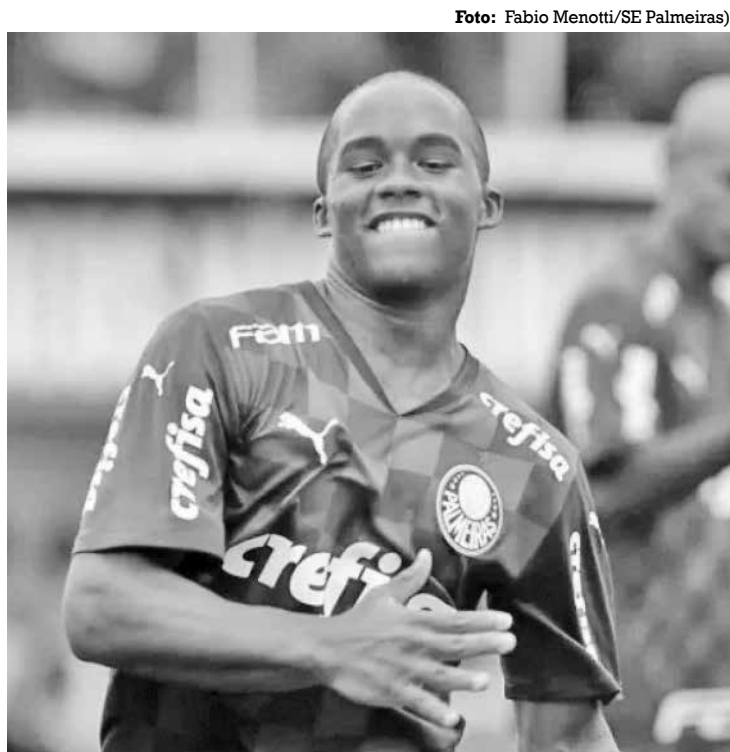


Foto: Fábio Menotti/SE Palmeiras

Endrick, do Palmeiras, já gera grande interesse dos europeus

se organiza, com lentidão, para formar uma liga independente da CBF

O Brasil, entendem os especialistas ouvidos pelo Estadão, é e continuará sendo o principal exportador de talentos. Os clubes do País revelam “pé de obra” de qualidade, mas não conseguem mantê-los por muito tempo porque

Wolff cuida desde janeiro deste ano da gestão da imagem de Endrick, fenômeno da base palmeirense. O atacante, precoce em campo e fora dele, com decisões e postura incomuns para um garoto de 16 anos, ainda nem estreou no profissional do Palmeiras, mas já gera interesse de gigantes europeus, como Real Madrid e Barcelona.

fim”, afirma o advogado Eduardo Carlezzo.

Outros fatores vão além da necessidade de aumentar o faturamento e reduzir os passivos. A desvalorização do real frente ao euro e à libra e o desejo do atleta de jogar na Europa também fazem a diferença nesse movimento. “O que acontece é que o atleta começa a performar, surgem especulações de que times de fora querem levá-lo, aí tudo isso mexe com a cabeça dele e começa a aparecer a vontade de ir embora”, diz Marcelo Vilhena, coordenador das categorias de base do São Paulo.

Para Vilhena, as saídas precoces são uma tendência, mas não um processo irreversível. “Isso também varia de clube para clube. Há clubes com a política de vender os seus atletas de forma mais precoce, mas há outros que preferem e podem segurar um pouco mais. Creio que seja algo muito particular, de clube para clube”, considera.

Existe, em alguns casos, a frustração de torcedores ao ver atletas de seus times saindo antes de consolidar sua performance esportiva. Isto é, existe o retorno financeiro, mas não esportivo em muitos casos.

Há, em outras situações, a impressão de que o valor da venda não é o ideal. Isso ocorreu na negociação de Veron, ao passo que a presidente do Palmeiras, Leila Pereira foi muito cobrada porque houve o entendimento de que era possível faturar mais com o atacante de 19 anos, uma das principais revelações do clube nos últimos anos.

■ O Brasil continuará sendo o principal exportador de talentos no futebol para o mundo

“Digo que cada clube precisa saber muito bem ‘onde é que aperta o calo’. É importante que essas vendas, quando aconteçam, atendam minimamente os anseios econômicos e financeiros dos clubes. Obviamente que sempre é melhor ter o retorno técnico inicial para depois ter o retorno financeiro, mas nem sempre isso é possível”, argumenta Júnior Chávare, diretor executivo de base com passagens por Grêmio, São Paulo, Atlético-MG e Bahia.

“Creio que o ideal é o clube tentar se proteger e amarrar bem o negócio. O ideal é manter uma porcentagem do atleta ou alguma coisa que lhe permita receber uma compensação em caso de êxito do atleta no exterior”, analisa o coordenador da base são-paulina, citando o caso de Antony, vendido pelo Ajax ao Manchester United por 100 milhões de euros. A transação renderá quase R\$ 100 milhões ao São Paulo, clube formador do atacante.

Valorização da base

Nesse cenário, investir na base tem sido o melhor caminho para as agremiações brasileiras. Fortalecer as categorias inferiores garante negociações vultosas e retorno esportivo em muitos casos. Clubes com maior poder financeiro

ro costumam manter seus jogadores por mais tempo, a fim de que os ganhos técnicos reflitam em títulos e, consequentemente, em vendas maiores.

Presidente do Internacional, tradicionalmente conhecido por ser um clube revelador de talentos, Alessandro Barcelos entende que o País faz a avaliação de que existe potencial para aumentar o volume de jovens que pos-

lar suas categorias de base em 2015, com um investimento alto, parte de um projeto ambicioso, e colhe frutos com as transações de Gabriel Jesus, Gabriel Verón e Patrick de Paula (este para o Botafogo). A saída de Danilo para a Europa também é iminente. E Endrick, no futuro, certamente renderá um valor expressivo.

“Os clubes passaram cada vez mais a entender



Foto: Divulgação/São Paulo

O São Paulo não resistiu e negociou Marquinhos para o Arsenal

sam estar em grandes times europeus.

“Eu acredito que as categorias de base do Brasil em geral são de excelência, tanto que revelamos muitos jovens. É verdade que pode ser aperfeiçoado, mas esse é um trabalho contínuo e vários clubes têm melhorado muito a sua performance”.

O Palmeiras, por exemplo, começou a reformu-

que base é investimento e não despesa”, reforça Júnior Chávare. “Eu não vejo, na América do Sul, nenhum país que tenha tanta qualidade e quantidade a agregada quanto o nosso. Vemos até clubes que nem disputam alguma divisão com centro de treinamento de alta qualidade e trabalhos com metodologias muito bem definidas”, justifica.



Foto: Cesar Greco Palmeiras

Gabriel Verón trocou o Palmeiras pelo Porto no mês passado

dependem do dinheiro das negociações para equilibrar o orçamento.

Muitos jovens, inclusive, nem terminam seu desenvolvimento no clube que o formou, uma tendência reforçada nos últimos anos. O Real Madrid, por exemplo, comprou Vinicius Junior e Rodrygo quando eles ainda eram menores de idade. Ao completar 18 anos, idade mínima para deixar o País, os atacantes se mudaram para a Espanha, ainda longe de alcançar o ápice técnico.

Talentos

Na última janela de transferências, o Palmeiras negociou Gabriel Veron com o Porto, de Portugal, por 10 milhões de euros, o Flamengo recebeu 7,5 milhões de euros do Almería pela venda de Lázaro, o Atlético Mineiro mandou Savinho para o Troyes, da França, ao custo de 6 milhões de euros - o time francês emprestou posteriormente o atacante para o PSV, da Holanda - e o São Paulo aceitou a proposta do Arsenal de 3,5 milhões de euros por Mar-

“**Eu acredito que as categorias de base do Brasil, em geral, são de excelência, tanto que revelamos muitos jovens. É verdade que pode ser aperfeiçoado, mas esse é um trabalho contínuo de vários clubes**”

Alessandro Barcelos



Foto: Gilvan de Souza/Flamengo

O Flamengo também não conseguiu segurar o atacante Lázaro

NO MARACANÃ

Fla-Flu é o destaque do Brasileirão

Rodada deste domingo terá sete jogos, e o líder Palmeiras enfrenta o Santos, às 18h30, no Allianz Parque

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Hoje é dia de Fla-Flu no Rio de Janeiro, a partir das 16h, no Maracanã, válido pela 27ª rodada do Brasileirão. Os dois clubes estão empatados com 45 pontos conquistados, mas o Flamengo tem um saldo de gols melhor, e por isso, ocupa a terceira colocação, enquanto que o Fluminense está em quarto lugar. O vencedor pode terminar a rodada na segunda colocação, que hoje pertence ao Internacional. Na última rodada, o Flamengo empatou em 1 a 1 contra o Goiás, fora de casa, e o Fluminense vem de uma vitória por 2 a 1 sobre o Fortaleza.

Apesar da igualdade no Campeonato Brasileiro, os dois clubes cariocas estão vivendo uma semana completamente diferente. Enquanto o rubro-negro comemora a classificação para a final da Copa do Brasil, confirmada com uma vitória por 1 a 0 sobre o São Paulo, na última quarta-feira, o Fluminense amarga a eliminação da competição, após ser goleado por 3 a 0 pelo Corinthians, na última quinta-feira.

Os números de um dos clássicos mais tradicionais do futebol brasileiro são favoráveis ao Flamengo. Os dois clubes já se enfrentaram 370 vezes, com 135 vitórias (36 por cento) do Flamengo, 119 (32 por cento) empates e 116 (31 por cento) do Fluminense. Pelo Brasileirão, o Fla também leva vantagem sobre o Flu, com 25 vitórias contra 23 do adversário e 16 empates.

No Flamengo, o clima não poderia ser melhor, com o clube já classificado para a decisão da Copa do Brasil e da Libertadores. Porém, no Brasileiro, a distância para o líder Palmeiras é de nove pontos, considerada muito alta para ser atingida. O técnico Dorival Junior ainda assim acredita na possibilidade de ser campeão, e para tanto, pode escalar o time A nessa partida, porque a equipe vai passar vários dias sem jogos, por causa da data Fifa. Sendo assim, tudo indica que só haverá mudanças na zaga, e nos outros setores, o time deverá ser o mesmo que enfrentou o São Paulo na última quarta-feira. As mudanças possíveis seriam a dupla David Luiz e Léo Pereira, que jogaram duas partidas seguidas, e o lateral Felipe Luís, que tem uma idade muito avançada e jogou na última quarta-feira. Neste caso, a zaga seria Pablo e Fabrício Junior e Ayrton Lucas entraria na lateral esquerda.

No Fluminense, o técnico Fernando Diniz trabalhou muito nos últimos dias com a parte psi-



Foto: Gilvan de Souza/Flamengo

Flamengo e Fluminense voltam a se enfrentar e devem contar com a força máxima no clássico

■ **O Corinthians, que está na final da Copa do Brasil, vai jogar fora de seus domínios contra o América Mineiro**

cológica dos atletas. Ele não quer saber de juntar os cacos e deixou bem claro que o time perdeu para o Corinthians, mas saiu de cabeça erguida e vai para o clássico com tudo, em busca de uma melhor colocação no Brasileiro. O treinador terá um retorno importante para esta partida, o volante André, que é considerado hoje um dos melhores do país.

Bragantino x Goiás

Os jogos deste domingo serão abertos logo às 11h, com o jogo entre o Red Bull Bragantino e Goiás, no Estádio Nabi-Abi-Chadid, em Bragança Paulista. As duas equipes vêm de bons resultados. O time paulista foi até Minas Gerais e arrancou um

empate contra o Atlético Mineiro em 1 a 1. Este foi também o placar de Goiás e Flamengo. No momento, o Bragantino está na 11ª posição, com 33 pontos, enquanto que o Goiás está na 9ª posição, com 36 pontos.

Ceará x São Paulo

Na Arena Castelão, às 16h, em Fortaleza, o Ceará vai receber o São Paulo, numa luta direta para não se aproximar da zona de rebaixamento. O clube cearense vem de uma vitória importante por 2 a 1 sobre o Santos e está na 14ª colocação, com 31 pontos. Já o tricolor paulista tem também 31 pontos e está na 13ª posição. Na última rodada, o clube empatou em 1 a 1 com o Corinthians.

América-MG x Corinthians

O América Mineiro vai enfrentar o Corinthians, a partir das 18h, no Estádio Independência, em Belo Horizonte. O Timão se classificou na última quinta-feira para as finais da Copa do Brasil, com uma vitória maiúscula sobre o Fluminense, por 3 a 0. A equipe paulista está na 5ª posição, com 44 pontos e agora tenta diminuir a diferença para o líder Palmeiras, que tem 54 pontos.

Já o América vem fazendo uma excelente campanha, na 8ª colocação, com 36 pontos. O Coelho conseguiu arrancar um empate em 0 a 0 contra o Botafogo, no Rio de Janeiro, na última rodada.

Juventude x Fortaleza

No mesmo horário, em Caxias do Sul, o Juventude vai receber o Fortaleza, no Estádio Alfredo Jaconi. O time gaúcho é o lanterna e candidato ao rebaixamento, com apenas 18 pontos, e vem de uma derrota fora de casa para o Palmeiras, por 2 a 1. Já o Fortaleza vinha fazendo uma grande campanha no segundo turno, mas acumulou duas derrotas seguidas, sendo a última para o Fluminense por 2 a 1, no Rio de Janeiro. O clube cearense tem 30 pontos e está na 15ª colocação.

Palmeiras x Santos

O líder Palmeiras tenta esquecer a eliminação da Libertadores e se manter na ponta da competição nacional. O Verdão vai receber o Santos, num clássico a partir das 18h30, no Allianz Parque, em São Paulo. O porco tem 54 pontos e vem de uma vitória por 2 a 1 sobre o Juventude, na última rodada. Já o Peixe vem

Jogos de hoje

■ Brasileiro (Série A)

11h
Bragantino x Goiás
16h
Flamengo x Fluminense
Ceará x São Paulo
18h
América-MG x Corinthians
Juventude x Fortaleza
18h30
Palmeiras x Santos
19h
Athletico-PR x Cuiabá

■ Brasileiro (Série C)

16h
Vitória x Figueirense

■ Brasileiro (Série D)

16h
América-RN x Pouso Alegre

mal e demitiu o técnico Lisca, após a derrota para o Ceará por 2 a 1. O time tem 34 pontos e está na 10ª posição.

Athletico-PR x Cuiabá

O Clube Athletico Paranaense conseguiu a classificação para a grande final da Libertadores e agora tenta subir de posição no Brasileirão enfrentando o Cuiabá, a partir das 19h, na Arena da Baixada. O rubro-negro está na 6ª colocação com 43 pontos e vem de um empate em 1 a 1 com o Avaí, fora de casa. Já o Cuiabá é o primeiro da zona de rebaixamento, com 26 pontos, e vem de uma derrota por 1 a 0 para o Internacional, em Porto Alegre.

Atlético-GO x Internacional

A 27ª rodada será concluída amanhã, com o jogo entre o Atlético Goianiense x Internacional, a partir das 20h, no Estádio Antônio Accioly, em Goiânia. O time da casa é o penúltimo colocado, com apenas 22 pontos, e vem de uma derrota para o Coritiba por 2 a 1. Já o Internacional luta para se aproximar do líder Palmeiras. O Colorado está na 2ª colocação com 46 pontos e vem de uma vitória em casa sobre o Cuiabá, por 1 a 0.

INSCRIÇÕES ABERTAS

Sesc Duathlon vai acontecer pela primeira vez em Campina

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Estão abertas as inscrições para o Sesc Duathlon Campina Grande que acontece no dia 16 de outubro. A prova, realizada pela primeira vez na cidade, terá largada às 6h da manhã, em frente ao Sesc Açude Velho. O link para inscrição está disponível no site www.sescpb.com.br.

A prova inicia com uma corrida de cinco quilômetros, seguido de 20 quilômetros de pedal, encerrando com outra corrida de 2,5 quilômetros. Serão oferecidas as modalidades individual e revezamento.

A retirada do kit acontece no dia 15 de outubro, das 10h às 15h, no Sesc Açude Velho. O atleta deverá comparecer pessoalmente, portando um documento original com foto. A organização da prova orienta sobre a obrigatoriedade de termo de autorização, no caso de retirada por terceiros. Atletas menores de 18 anos deverão apresentar termo de responsabilidade assinado pelo responsável legal.

Os três primeiros colocados (masculino e feminino) nas categorias individual e revezamento geral e individual e revezamento comercial receberão troféus. Não haverá premiação por faixa etária.

Programação da Prova

4h45: Abertura do bike check-in
5h45: Fechamento do bike check-in
6h: Largada
8h30: Início do bike check-out
9h: Início da premiação

Individual: Corrida 5km (2 voltas no Açude Velho) + Bike: 20km (4 voltas no Açude Velho) + Corrida: 2,5km (1 volta no Açude Velho)

Revezamento: (2 ou 3 atletas sem distinção de gênero): Cada participante pode escolher a modalidade (corrida e/ou bike) que desejar. Por exemplo, na equipe com 2 atletas, o 1º atleta pode correr (5km), o 2º atleta pedalar (20km) e o 1º ou 2º atleta correr (2,5km). Ou então, o 1º atleta pode correr (5km) e pedalar (20km), enquanto o 2º atleta faz apenas a última corrida (2,5km). A combinação não tem relevância para a prova, contanto que cada participante conclua a sua modalidade. Na equipe com 3 participantes, cada um poderá escolher qual modalidade deseja realizar, que pode ser correr 5km, pedalar 20km, correr 2,5km.

Histórias de um Nordeste brasileiro/holandês

Grupo de pesquisa paraibano se dedica a resgatar eventos da passagem europeia por terras nordestinas, a partir do século 16, com intuito de descobrir mais sobre personagens importantes do período colonial, invisibilizados nos registros oficiais e quase desconhecidos no país

Nalim Tavares
 Especial para A União

Entre 1630 e 1654, os holandeses ocuparam o Nordeste do Brasil a fim de dominar a produção açucareira da região. A invasão, que começou em Pernambuco, foi se expandindo por outros territórios, alcançando áreas como a Paraíba e o Sergipe. Hoje, resgatar essa parte da história pode nos ajudar a saber mais sobre os antigos povos locais, invisibilizados pela historiografia colonizadora.

“Podemos citar Pedro Poty, o líder potiguara aliado aos holandeses; Calabar, o senhor de engenho e comerciante que se aliou aos holandeses; e todo um povo massacrado pela Inquisição”, diz a historiadora Ronilene Diniz, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep).

Para entender melhor a chegada dos holandeses no Brasil, é preciso voltar um pouco mais no tempo, até os anos finais do século 16. Em 1578, uma crise de sucessão dinástica atingiu Portugal: o rei Dom Sebastião, morto na batalha de Alcácer-Quibir, entre portugueses e marroquinos, não tinha filhos, e o sucessor, seu tio-avô Dom Henrique, faleceu dois anos depois, também sem herdeiros. Assim, Felipe II, na época rei da Espanha, dotado de ascendência portuguesa, reivindicou e assumiu o trono em agosto de 1580.

De 1580 a 1640, as Coroas portuguesas e espanholas pertenceram a mesma pessoa, em um período conhecido como União Ibérica. Enquanto isso, já interessados na economia açucareira do Brasil, os holandeses, imersos em um conflito com a Espanha – conhecido como a Guerra de Oitenta Anos, que durou de 1568 a 1648 – encontraram um motivo para invadir o Brasil.

Antes da União Ibérica, a Holanda tinha participação na comercialização do açúcar brasileiro. Quando Portugal e Espanha unificaram as Coroas e o Brasil passou a ser domínio espanhol, os holandeses perceberam que podiam atingir os inimigos, como represália pela guerra que estavam travando.

Apesar de não ter sido a primeira investida holandesa contra territórios sob o domínio de Portugal, a invasão ao Nordeste do Brasil foi a primeira que, de fato, foi bem-sucedida. Antes dela, em 1624, os ho-



Foto: Reprodução/ Wikipédia/Nicolaes Visscher

Interessados na colônia brasileira, os holandeses fizeram investimentos na economia e incentivaram a vinda de cientistas

landeses haviam tentado ocupar o território brasileiro por Salvador, chegando a permanecer durante o período de um ano.

Ocupação

Na Paraíba, em 1587, a evangelização católica tinha começado na força, sob o comando dos luso-hispânicos. A Holanda, por sua vez, permitiu uma certa liberdade religiosa ao conquistar o território. Além disso, sob o comando de Maurício de Nassau, mais investimentos foram feitos na economia açucareira, e cientistas e artistas foram incentivados a virem para o Brasil, onde puderam desenvolver uma série de estudos sobre a fauna e a flora locais, além de investigar algumas doenças que atingiam a população.

Na década de 1640, contudo, Maurício de Nassau acabou entrando em conflito com a administração holandesa e retornou ao país. A partir daí, a colônia no Brasil entrou em decadência. Ao mesmo tempo, Portugal readquiriu sua independência e iniciou esforços para recuperar sua colônia, estimulando os colonos ao confronto. A rendição holandesa aconteceu em 1654.

“

Nossa proposta é oportunizar conhecimento sobre a presença holandesa no Brasil colonial

Tânia Nóbrega

Grupo propõe uma nova leitura do passado

As histórias sobre esse período da colonização brasileira serão a pauta, nos dias 19 e 20 deste mês, de um seminário promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) intitulado “Os Holandeses nas capitânicas da Parahyba e Pernambuco”. Idealizado e organizado pelo Grupo de Pesquisa em História do Brasil-Holandês do Instituto. O evento acontecerá no auditório do Iphaep, no Centro de João Pessoa, e contará com a presença da cônsul da Holanda no Recife, Anneloijn Q. van Den Hoek.

O grupo se dedica a pesquisar, estudar e reconhecer as lutas e resistência, bem como todo o legado cultural, artístico e histórico da Holanda no Brasil, e se reúne todas as terças-feiras.

O tema do evento é “Uma nova leitura da descrição geral da capitania da Parahyba, de Elias Herckmans”. Segundo a historiadora Ronilene Diniz, “o processo de uma nova

leitura visa buscar a história de grupos, etnias, povos e indivíduos que lutaram ao lado dos holandeses”.

Exposições

Durante o seminário, o Iphaep promoverá uma série de exposições, entre elas: “As mulheres tejudupapo e os holandeses”, mediada pela pedagoga Rosane Lacet; “Pedro Poty e Calabar no romance histórico brasileiro”, ministrada pelo jornalista Ademilson José; “Judeus nas capitânicas da Paraíba e Pernambuco”, com o historiador Edvaldo Lira e, por fim; “A singularíssima Ana Paes D’Alto e o Brasil holandês”, pelo antropólogo Carlos Azevedo.

“O desafio maior é justamente tentar resgatar as figuras de Pedro Poty, Calabar, e dos povos e etnias que estiveram do lado dos holandeses”, diz Ronilene Diniz. As mulheres tejudupapo herdaram seu nome do distrito de Goiana (PE), onde residiam, lutaram para expulsar os holande-

■ Pesquisar a história é tentar encontrar formas de visibilizar personagens importantes e esquecidos

ses do território goianiense, e hoje são chamadas de heróinas. Ana Paes D’Alto, uma mulher pernambucana à frente do seu tempo, observou de perto o desenlace dos embates, e mudou-se para a Holanda após a retomada do Brasil pelos portugueses, junto com um esposo holandês.

Para o grupo, relembrar o passado e conversar sobre os 24 anos dos holandeses no Brasil é pesquisar a história e tentar encontrar formas de visibilizar personalidades importantes.

Segundo a diretora executiva do Iphaep, Tânia Nóbrega, a proposta do evento é “oportunizar ao público-alvo conhecimento histórico, social e cultural da presença holandesa no Brasil colonial.” O seminário procura conversar, especialmente, com acadêmicos das áreas de História, Sociologia, Antropologia e Filosofia de faculdades públicas e privadas, e também com alunos do 3º ano do Ensino Médio.

Foto: Arquivo pessoal



Grupo se reúne todas as terças-feiras para estudar as lutas e o legado cultural deixado pelos holandeses durante a ocupação no Brasil

Oscar de Oliveira Castro

Homem de variadas formações acadêmicas e grande círculo de amizades

Ilustração: Tonico



Levava suas reflexões para as páginas dos jornais locais, nos quais escrevia sobre temas diversos

Lucilene Meireles
lucilene@meireles@epc.pb.gov.br

Oscar de Oliveira Castro foi um jornalista, escritor, médico, professor universitário e advogado. Nascido em 27 de abril de 1899, no município de Bananeiras, no Brejo paraibano, era filho de Joaquim Ferreira de Castro e Amália de Oliveira Castro. Foi casado com Marieta de Miranda Henriques, de uma tradicional família paraibana, com quem teve sua única filha, Maria Lúcia de Castro Menezes, já falecida. Durante 36 anos, foi presidente da Academia Paraibana de Letras (APL), assumindo diversos cargos públicos ao longo de sua trajetória profissional. Faleceu em 14 de julho de 1970.

Em 1906, aos sete anos de idade, iniciou os estudos, concluindo o primário no Instituto Bananeirense. Ao terminar o primário, veio morar em João Pessoa, onde cursou o secundário no Colégio Diocesano Pio X. Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco.

Sua esposa, Marieta, era filha de Alfredo de Miranda Henriques, grande proprietário rural no Brejo e dono de um engenho de açúcar entre as cidades de Areia e Serraria. Marieta era sobrinha de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, primeiro Arcebispo da Paraíba, e prima do médico e político Walfrido Guedes Pereira, que foi prefeito de João Pessoa.

Em 1923, concluiu o curso de Medicina na Escola de Medicina do Rio de Janeiro e, apesar dos convites para atuar no Rio, decidiu voltar para a Paraíba, onde foi nomeado diretor da Assistência Municipal pelo então governador do Estado, Solon de Lucena. Ele ficou no cargo por 24 anos, mas nesse período desempenhou ainda as funções de secretário de Educação e diretor e organizador do Departamento de Serviço Social do Estado. No Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), ingressou em 15 de novembro de 1947.

Além de médico, Oscar de Castro foi professor dos colégios Diocesano Pio X, Nossa Senhora de Lourdes, das Neves, Lyceu Paraibano, Faculdade de Filosofia, Escola de Serviço Social, Faculdade de Medicina e Faculdade de Direito da Universidade da Paraíba. Foi ainda membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e da Academia Carioca de Letras. Durante 25 anos, ficou na presidência da Academia Paraibana de Letras. Recebeu os títulos e honrarias: Honra ao Mérito, da Standard do Brasil; Cidadão Pesseense, da Câmara de Vereadores de João Pessoa; Medalha de Prata, comemorativa do Tricentenário da Restauração Pernambucana; Medalha Guararapes, de bronze, concedida pelo governo do Estado de Pernambuco.



Foto: Arquivo da família

Afeito a bons relacionamentos, Oscar de Castro (ao centro) era conhecido por ter muitos amigos, ao mesmo tempo em que se mantinha longe da política

Dedicava-se ao ensino e escrevia para os jornais paraibanos

Oscar de Oliveira Castro foi um médico que se dedicava à saúde pública. "Como homem, uma pessoa muito bem humorada, que tinha como característica uma sonora gargalhada. Era assim na família e com os alunos de Medicina Legal, matéria que ensinava na Faculdade de Direito", relatou a sobrinha Ângela Bezerra de Castro, atual presidente da Academia Paraibana de Letras.

Ela lembra também de um episódio em que o tio defendeu estudantes dentro da instituição de ensino.

"Quando o Exército, no período da Ditadura, invadiu a Faculdade de Direito, acusou os alunos de serem usuários de maconha. Ele foi em defesa dos estudantes, provando que a maconha encontrada era do laboratório de Medicina Legal, que ele usava em suas aulas", comentou.

Por sua forma de ser e de resolver situações, Oscar de Castro também foi homenageado, emprestando seu nome ao Instituto de Medicina Legal do Estado da Paraíba, ao Colégio Oscar de Castro, no bairro de Cruz das Armas, em

João Pessoa. Em sua cidade natal, Bananeiras, o posto telefônico instalado no sítio Pilões do Maia tem o nome dele, assim como também virou nome de rua, a Professor Oscar de Castro, no bairro João Agripino, na capital.

Como escritor, deixou algumas publicações: Ensaio, 1945; Medicina na Paraíba, 1945; Vultos da Paraíba (Patronos da Academia), 1955; José Lins do Rego (Depoimento), 1962; Contribuição à História da Farmácia na Paraíba (separata de Vida e Cultura, órgão oficial

da Sociedade Cultural Luso-Paraibana de Estudos e Pesquisas), 1964; Exaltação aos Moços, 1965; Arruda Câmara, 1967; Crimes e Personalidades Psicopatas, 1969. As obras inéditas que deixou foram Visões de Artes na Paraíba, Gente que a gente encontra e Memórias. Oscar de Castro foi ainda colaborador dos jornais locais, nos quais escrevia sobre temas diversos, conforme aponta a publicação Pequeno Dicionário dos Escritores da Paraíba do Século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand, organizado por So-

corro de Fátima Pacifico Barbosa. Tinha boas relações e manteve muitos amigos, mas preferiu manter-se distante da política. Entre os amigos, personalidades como José Américo de Almeida, Flóscolo da Nóbrega, Luiz Gonzaga de Miranda Freire, Humberto Nóbrega, Walfrido Guedes Pereira, Trajano Pires da Nóbrega, João Maurício de Medeiros, Fernando Carneiro da Cunha Nóbrega, Ernani Aires Sátiro e Sousa, Abelardo de Araújo Jurema, Damásio Barbosa de Franca, José D'Ávila Lins e Assis Chateaubriand.

Angélica Lúcio

Joga pedra na Geni: a preocupante escalada de ataques a jornalistas mulheres

Foto: Divulgação

"Joga pedra na Geni/ Joga pedra na Geni/ Ela é feita pra apanhar/Ela é boa de cuspir". Em 2022, segundo a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), 73 ataques foram registrados contra jornalistas mulheres no Brasil. A maioria deles (64.4%) contém discursos estigmatizantes que buscam difamar e constranger as vítimas. Desses, 70,2% são discursos de autoridades e figuras proeminentes, e 53,2% são campanhas sistemáticas de ataques.

Em 31,5% dos casos no Brasil, os ataques são de gênero. Dentre eles, 56,5% são ataques à reputação e à moral, usando a aparência, a sexualidade ou traços sexistas de personalidade para agredir. As demais situações envolvem agressões físicas e censura na internet.

Na maioria dos casos (75,3%), a cor das vítimas é branca e em 12,3% dos ataques, negra. Em 80,2% dos casos, os agressores são homens. Em 53,4% dos casos, a vítima cobria temas políticos.

"Joga pedra na Geni/ Joga pedra na Geni/ Ela é feita pra apanhar/Ela é boa de cuspir".

10 de maio - Paula Araújo e Patrícia



Vera Magalhães, vítima de ataques a jornalistas

Santos transmitiam ao vivo uma reportagem para a GloboNews quando foram vítimas de tentativa de atropelamento. A agressão ocorreu numa avenida movimentada da zona Sul de São Paulo.

1º de junho - Daniela Lima, da CNN Brasil, foi atacada pelo presidente Jair Bolsonaro na data em que se comemorava o Dia da Imprensa. Ele a chamou de "quadrúpede" ao se referir a uma fala distorcida da jornalista, que já havia sido alvo de bolsonaristas.

5 de junho - Vanessa Lippelt, editora do Congresso em Foco, sofreu ameaças de morte e estupro depois da publicação de uma reportagem sobre as atividades de um fórum anônimo que planejava a produção de conteúdo desinformativo para favorecer o presidente Jair Bolsonaro (PL).

6 de junho - Amanda Klein, jornalista da Jovem Pan, é atacada pelo presidente Jair Bolsonaro após o mandatório ser questionado sobre suspeitas de corrupção envolvendo familiares. Ele afirmou que Amanda fazia "acusações levianas", perguntou se ela acreditava em si mesma ao se olhar no espelho e ainda mencionou a vida pessoal da jornalista.

28 de agosto - Vera Magalhães, da TV Cultura, O Globo e Rádio CBN, é atacada pelo presidente Jair Bolsonaro ao fazer uma pergunta durante debate promovido pela TV Bandeirantes. O inquilino do Planalto sugeriu que a jornalista tinha uma "paixão" por ele, que ela "tomava partido" e era "uma vergonha para o jornalismo".

31 de agosto - Katya D'Angelles, da TV Meio Norte, é atacada pelo governador Silvio Mendes (União), candidato bolsonarista. Durante sabatina na emissora afiliada da Band, em Teresina, ele disse à jornalista que ela era "quase negra, mas uma pessoa inteligente".

13 de setembro - Vera Magalhães, hostilizada durante as manifestações do 7 de Setembro, sofre novo ataque. Dessa vez, a jornalista foi vítima do deputado estadual Douglas Garcia (Republicanos) durante atuação profissional no debate com os candidatos ao Governo do Estado de São Paulo.

"Joga pedra na Geni/ Joga pedra na Geni/ Ela é feita pra apanhar/Ela é boa de cuspir".

No Brasil, uma jornalista mulher é atacada, em média, a cada três dias. Basta!

Tocando em Frente



Professor Francilino Soares
francilino-soares@bol.com.br

Sua Majestade o Rádio

Oficialmente, o rádio foi inaugurado no Brasil em 7 de setembro de 1922, há cem anos portanto, com a transmissão da fala do então presidente da República, Epitácio Pessoa, por ocasião das comemorações do Centenário da Independência, marcando a abertura da radiotelegrafia brasileira. O processo de difusão e criação de emissoras radiofônicas teve início no interior gaúcho, com a instalação da Sociedade Rádio Pelotense, com a pioneira Rádio Sociedade Gaúcha, na passagem do ano 1923 para 1924. Pouco tempo depois, graças ao médico Edgard Roquette Pinto, dava-se início ao que se convencionou chamar de a "Era de Ouro do Rádio", com a criação e instalação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora "oficial" (atual Rádio MEC), com o aval da Academia Brasileira de Ciências. Tudo foi feito, então, com participação, idealismo e paixão de um grupo de abnegados com o propósito de obter benefícios de ordem cultural, social e até política.

Em 1931, Getúlio Vargas deu início à concessão de canais particulares, tornando incipiente a legalização da propaganda comercial e institucional, nos moldes do que já vinha sendo praticado nos Estados Unidos.

Em 1934, com a instalação da PRE 8 - Rádio Nacional do Rio de Janeiro, é que ocorreu o boom radiofônico, com o início das transmissões de radionovelas, programas de auditório e de nossa mais saudosa reminiscência, o Repórter Esso, modelo de noticiário rápido e imediato que ainda impera na radiofonia dos nossos dias.

Entre as décadas de 1930 e 1950, quan-

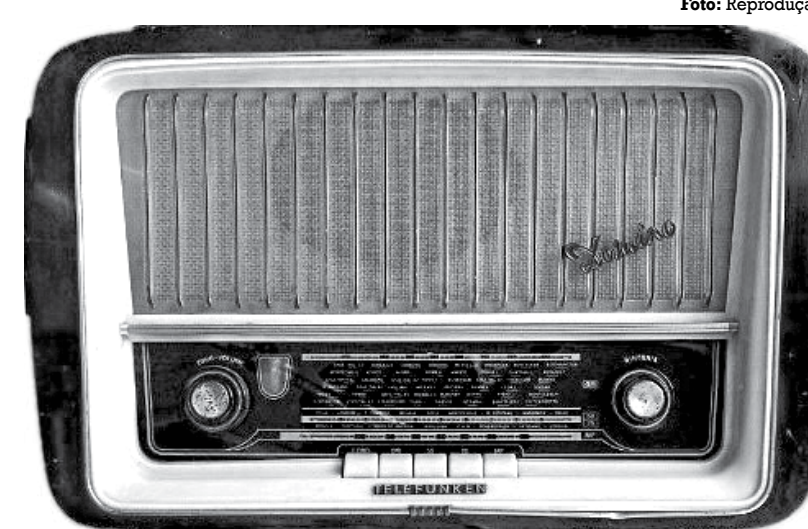


Foto: Reprodução

do, obviamente, não havia televisão, smartphones, celulares e quejandos, o rádio era o objeto de desejo das famílias mais abastadas, e poucas famílias de classe média a ele tinham acesso. Era a chamada "Era do Rádio". À noite, poucas famílias se reuniam em torno de um aparelho de rádio ligado na sala principal dos seus lares, como tempos mais tarde fariam em torno de um aparelho de TV. Quem não dispunha de um rádio se contentava em usar da boa vontade de quem o possuísse e infiltrava-se entre os atentos ouvintes, se deles fosse vizinho ou fosse "de casa". Aos que assim não podiam agir, restava-lhes "abrigarem-se" junto a alguma "boca de som", que eram chamadas de difusoras de posto, muito comuns, sobretudo em cidades interioranas e em épocas de festas cidadinas, como quermesses, quando esses aparelhos eram instalados em parques de diversão que eram instalados em pontos estratégicos. Não é demais relem-

brar que estava ali o embrião do que viria a ser o rádio que nos levou a apreciar os sucessos e os cantores da "Época de Ouro do Rádio" que, com certeza, alavancou o conhecimento que obtivemos com relação aos "cantores do rádio" e aos seus sucessos que se tornavam nacionais através das incipientes gravações elétricas.

Longe estão alguns dos nossos leitores de esquecer nomes de alguns aparelhos radiofônicos retrôs, ainda com alimentação a válvulas, que marcaram época: RCA, Mullard, Philips, Philco, Zenith, Telefunken, Semp Toshiba, GE (General Electric); posteriormente é que foram surgindo os aparelhos transistorizados e à pilha, como o Transglobe (Philco), Mitsubishi, Hitachi e outros menos votados, que nos conduziram ao hábito de sintonizar as transmissões radiofônicas. Dai advieram as antigas vitrolas e radiolas, sem esquecer os passa-discos, que insistem em permanecer em uso pelos reminiscentes saudosistas. Mas, os tempos são outros... O tempo, o mores! - diria o tribuno romano Cícero, em suas famosas Catinárias.

É dessa época que advém o nosso gosto e a nossa memória afetiva musical: foi o rádio, antes dos discos - 78 rpm, long-plays, extended-plays, compact, CDs, DVDs, Blu-ray Disc, Deezer, Spotify, Apple Music, Amazon Music, YouTube, Tidal, etc. - que nos levaram à intimidade musical com os intérpretes daqueles momentos.

Longe estão alguns dos nossos leitores de esquecer nomes de alguns aparelhos radiofônicos retrôs, ainda com alimentação a válvulas, que marcaram época: RCA, Mullard, Philips, Philco, Zenith, Telefunken, Semp Toshiba, GE (General Electric); posteriormente é que foram surgindo os aparelhos transistorizados e à pilha, como o Transglobe (Philco), Mitsubishi, Hitachi e outros menos votados, que nos conduziram ao hábito de sintonizar as transmissões radiofônicas. Dai advieram as antigas vitrolas e radiolas, sem esquecer os passa-discos, que insistem em permanecer em uso pelos reminiscentes saudosistas. Mas, os tempos são outros... O tempo, o mores! - diria o tribuno romano Cícero, em suas famosas Catinárias.



TENDÊNCIAS DE DESIGN

Luxo Décor Brasil abre portas ao público em JP

Mostra de arquitetura, interiores e paisagismo reúne grandes profissionais no Prime View

Reunindo conforto, arrojo e sofisticação, a mais nova mostra de arquitetura, interiores e paisagismo, a Luxo Décor Brasil, foi aberta em João Pessoa. Sob o tema "Conexão, liberdade e identidade no novo morar" o evento promete ser um dos principais pontos de visita e turismo, reunindo visitantes da capital paraibana e cidades vizinhas para conhecer o trabalho de grandes nomes da área de interiores da região como a arquiteta Bethania Tejo, que assina o *master plan*, além de novos talentos na área.

O evento acontece no Prime View, obra imponente da construtora NHolanda, que fica na Rua Giuseppe Duarte de Queiroz, S/N, no bairro Miramar, e conta com um luxo sustentável e funcional, para espaços elegantes e confortáveis. Ao todo, são dois mil metros quadrados divididos em 27 espaços, onde os profissionais irão apresentar tendências em decoração, construção, iluminação e automação, entre outros elementos que possam integrar uma casa luxuosa.

Durante a mostra e após seu término, estará disponível para visitação, por meio de um Tour 3D, o site www.luxodecorbrasil.com.br, com todos os seus ambientes de maneira virtual. Com um investimento de cerca de R\$ 2 milhões, a expectativa da Luxo Décor Brasil é receber entre 15 e 20 mil visitantes. A estimativa é que sejam gerados 800 empregos diretos, fora outros 100 após a abertura da mostra ao público.

Arquitetos - Muitos nomes importantes foram confirmados para a mostra, são eles: Patrícia e Bruna Lago (paisagismo da fachada), João Braz (Atrium Premier e galeria de arte), Bethania Tejo (Cocierge e Lounge LXDB e Color Business Lounge Mundo das Tintas), Andréa Miranda e Camila Fialho (Terrazzo Cabanna), João Romualdo e Eduardo Toledo (Home Office), Larissa



Fotos: Divulgação



Maciel e Juliana Almeida (Living Urbano), Antônio Neves (Sala de leitura e chá), Henrique Santiago (Sonho do Chef), Demas e Paulo César (Habitat do Bebê), Karla Barros (Refúgio do casal urbano), Lana Débora e Gabrielle Cruz (Sala de jantar), Raquel Holanda e Daniela Ladim (Lavabos Funcionais e restaurante Citric BR), Juley Pinheiro (Hall Conectivo em homenagem a Mário Glauco Di Lásocio e sala

de imprensa cristal), Germana Gonçalves (Made in PB com o Sebrae PB), Manu Mesquita (Estar da Praia), Dany Manita e Dayse Lacerda (Beer Lounge Estrella Galicia), Carliane Carvalho (Loja LXDB e café do Zé), Rodolfo Medeiros (Adega Aliança), Gabriel Cavalcanti e Fernanda Lima (Praça dos sentidos), Gaby Souza (Pet Place), Rabi Araujo e Maxwell Farias (Garagem PG Prime).



Mostra reuniu profissionais e convidados, em João Pessoa, durante o lançamento, e ficará aberta para apreciação do público

Serviço

Luxo Decor Brasil - Edição Paraíba

Quando: Desde 16 de setembro

Onde: Rua Giuseppe Duarte de Queiroz, S/N - Miramar

Horários: De terça a sábado, das 16h às 22h; domingos e feriados, das 15h às 21h

Valor dos ingressos: R\$ 50,00 (inteira), R\$ 25,00 (estudantes e idosos), gratuito (crianças até 12 anos)

Informações: (83) 99615-6300 e @luxodecorbrasil no instagram.

PRATO DO DIA

Bolo de chocolate fácil

Ingredientes

- 4 pacotes de bolacha Negresco ou Oreo (560 g)
- 450 ml de leite
- 20 g de fermento

Cobertura

- 100 g de creme de leite
- 50 g de chocolate meio amargo

Modo de preparo do bolo:

■ Bata as bolachas (com o recheio) no liquidificador até virar uma farofinha. Transfira essa farofa para uma vasilha, adicione o leite e o fermento e misture. Despeje a massa em uma forma untada (20 cm), e leve para assar em forno pré-aquecido a 200° graus por 30 minutos.

Modo de preparo da cobertura

■ Coloque o creme de leite e o chocolate em uma panela, leve-a ao fogo baixo e misture até atingir um ponto homogêneo. Faça furinhos no bolo com uma faca e despeje a mistura da panela sobre o bolo ainda quente. E sirva com café ou até com um vinho bem gelado rosé.



Foto: Divulgação

Walter Ulysses

Walter Ulysses
| Colaborador

Lançado em João Pessoa o 2º Seminário e Feira de Cachaças do Brasil

Foi trazendo números positivos do crescimento do mercado da cachaça nos cenários nacional e internacional, além da perspectiva de mais qualificação e oportunidades ao mercado paraibano, que o 2º Seminário e Feira de Cachaças do Brasil aqui em João Pessoa.

O evento de lançamento contou com uma entrevista coletiva seguida de degustação e gastronomia, no Dia Nacional da Cachaça, celebrado no dia 13 de setembro. O Brasil Cachaças vai acontecer nos dias 20, 21 e 22 de outubro no Espaço Cultural de João Pessoa.

Participaram do lançamento e da entrevista coletiva a organizadora do Brasil Cachaças Fernanda Melo; o secretário municipal de planejamento do município José William Montenegro Leal; o presidente da Fecomercio-PB, Marconi Medeiros; o presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq-PB), Roberto Germano; o diretor Executivo do Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC), Carlos Lima; o presidente da Associação Paraibana de Cachaças de Alambique (Aspeca), Múcio Fernandes; e o presidente da Associação de Produtores de Cachaça de Areias (APCA), Thiago Baracho.

Fernanda Melo fez o lançamento apresentando aos jornalistas e convidados o site do Brasil Cachaças e destacando o caráter nacional e internacional que o evento terá. "Teremos rodadas de negócios nacionais e internacionais entre produtores e compradores, seminários da cachaça com mesas redondas contendo palestras e discussões de diversos temas; na feira, teremos estandes das cachaças e uma cachaçaria, onde haverá concurso de drinks".

Todos os representantes das entidades parceiras destacaram a iniciativa em realizar o evento, bem como destacaram a importância da qualificação do mercado da cachaça na Paraíba e no país, visando mais geração da economia e ampliação das exportações no setor.

Eu questionei à mesa que na década de 80, 90 e até mesmo começo dos anos 2000, a cachaça ficava escondida a baixo do balcão e era servida por dose, e que a nossa cachaça mudou muito, hoje já podemos levar este destilado sem fazer vergonha, pois o padrão é de alto nível - chegando a valores de mais de mil reais uma garrafa - e gostaria de entender como eles vão fazer a cachaça ser levada a uma mesa sem ser só com frutas, e também ser adicionada nos pratos na verdadeira gastronomia.

O Brasil Cachaças é um evento patrocinado pela Prefeitura de João Pessoa e tem como parceiros colaborativos o Governo do Estado da Paraíba, Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq-PB), Fecomercio-PB, Sebrae-PB, Prefeitura de Cabedelo, Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC), Associação Paraibana de Produtores de Cachaça de Alambique (ASPECA) e Associação de Produtores de Cachaça de Areia (APCA).



Foto: Divulgação

Apresentação do evento reuniu entidades em JP

Walter Ulysses - Chef formado no curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa), com especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Problema social que afeta multidões

Usada de maneira sutil ou escancarada, a violência molda comportamentos e provoca danos físicos e psicológicos

Nalim Tavares
Especial para A União

“Existem tantas formas de ser violento que é difícil falar sobre esse tema de forma ampla, sem pensar em um caso específico”, analisa a psicóloga Rayanne Moreira. Segundo ela, todos nós sabemos o que a palavra violência significa, mas, às vezes, a ação violenta é tão sutil, tão psicológica, que passa despercebida. “Nem sempre sabemos apontar o que aconteceu, como começou, ou como chegou ao ponto em que chegou. Só sabemos que aconteceu e que deixou um dano físico, social, espiritual ou psicológico”.

Rayanne conta que, por décadas, a violência vem sendo conversada no âmbito da saúde: em 1996, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi convidada a desenvolver um estudo sistematizado, que categorizasse a violência e identificasse possíveis conexões entre cada uma delas. Do estudo, surgiram as tipologias da violência, e uma das mais simples divide o problema em três classes: a violência autodirigida - que aflige a si mesmo; a interpessoal - voltada para outra pessoa ou grupo de indivíduos; e a coletiva - que é social, política e econômica.

Segundo Rayanne, se debruçar sobre a violência coletiva é uma das formas mais simples de ver o quanto os tipos de violência se entrelaçam e alimentam uns aos outros. Ao contrário das demais categorias - que se referem ao alvo da agressividade, seja esta física ou psicológica - a violência coletiva, além de desenhar o padrão das vítimas, trata também das possíveis causas e motivos do agressor, que age buscando o benefício próprio, a partir da negação dos direitos de outras pessoas. Na categoria, estão inseridas violências cometidas por grandes grupos, como crimes de ódio e violência econômica, diretamente ligadas à violência interpessoal, que afeta, principalmente, mulheres, idosos e crianças.

Tipos de violência

Para explicar como essas agressões se entrelaçam, a psicóloga destaca dois tipos de violência: a patrimonial e a social. A violência patrimonial - também conhecida como econômica - ocorre quando a propriedade e os meios de subsistência de uma pessoa ou grupo são negados ou retirados por outro indivíduo ou comunidade. Já a violência social é quando um grupo se impõe sobre outro, afetando seus relacionamentos e sua integridade física e mental, desrespeitando as diferenças, sendo intolerante, buscando formas de forçar o outro a se submeter à violência.

Nas palavras de Rayanne, toda violência é brutal, mas a patrimonial é dotada de uma frieza específica, em que a liberdade da vítima é uma mentira. “Todos nós sabemos que existem grupos sociais sendo extremamente violentos,

Tipologia mais simples dos estudos da violência divide o problema em três classes: autodirigida, interpessoal e coletiva

mas algumas dessas violências, como é o caso da patrimonial, acabam sendo pouco discutidas e invisibilizadas.” Este tipo de violência está prevista como uma das formas de agressão dispostas na Lei Maria da Penha, segundo a qual a violência patrimonial pode ser entendida como “qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.”

“Mas se a vítima não tem acesso a um celular, nem aos próprios documentos, e nem tem dinheiro ou meios para sobreviver longe do agressor, que com certeza também mexe com o psicológico dessa vítima, como ela vai denunciar? Por isso precisamos falar sobre o assunto e agir a respeito, para que as vítimas saibam que não estão sozinhas, e que existe ajuda”, fala Rayanne.

Registros aumentam

De acordo com uma pesquisa desenvolvida pelo Datafolha para o C6 Bank - um banco digital brasileiro - desde o início da pandemia, em março de 2020, os números da violência patrimonial no Brasil aumentaram em 47%. Segundo o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, três mil denúncias de crimes contra a segurança financeira com vítimas do gênero feminino - grupo que mais sofre violência do tipo - foram registradas no mesmo ano. Apesar de não computados, os estudos da área garantem que esse número é maior, porque casos de violência patrimonial, bem como de tantos outros tipos, são subnotificados.

“Muitas vezes, as pessoas sequer percebem que estão sendo vítimas de violência, então como elas poderiam denunciar?”, diz Rayanne. “Se uma mulher, um idoso ou quem quer que seja não tem acesso, ao extrato bancário, por exemplo, mesmo quando a conta é conjunta, ela é uma vítima de violência patrimonial”, conta a psicóloga. “Se alguém pega seu celular, ou te impede de participar do orçamento familiar, se alguém te nega recurso para uma necessidade pessoal, você está sendo vítima de violência patrimonial. E, apesar de diferentes, é interessante observar como essa violência está ligada a grupos que, comumente, são vítimas de violência social”, reflete.



Na violência coletiva - social, política e econômica - o agressor busca o benefício próprio, a partir da negação dos direitos dos outros

Foto: Arquivo pessoal



“

Às vezes, o controle vem disfarçado de cuidado. O monitoramento constante é um sinal de alerta

Maria Vitória

Opressores usam o medo como “arma” para manter o controle

Caracterizada da forma mais básica como o preconceito, ódio e opressão de um grupo em relação a outro, a exemplo do racismo, da homofobia e da misoginia, a violência social atinge comunidades inteiras, e normalmente está ligada a outras formas de agressão, física e psicológica.

A psicóloga Rayanne Moreira explica: “Não é fácil se sentir seguro quando se é uma minoria no país. Qualquer pesquisa rápida mostra como a violência social leva a crimes de ódio, e nós aprendemos muito observando as experiências alheias. Afeta o psicológico de qualquer um ver todas as notícias sobre mulheres sendo assassinadas, pessoas trans sendo assassinadas, pessoas de um grupo do qual você faz parte sendo feridas”. Disto, Rayanne interpreta que os grupos opressores utilizam o medo como estratégia para manter o controle sobre as demais comunidades, e diz que “é preciso muita coragem para se unir aos seus e lutar pela mudança”.

Uma outra vertente da violência social diz respeito a comportamentos que visam controlar a vida comunitária de um companheiro ou pessoa próxima, impedindo visitas de familiares e amigos, mantendo a pessoa em casa, como forma de isolá-la da coletividade.

Denunciar é preciso

A psicóloga Maria Vitória, especializada em projetos sociais e políticas públicas, explica que o medo, a dependência financeira, a cultura, o preconceito e a discriminação por parte da sociedade estão entre os principais motivos que tornam difícil escapar ou denunciar alguma violência. Ela também ressalta que a manipulação e intimidação são estratégias comuns entre os agressores. “O parceiro insulta, xinga, faz pressão, ameaças”, explica. “Mas, muitas vezes, acontece de maneira sutil, até imperceptível”.

“Às vezes, o controle vem disfarçado de cuidado”, alerta. Como exemplo, Vitória cita o desejo de controlar as roupas com que a pessoa anda, os ambientes que ela frequenta e as pessoas com quem convive, utilizando estratégias para afetar a confiança e autoestima da vítima, buscando meios

de responsabilizá-la pelas atitudes do agressor, querendo sempre controlar os passos da pessoa. “Usando frases como ‘me deixa saber aonde você está’, ‘manda foto ou faz chamada de vídeo para eu ver se você chegou bem’. O monitoramento constante é um sinal de alerta”.

Para Vitória, é importante falar que, apesar do medo e de toda a intimidação, “existem leis que protegem vítimas de violência, coordenadorias, secretarias, centros especializados. É possível conseguir ajuda”.

Isolamento

Violências patrimoniais e sociais estão diretamente ligadas à violência psicológica. Ao impedir uma pessoa de utilizar o celular, um exemplo de violência patrimonial, o agressor está encontrando uma forma de isolar a vítima.

Se uma pessoa não tem acesso a meios de subsistência, se torna dependente de quem quer que possa prover sua sobrevivência.

Para Rayanne Moreira, psicóloga cognitivo-comportamental, a discussão vai muito além de uma única definição de violência. “Por exemplo, todos nós sabemos que as mulheres são um grupo que sofre diversas violências, mas, segundo o Anuário Brasileiro 2022 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 37,5% das vítimas de feminicídio são brancas e 62% são negras. Esses dados estão repletos de violência social, física e psicológica. É impossível desvincular uma da outra”.

Sinais

Querer controlar quem a pessoa anda, o que veste, ou mesmo definir quando e se ela terá acesso aos itens pessoais, é uma violência disfarçada de cuidado

PROBLEMA ENRAIZADO

Casos de violência são normalizados

Algumas situações se tornam frequentes no dia a dia e chegam a ser consideradas “brincadeiras” na sociedade

Nalim Tavares
Especial para A União

Algumas violências estão tão enraizadas no contexto social que nem se notam, são normalizadas e, às vezes, disfarçadas como se fossem brincadeiras. Enquanto algumas violências são escancaradas, voltadas para reprimir pessoas e grupos específicos, outras parecem um jogo divertido, até causarem um acidente. É o caso de uma das formas de violência no trânsito.

“Uma situação de violência é oposta, de todas as formas, ao que é saudável. Mas, ao mesmo tempo, esse é um problema enraizado na nossa vida social. Tanto que, muitas vezes, alguns tipos de violência são vistos como algo cultural”, diz a psicóloga Rayanne Moreira. “Muitos brasileiros entendem o trânsito como um ambiente estressante ou até competitivo, e isso pode ser um gatilho para frustrações, ansiedade e emoções reprimidas”. Ela continua: “Para que o tráfego flua bem, precisamos colaborar uns com os outros, seguir normas. E quando algum imprevisto acontece, quando algo foge do nosso controle, ainda mais de uma forma repentina, nós tendemos a reagir por impulso. No trânsito, isso costuma significar agressividade”.

Dados preocupam

Segundo o banco público de dados do Sistema Único de Saúde (DataSUS), em 2020, ano do último registro disponível, 11.583 motociclistas e 6,7 mil motoristas de carros morreram no Brasil. A maioria desses acidentes aconteceu em uma via pública, e 84% das vítimas eram homens. Hoje, estima-se que, em decorrência de acidentes de trânsito, 89 pessoas morrem por dia. É uma média de três mortes por hora.

“As pessoas têm essa coisa de dizer que mulheres não sabem dirigir”, diz a psicóloga Rayanne, “mas a verdade é que a maioria das mulheres é mais cuidadosa e menos estimulada no trânsito”, conta.



Foto: Depositphotos

Estresse causado pelas dificuldades em dirigir nas ruas e avenidas das cidades levam motoristas ao confronto diário, aumentando as estatísticas da violência

Trânsito se tornou “estopim” para agressões

A coordenadora da Educação para o Trânsito de Cabedelo, Abimadade Vieira, explica que o trânsito é, de fato, um ambiente estressante para os condutores, especialmente pela falta de mobilidade, que gera uma variedade de problemas. “A poluição sonora, aquele barulho intenso de motores e buzinas, tudo isso estressa muito o condutor. E, ainda, há a frustração, o medo, a irritação, o nervosismo, a preocupação. São muitas coisas que as pessoas tiram de sua rotina, do dia a dia, e levam para o estresse do trânsito”.

Para Abimadade, é a combinação de vários fatores que gera o aumento da

violência nas vias. “Você sai para trabalhar e encontra um trânsito parado, e aí vem a dor nas costas, que afeta cerca de 40% dos brasileiros, e todo aquele tempo parado no carro, faz essa dor aumentar. E tudo isso é o estopim, que pode provocar, a qualquer momento, uma discussão, uma briga no trânsito, que pode levar a acidentes e mortes”.

No começo deste ano, a cirurgiã dentista e perita criminal, Janaína Gallindo, estava ao volante de um SUV preto, pela manhã e com faróis ligados, quando viu um semáforo ficar amarelo, reduziu a velocidade e parou. “Logo atrás vinha um outro carro, que acelerou, acredito

que tentando passar antes do sinal vermelho, e acabou batendo, enterrando o carro embaixo do meu. Esse motorista era um homem, que já desceu do carro gritando. Eu também desci do carro, e tentei conversar, calma, com ele”, lembra.

Janaína conta que, graças ao conhecimento adquirido após um curso de perícia em acidente de trânsito, conseguiu se defender. “Não havia marca de frenagem no asfalto e estávamos em uma via arterial, com velocidade controlada. O outro motorista ligou para um corretor e os dois queriam me fazer arcar com o prejuízo. Eu disse que podíamos pegar as

imagens das câmeras, acionei a polícia, e fotografei todo o acidente, de vários ângulos, antes que os carros fossem removidos da via”. No entanto, ela percebeu que, quando desceu do carro, a reação do outro motorista se tornou ainda mais intensa. “Ele se tornou mais agressivo quando percebeu que era uma mulher”.

Para Rayanne Moreira, essa é só mais uma prova de que as formas de violência se conectam. “Existem muitas formas de violentar uma pessoa, e você nunca é vítima de uma só: econômica, psicológica, física, social... Uma delas, de alguma forma, está sempre vinculada a uma outra”.

Vítimas

Mulheres se sentem vulneráveis ao volante e percebem mais agressividade por parte de condutores em casos de acidentes ocorridos no trânsito

Impulsos levam a episódios de raiva e descontrole emocional



Foto: Arquivo pessoal

“

Ele se tornou mais agressivo quando percebeu que era uma mulher

Janaina Gallindo

A psicóloga Rayanne Moreira faz um alerta para a destruição de patrimônio — público ou pertencente a outrem, em decorrência de um

episódio violento. “Quebrar o celular de alguém é uma violência patrimonial. Bater em uma placa de trânsito, jogar pedra no semáforo, isso é violência no trânsito. E às vezes é premeditado, às vezes é uma explosão que nem o agressor estava esperando”.

Segundo a psicóloga, o estresse é inevitável e a raiva é um sentimento como qualquer outro, mas é preciso saber lidar com ambos. “Todos nós precisamos encontrar uma forma de aliviar a tensão, de nos manter saudáveis, porque, ao acumular irritações, eventualmente a pessoa explode. E ela nem sempre quer ser violenta, mas a raiva é tanta que ela age por impulso e, quando percebe o que fez, se arrepende”.

Nessas situações, Rayanne explica que é comum descontinuar a raiva em algo que re-

meta à causa da sua irritação, ou no que estiver mais próximo. “Vemos muito isso em filmes, gente chateada quebrando coisas, atirando pedras, entrando em uma briga no momento da raiva. Depois, vemos esse personagem levando as mãos à cabeça ou caindo no choro. Então, é preciso tomar muito cuidado com a saúde mental, para conter impulsos danosos para nós e para os outros”.

Do ponto de vista do Direito, pelo viés sociológico, as leis funcionam como um instrumento de pacificação social, que pune os infratores quando é preciso. A advogada Ana Cláudia Rodrigues explica que “o punir deriva da necessidade de controle social, com fim de alcançar todos os domínios da vida comum, considerando a cultura, os ideais coletivos e valores de cada

grupo”. Nesse sentido, buscando evitar certas ações, procura-se incentivar o indivíduo à prática de condutas almeçadas, inserindo uma noção, ideia ou valor na consciência do sujeito, de modo que ela passe a fazer parte do pensamento dele de forma natural. Isso porque, ciente da norma e do seu espírito punitivo, comumente, opta-se pela obediência aos limites.

“Não se pode negar que o conhecimento das regras e a sujeição aos limites impostos visam desencorajar a manifestação de conduta repudiada socialmente, tendo como último balizador a repressão a tais atos, punindo o transgressor. Na sociologia jurídica, está o desejo de uma harmonia social, no afã de identificar, organizar e solucionar os conflitos capazes de prejudicar o equilíbrio e a ordem social”.

VULNERABILIDADE

Mulheres são alvos mais frequentes

Sexismo presente na sociedade brasileira serve de estímulo para práticas violentas contra o público feminino

Juliana Cavalcanti
 julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

■ Diminuir o papel da mulher é, muitas vezes, uma forma de exercer o ódio dispensado às vítimas

Atualmente, diversos casos de violência ganham destaque na mídia. Muitos, inclusive, chamam a atenção pela sua crueldade. Em alguns desses crimes, existem alvos mais frequentes, como as mulheres. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mesmo com todo o avanço civilizatório - inclusive nas políticas de igualdade de gênero - a sociedade brasileira ainda é bastante sexista, registrando números alarmantes de violência doméstica e familiar contra mulher.

A servidora técnico-administrativa e vice-coordenadora do Comitê de Políticas de Prevenção e Enfrentamento à Violência contra as Mulheres na Universidade Federal da Paraíba (CoMu - UFPB), Lis Lemos, conta que o surgimento da Lei Maria da Penha, há 16 anos, representou uma resposta do Estado Brasileiro à violência doméstica. “Mas, o recente Anuário Brasileiro de Segurança Pública aponta um aumento da violência contra a mulher. Também tivemos um aumento dos feminicídios no Brasil e acredito que isso piorou muito com a pandemia da Covid-19”, avaliou.

Para a profissional, a sociedade brasileira fundou-se contra os povos originários

e segue violentando as mulheres (principalmente as negras), as populações indígenas, entre outras. “Mesmo com um maior conhecimento sobre a Lei Maria da Penha e as pessoas terem menos medo de denunciar, ainda são poucos os investimentos federais e ainda temos um Ministério (da Mulher) que praticamente não aplica nenhum recurso nesse sentido. Essa sociedade atual é uma consequência do que a gente tem vivido nos últimos seis anos. É uma sociedade que as políticas contra a violência não são prioridade”, criticou.

Subnotificação

Segundo a especialista, hoje existe uma subnotificação dessas violências, a partir do momento em que as

mulheres passam a conviver mais com o agressor e têm maior dificuldade de acessar os equipamentos públicos, como as delegacias e centros de referência. “Essa violência aumenta ao mesmo tempo que ela é um tanto mais mascarada”, alerta Lis Lemos.

Para ela, a Paraíba e o Brasil vivenciam uma crescente da violência doméstica, mesmo com a taxa de feminicídio registrando uma redução de 2020 para 2021. Segundo a vice-coordenadora, o feminicídio apresenta diminuições muito pequenas, pois o Brasil vive intensamente o machismo e o racismo estruturais, o que gera graves consequências. “Se, por um lado, a violência entre mulheres brancas diminui, quando a gente vai olhar para as mulheres ne-

gras, ela aumenta. É um país de estrutura racista fundado na escravização das pessoas negras. A gente vive em um país estruturalmente machista e racista”, lembrou.

Prática persistente

Apesar do aumento da aplicabilidade da lei e um conhecimento maior sobre ela por parte da população, a gestora lembra que a violência ainda continua alta no país devido ao maior acesso às armas de fogo, o que auxilia na perpetuação dessas práticas. “Ainda temos uma grande letalidade pois as armas vêm sendo liberadas nos últimos quatro anos. Isso também pode ser talvez um dos elementos que ‘justifiquem’ o aumento dessa violência”, elencou.

Por outro lado, Lis Lemos observa que desde 2015, a sanção da Lei do Feminicídio foi fundamental, pois os Estados começam a investigar as mortes de mulheres tratando como feminicídios para depois descartar essa possibilidade no decorrer do processo. “Na Paraíba, temos o protocolo do feminicídio, documento construído pelos equipamentos do Estado, sociedade civil e a UFPB participou da sua construção. Ele serve para dar diretrizes para investigar e punir as mortes de mulheres em razão do gênero”, explica.

De acordo com a coordenadora das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher da Paraíba (Coordeam), Sileide Azevedo, as cidades de João Pes-

soa e Campina Grande possuem a maior quantidade de notificações de violência doméstica no estado. Esse dado estaria ligado não apenas pela maior população, mas também pelo maior conhecimento dos meios de denúncia.

A delegada reconhece que o entendimento das modalidades de violência em cada região do estado é muito relevante, especialmente, a diferenciação entre as vítimas das áreas rurais e urbanas. “Além da educação, o acesso muda esse panorama e ajuda na desconstrução do machismo estrutural dessa sociedade patriarcal, o que ocorre a longo prazo. Agora, o direcionamento é para a questão do enfrentamento à violência”, acrescenta.



Foto: Freepik

Legislação brasileira criou mecanismos de proteção à mulher, mas ainda não é suficiente para garantir a redução dos casos de violência registrados no país

Agressão psicológica é a mais constante

A Lei Maria da Penha trata da violência doméstica e familiar contra a mulher e enumera os tipos que as vítimas podem sofrer: patrimonial, moral, psicológica, física e sexual. Em regra, o autor da violência doméstica e familiar é sempre um homem. Mas, essa lei pode ser aplicada quando mulheres são autoras das agressões, no caso de relações homoafetivas (duas mulheres). A medida trata da violência de gênero em razão da vulnerabilidade da mulher em relação ao homem e

uma decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) já garante a sua abrangência para as mulheres trans.

A violência sexual continua sendo uma preocupação dos órgãos de segurança pública. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, na última década (2012 a 2021), 583.156 pessoas foram vítimas de estupro e estupro de vulnerável no país, segundo os registros policiais. Somente em 2021, 66.020 boletins de ocorrência de estupro e estupro de vulnerável acontece-

ram no país, um crescimento de 4,2% em relação a 2020. Estes dados correspondem ao total de vítimas que denunciaram o caso em uma delegacia de polícia e, por isso, deve-se considerar a subnotificação.

Destaque negativo

No entanto, Lis Lemos aponta que nos últimos anos, houve um aumento do número de denúncias, pelo menos no 190, para as lesões corporais dolosas (violência física), mas a violência psicológica vem se destacando entre as demais, por estar inserida em todas as outras formas, mesmo que seja a violência física que motive a vítima a denunciar.

O mesmo fato é identificado pela delegada Sileide Azevedo. Ela ressalta que a violência psicológica está presente na maioria dos relacionamentos abusivos: o controle, a chantagem, o ciúme excessivo, entre outras atitudes que reduzem a autoestima da vítima. “A violência psicológica já era tipificada na Lei Maria da Penha, desde 2006, mas ainda não era crime naquela época. Ela foi incluída no ordenamento jurídico como crime em 2021. Agora, é crime violar psicologicamente essa mulher: humilhar, chantagear, fazer comentários depreciativos (é gorda, é feia, não consegue ninguém)”, informou.

Denunciar é caminho para romper o ciclo de violência

Outro ponto que merece destaque são os casos de assassinatos. A Paraíba registrou 32 feminicídios em 2020, 32 em 2021 e, até agora, estão em investigação 18 casos este ano. Os dados são da Coordenação das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher da Paraíba. De acordo com Sileide Azevedo, o feminicídio é quando a vítima é morta “em razão da violência doméstica e familiar” ou “em razão do gênero”. “Em 2020 e em 2021, a média era de aproximadamente 2,6 feminicídios por mês”, informou.

A investigação dos feminicídios é atribuição da Delegacia de Crimes Contra a Pessoa e a Coordeam colabora nas investigações, porque quando ocorre o crime, é preciso identificar se a aquela mulher esteve nos serviços especializados - se passou pela delegacia ou pediu medida protetiva. “A maioria das mulheres vítimas de violência doméstica, não passou pelas delegacias especializadas”, lembra.

O trabalho da Coordeam é direcionado a evitar o feminicídio, com ações como a implementação

de medidas protetivas. Entre os meses de janeiro e março de 2022 (últimos dados) foram registradas 1.018 medidas protetivas, de acordo com a Polícia Civil da Paraíba. Em 2021, foram 1.085.

As medidas protetivas de urgência (MPUs) são aplicadas a partir de uma situação de violência vivenciada pela vítima. Seu objetivo é evitar a progressão dos atos de violência, que tendem a começar com agressões verbais, passando a agressões físicas e podendo chegar ao feminicídio.

Conforme Sileide Azevedo, além do chamado ciclo da violência, as forças de segurança já utilizam o termo “espiral da violência”, para referir-se a uma violência que vai acontecendo em espaços de tempo cada vez menores e em situações cada vez mais graves. “O feminicídio é o último episódio de violência que muitas vezes é precedido por uma série de situações. Só que essa mulher nunca chegou à delegacia para denunciar então a gente não tem como interromper essa trajetória que vai culminar com a morte dela”.



Foto: Arquivo pessoal

“

Essa violência aumenta ao mesmo tempo que ela é um tanto mais mascarada

Lis Lemos

REAÇÃO

Vítimas deixam a invisibilidade

Legislação protetiva estimulou a realização de denúncias e expôs o real número de casos violentos contra a mulher

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O crescimento dos registros de violência contra as mulheres não é só o resultado do atual momento vivenciado na sociedade, mas também é justificado pelo aumento do número de denúncias. A afirmação é da gestora da Coordenação, a qual também destaca que não é apenas a grande quantidade de casos violentos verificados no cenário nacional que chamam a atenção pela sua crueldade, mas sim, quando esses crimes acontecem em espaços de tempo muito próximos um do outro. “Em abril, tivemos uma quantidade considerável de feminicídios porque houve o duplo feminicídio em Mamanguape (o marido que matou a esposa e a filha), na sequência ocorreu mais um ou dois naquele mês e, aí fica assim, um número bem chocante com datas próximas”, descreveu Sileide Azevedo.

Segundo a delegada, uma pessoa desinformada pode acreditar que a Lei Maria da Penha piorou a situação de violência porque mais casos começaram a aparecer na mídia. No entanto, a medida apenas tirou da invisibilidade uma violência que já era naturalizada em várias famílias. “O homem achava que era proprietário da mulher e acreditava que podia dispor sobre ela e quando cometia o crime e era denunciado, ele pagava cesta básica e prestava

serviço à comunidade. Hoje, a mulher se sente mais fortalecida para denunciar”, analisa.

A partir de uma maior procura aos serviços públicos de proteção, é percebido um aumento do número de medidas protetivas. “São mais mulheres procurando ajuda do que um aumento da quantidade de crimes. Os crimes acontecem todos os dias. A gente tirou da invisibilidade aquela situação”, comentou a coordena-

nadora. Sobre o assunto, a vice-coordenadora CoMu - UFPB, Lis Lemos, ressalta que na Paraíba, quase metade dos homicídios femininos acontecem em razão do gênero (porque a vítima é uma mulher) e estão ligados principalmente à violência doméstica. Ela reforça que, assim como a violência doméstica, o feminicídio

é uma realidade ainda mais constante na vida das mulheres negras, o que, segundo a coordenadora, denuncia o racismo estruturante no Brasil. “37% das vítimas são mulheres brancas. Já as mulheres negras morrem muito mais pelas mãos do feminicídio”, lamentou.

Proteção

A partir da maior procura pelos serviços públicos que fazem assistência às vítimas, tem-se percebido um aumento do número de medidas protetivas



Acolhimento é indispensável para garantir denúncias e investigações

Segundo a representante do comitê, o sistema capitalista, racista e patriarcal se organiza baseado nas formas de violência contra as populações pobres, negras, mulheres, LGBTQIAP+, indígenas e outros grupos. Porém, ela afirma que a maior atuação do poder público é fundamental para o fortalecimento da lei e o aumento da proteção da vida dessas mulheres.

Por isso, aponta como indispensável a existência de mecanismos eficazes de proteção à mulher, dentre os quais se destacam as medidas protetivas, atuação das delegacias da mulher, e de outros equipamentos públicos de acolhimento como centros de referência. “A luta do movimento feminista vem pautando o Estado através de

medidas para proteger a vida das mulheres”, comenta.

A gestora das Delegacias da Mulher reforça que quando a mulher registra a ocorrência é possível disponibilizar a ela os mecanismos de proteção. “Mas aquela que está dentro do círculo da violência e ainda não chegou para os órgãos que trabalham com esse enfrentamento direto para noticiar o crime, não é possível intervir”, argumentou.

Cenário adverso

Sileide Azevedo ressalta que sair do ciclo da violência não é fácil e a vítima não pode ser responsabilizada por estar nessa situação, pois ela pode estar sob ameaça, sofrer violência psicológica, ou mesmo depende economicamente ou vive a dependência afe-

tiva daquele agressor. Todo esse cenário impede a solução do problema.

Além disso, as pessoas que estão próximas também não querem se comprometer. Porém, quando ocorre o feminicídio, muitos parentes chegam a afirmar que sabiam que a vítima sofria violência doméstica. Sobre isso, a delegada defende que a luta contra a violência deve ser de toda a sociedade, não apenas das instituições, realizando um trabalho voltado a estimular as denúncias. “Essa vítima pode ser minha prima, amiga, irmã, vizinha ou colega de trabalho. É preciso ajudar de alguma forma essa mulher a sair desse ciclo, seja fazendo uma denúncia anônima ou fortalecendo essa mulher para que ela peça ajuda”, concluiu a delegada.



“

37% das vítimas são mulheres brancas. As mulheres negras morrem muito mais por feminicídio

Sileide Azevedo

Como Identificar

- **Violência física:** qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal (tapas, empurrões, puxões de cabelo, socos, agressões, entre outros);
- **Violência psicológica:** visa causar dano emocional, diminuição da autoestima ou controlar ações (ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, etc).
- **Violência sexual:** qualquer forma de tentar fazer com que a mulher presencie, mantenha ou participe de relação sexual não consentida (estupro, impedir de usar métodos contraceptivos, forçar gravidez, ao aborto ou à prostituição).
- **Violência patrimonial:** retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens e valores da mulher.
- **Violência moral:** são crimes contra a honra, ou seja, a calúnia (ofensor atribui um fato criminoso à vítima), difamação (atribuir um fato ofensivo à reputação da vítima) ou injúria (xingamentos que ofendem a honra da mulher).

Onde Denunciar

- 190 – Emergência Polícia Militar;
- 197 - Disk Denúncia Polícia Civil (é possível registrar a ocorrência no anonimato);
- Delegacia on-line no site www.delegaciaonline.pb.gov.br;
- 180 - Central de Atendimento à mulher nacional

Foto: Freepik